

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**ROWENA BORRALHO MONTEIRO LACERDA**

**DISCURSIVIDADE MIDIÁTICO-IDEOLÓGICA SOBRE A  
TEMÁTICA DA MULHER NO ENEM 2015**

**UBERLÂNDIA - MG**  
**JUNHO DE 2017**

**ROWENA BORRALHO MONTEIRO LACERDA**

**DISCURSIVIDADE MIDIÁTICO-IDEOLÓGICA SOBRE A  
TEMÁTICA DA MULHER NO ENEM 2015**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – Curso de Mestrado e Doutorado – do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Linguagem, texto e discurso

Orientador: Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos

**UBERLÂNDIA - MG  
JUNHO DE 2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

L131d      Lacerda, Rowena Borralho Monteiro, 1980-  
2017      Discursividade midiático-ideológica sobre a temática da mulher no  
ENEM 2015 / Rowena Borralho Monteiro Lacerda. - 2017.  
178 f.

Orientador: João Bôsko Cabral dos Santos.  
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.67>  
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Exame Nacional do Ensino Médio (Brasil)  
- Teses. 3. Análise do discurso - Teses. 4. Redação acadêmica - Teses. I.  
Santos, João Bôsko Cabral dos. II. Universidade Federal de Uberlândia.  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

---

CDU: 801

**ROWENA BORRALHO MONTEIRO LACERDA**

**DISCURSIVIDADE MIDIÁTICO-IDEOLÓGICA SOBRE A  
TEMÁTICA DA MULHER NO ENEM 2015**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – Curso de Mestrado e Doutorado – do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Linguagem, texto e discurso

Orientador: Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos

Defesa em: **14 / 07 / 2017**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos (Orientador)**  
**Universidade Federal de Uberlândia**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme**  
**Universidade Federal de Uberlândia**

---

**Prof. Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiane Carvalho de Paula Brito (Suplente)**  
**Universidade Federal de Uberlândia**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Grenissa Bonvino Stafuzza (Suplente)**  
**Universidade Federal de Goiás**

À minha mãe Maria Rosane Borralho  
Ao meu pai Silvio Euripedes Monteiro  
Aos meus filhos, Laura Borralho Monteiro  
Lacerda, Maria Luíza Borralho Monteiro  
Lacerda e Bento Borralho Monteiro Lacerda  
Ao meu marido Mozart Lacerda Filho

## Agradecimentos

Considerando o apoio que recebi durante o mestrado, mas também durante toda a minha jornada de construção de conhecimento acadêmico, lembro de forma especial

- a proteção divina que sempre tive para ser perseverante diante aos desafios que a vida me impôs;
- a luta da minha mãe, Maria Rosane Borralho, para investir em meus estudos e, sobretudo, para me ensinar a coragem e me conscientizar de que vencemos com dedicação e paciência;
- a minha avó Neném, Alzira Zulmira Monteiro, (*in memoriam*) e o meu pai, Silvio Euripedes Monteiro, (*in memoriam*), que mesmo sem saberem bem o que era um mestrado vibraram com o meu ingresso e me apoiaram como puderam. A meu pai agradeço eternamente a companhia serena e alegre que me fez diversas vezes a Uberlândia, até passar o meu medo das rodovias, o qual insisti em cultivar até muito pouco tempo;
- o meu irmão, Domingos Borralho Monteiro. Grata por poder aproveitar a sua companhia um pouquinho mais nas cantinas, nos corredores e até em aulas de Economia da UFU, antes de se mudar para Belo Horizonte, e também grata pela admiração que sinto que tem por mim e que não me deixa decepcioná-lo;
- os meus filhos, Laura Borralho Monteiro Lacerda, Maria Luíza Borralho Monteiro Lacerda e Bento Borralho Monteiro Lacerda, que sentiram diariamente a minha ausência, mas, certamente, também sentiram o meu amor infinito, capaz de me levar a essa conquista tão valiosa para todos nós;
- o meu marido, Mozart Lacerda Filho, que sempre me incentivou a estudar e a progredir com minha carreira, independente de minhas tantas outras responsabilidades.
- o meu orientador, João Bôsko Cabral dos Santos, que, com competência, amizade e ternura, segurou firme a minha mão e me conduziu à elaboração deste trabalho, do qual me orgulho imensamente;
- o Lep, Laboratório de Estudos Polifônicos - onde fiz vários colegas, aqui representados por João Bôsko Cabral dos Santos, Maria de Fátima Fonseca Guilherme e Cristiane Brito. O laboratório me ensinou a ler como nunca antes havia lido. Desde os primeiros encontros, a análise do discurso tornou-se um exercício, uma prática inerente à docência, à vida;
- as minhas companheiras de viagem e amigas Elizandra Zeulli, Fabiene de Oliveira Santos e Taís Inis de Paiva, com quem partilhei momentos de angústias, de incertezas, de esperança, mas, também, de muitas risadas;
- o diretor do Colégio Cenecista Dr. José Ferreira, Danival Roberto Alves, que permitiu a redução da minha jornada de trabalho para o ingresso no mestrado, e as minhas colegas de área pelas constantes palavras de apoio.

## **Filhos da época**

Somos filhos da época  
e a época é política.

Todas as tuas, nossas, vossas coisas  
diurnas e noturnas,  
são coisas políticas.

Querendo ou não querendo,  
teus genes têm um passado político,  
tua pele, um matiz político,  
teus olhos, um aspecto político.

O que você diz tem ressonância,  
o que silencia tem um eco  
de um jeito ou de outro político.

Até caminhando e cantando a canção  
você dá passos políticos  
sobre um solo político.

Versos apolíticos também são políticos,  
e no alto a lua ilumina  
com um brilho já pouco lunar.  
Ser ou não ser, eis a questão.

Qual questão, me dirão.  
Uma questão política.

Não precisa nem mesmo ser gente  
para ter significado político.  
Basta ser petróleo bruto,  
ração concentrada ou matéria reciclável.  
Ou mesa de conferência cuja forma  
se discutia por meses a fio:  
deve-se arbitrar sobre a vida e a morte  
numa mesa redonda ou quadrada.

Enquanto isso matavam-se os homens,  
morriam os animais,  
ardiam as casas,  
ficavam ermos os campos,  
como em épocas passadas  
e menos políticas.

Wisława Szymborska, poetisa polaca

## RESUMO

Este trabalho analisa discursos que constituíram um debate midiático, à época do Enem de 2015, acerca da abordagem relacionada à mulher em uma questão objetiva do exame e na proposta de redação. A hipótese levantada nesse estudo é de que as inscrições discursivas midiáticas sobre a temática da mulher no Enem de 2015 se comportam conforme posicionamentos ideológicos das instâncias enunciativas sujeitacionais. Como sustentação teórica e metodológica para a pesquisa a ser desenvolvida, nos reportaremos nas noções de discurso, sujeito, sentido, interdiscurso, memória discursiva, paráfrase e formações imaginárias, discursivas e ideológicas de Pêcheux (1997, 1999, 2008, 2014), além das contribuições sobre instâncias enunciativas e funcionamentos discursivos propostos por Santos (2009). O aporte teórico da Análise do discurso francesa possibilitou a análise das inscrições filosóficas, históricas, políticas e culturais que emergem das discursividades em textos que discutiram a escolha do tema da redação do Enem 2015, a partir da descrição das materialidades linguísticas, em levantamento investigativo das regularidades recorrentes nessas materialidades. O objeto discursivo investigado nesta pesquisa são efeitos do tema do exame de 2015 na mídia por inscrições filosóficas, históricas, políticas e culturais que emergiram das discursividades em textos que discutiram a escolha do tema da redação do Enem 2015. Para isso, descrevemos as materialidades linguísticas e levantamos as regularidades recorrentes nessas materialidades e, então, analisamos as inscrições que se manifestam na constituição dos sentidos nos acontecimentos discursivos. A escolha das materialidades linguísticas que compõem o *corpus* deste trabalho se deve a uma interpelação pelos discursos difundidos à época do Enem 2015, edição polêmica por trazer à tona a condição da mulher em uma questão objetiva e também no tema da redação. A polêmica se materializou no dualismo revelado não só no âmbito da defesa ou da contestação dessa temática presente na prova, mas também no modo como tais tomadas de posição se revelaram. As unidades de análise mais adequadas para o *corpus* desse trabalho, treze textos que discursivizaram sobre o assunto, são as sequências discursivas, selecionadas para formarem as matrizes de regularidades, as quais possibilitaram nosso gesto de interpretação e análise. Cada matriz se constitui na descrição dos dizeres e análises das potencialidades em três ocorrências de regularidades: *Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015*, *A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com ideologias diversas* e *Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea*. Após a macroanálise, foram montadas matrizes sentidurais, que possibilitaram a observação das regularidades em conjunto, tanto reunindo dizeres que qualificam o tema da mulher no Enem 2015, quanto os que não qualificam. Na microanálise, surgiram seis matrizes, sendo duas (dizeres que qualificam e dizeres que não qualificam) para cada uma das três regularidades descritas na macroanálise. Dessas matrizes, derivaram seis axiomas, enunciados que remetem às regularidades mapeadas em cada uma delas e expõem formações discursivas e interdiscursos recorrentes. A partir do dispositivo matricial, foi possível pôr em funcionamento as análises discursivas em suas constituições sentidurais e, assim, observar o ordenamento conceitual na configuração epistemológica da análise: o intervalo histórico de dispersão dos sentidos, responsáveis pela constituição das instâncias enunciativas sujeitacionais. A pesquisa revelou coincidência entre a posição revelada pelas discursividades das instâncias enunciativas sujeitacionais acerca da temática da mulher presente no Enem e suas inscrições no acirramento, na polarização político-ideológica em 2015, ano pós-eleições presidenciais e pré-impedimento da presidenta Dilma.

**Palavras-chave:** Paráfrase, formações discursivas, interpelação, sentido, sujeito, ideologia



## ABSTRACT

This dissertation analyzes discourses that constituted a media debate, at the time of Enem 2015, about the approach concerned to women in an objective question of the exam and in the writing proposal. The hypothesis raised in this study is that the mediatic discursive inscriptions on the theme of women in Enem 2015 behave themselves according to the ideological positions of the Enunciative Subjective Instance. As theoretical and methodological support for this research, we will report on the notions of discourse, subject, meaning, interdiscourse, discursive memory, paraphrase and imaginary, discursive and ideological formations in Pêcheux (1997, 1999, 2008, 2014), besides contributions on enunciative instances and discursive functions proposed by Santos (2009). The theoretical contribution of French Discourse Analysis made possible the analysis of the philosophical, historical, political and cultural inscriptions that emerge from the discourses in texts that discussed the choice of the theme of the essay in Enem 2015, from the description of the linguistic materialities, in an investigative survey of the recurrences in these materialities. The discursive object investigated in this research are effects of the theme of 2015 exam in the media considering its philosophical, historical, political and cultural inscriptions that emerged from the discursivities in texts that discussed the choice of the theme of the essay of Enem 2015. For this, we describe the linguistic materialities and we raise the recurrent regularities in these materialities and then we analyze inscriptions that are manifested in the constitution of the senses in the discursive events. The choice of the linguistic materialities that compose the *corpus* of this work is due to an interpellation by the speeches spread at the time of Enem 2015, a controversial edition for having brought to the surface of discourse the condition of women in an objective question and also in the theme of the essay. The controversy materialized in the dualism revealed not only in the defense or the contestation of this theme present in the test, but also in the way in which such positions were revealed. The most appropriate units of analysis for the *corpus* of this work, thirteen discursive texts, are the discourse sequences, selected to form the matrices of regularities, which made possible our gesture of interpretation and analysis. Each matrix is a description of the sayings and analyzes their potentialities in three occurrences of regularities: *Justification for the theme of women in Enem 2015*, *The theme of women in Enem 2015 and its relation with different ideological inscriptions* and *Written or erasing: discourses about pertinence of reflection on women in contemporary society*. After the macroanalysis, matrices were set up, which made it possible to watch regularities together, both with statements that qualify the theme of women in Enem 2015, as well as those that do not qualify. In the microanalysis, six matrices arose, two being (qualifying and non-qualifying words) for each of the three regularities described in the macroanalysis. From these matrices, they derived six axioms, statements that refer to the regularities mapped in each one of them and expose discursive formations and recurrent interdiscourse. From the matrix device, it was possible to put into operation the discursive analyzes in their constitutions and, thus, to watch the conceptual ordering in the epistemological configuration of the analysis: the historical range of dispersion of the senses, responsible for the constitution of the Enunciative Subjective Instances (IES). The research revealed a coincidence between a position revealed by the discursiveness of the enunciative instances subject on the theme of the present non-Enem woman and her inscriptions in the upheaval, the political-ideological polarization in 2015, the year after the presidential elections and the pre-impediment of the Dilma presidency.

Keywords: Paraphrase, discursive formations, interpellation, sense, subject, ideology

## SUMÁRIO

Introdução .....	15
História da Pesquisa .....	17
Objetivos, Hipótese e Referencial de Investigação .....	21
Capítulo 1: Um olhar epistemológico sobre a teoria do discurso de Michel Pêcheux .....	23
1.1 Considerações iniciais .....	24
1.2 Formações Discursivas e Formações Ideológicas: balizas para uma percepção discursiva .....	25
1.3 A instância enunciativa sujeitucional (IES) enquanto um olhar epistemológico sobre a teoria do discurso de Michel Pêcheux .....	29
Capítulo 2: Rotas Metodológicas .....	36
Capítulo 3: Discursividades Midiático-Ideológicas sobre a Temática da Mulher no Enem 2015 .....	42
3.1 Considerações Iniciais .....	43
3.2 Macroanálise do <i>Corpus</i> .....	45
3.3 Microanálise do <i>Corpus</i> .....	47
3.3.1 Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015 .....	47
3.3.1.1 Dizeres que qualificam a escolha do tema .....	48
3.3.1.2 Dizeres que não qualificam a escolha do tema .....	55
3.3.2 A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia ....	64
3.3.2.1 A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que qualificam a escolha do tema .....	64
3.3.2.2 A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que não qualificam a escolha do tema .....	73
3.3.3 Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea .....	82
3.3.3.1 Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que qualificam a escolha do tema .....	83
3.3.3.2 Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da	

reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que não qualificam a escolha do tema .....	90
Considerações Finais .....	101
Referências .....	110
Apêndice .....	111
Matriz 01 – A violência natural contra as mulheres e a administração da ignorância – Márcia Tiburi para a revista Cult (Novembro de 2015) .....	112
Matriz 02 – Ideologia no Enem – Hélio Schwartsman para a Folha de São Paulo (outubro de 2015) .....	114
Matriz 03 – Enem 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” – Márcia Pinna Raspanti para o site historiahoje.com (outubro de 2015) .....	116
Matriz 04 – A ideologia do Enem: como a esquerda reagiria se fosse o contrário? – Rodrigo Constantino para o site rodrigoconstantino.com (outubro de 2015) .....	119
Matriz 05 – A redação do Enem e o papel das empresas para o fim da violência contra a mulher – Margaret Groff para o site <a href="http://www1.folha.uol.com.br">www1.folha.uol.com.br</a> (novembro de 2015) .....	123
Matriz 06 – Há um erro grave no Enem deste ano – mas ele não tem nada a ver com feminismo – Leandro Narloch para o site <a href="http://veja.abril.com.br">http://veja.abril.com.br</a> (outubro de 2015) .....	125
Matriz 07 – Parabéns, atingimos a burrice máxima – Eliane Brum para o site <a href="http://brasil.elpais.com">http://brasil.elpais.com</a> (novembro de 2015) .....	128
Matriz 08 – O boi de piranha do Enem – Miguel Nagib para o site <a href="http://veja.abril.com.br">http://veja.abril.com.br</a> (outubro de 2015) .....	131
Matriz 09 – “Há resistência de admitir a violência específica contra a mulher”, diz pesquisadora Michele Escoura em entrevista para o site <a href="http://educacao.estadao.com.br">http://educacao.estadao.com.br</a> (novembro de 2015) .....	134
Matriz 10 – Meninas, bicicletai seios nus! – Reinaldo Azevedo para o site <a href="http://www1.folha.uol.com.br">www1.folha.uol.com.br</a> (novembro de 2015) .....	138
Matriz 11 – Sobre o ENEM e a tal Ideologia de Gênero – Cassia R. Gonçalves para o site <a href="http://www.revistaforum.com.br">www.revistaforum.com.br</a> (outubro de 2016) ...	140

Matriz 12 – Dilma, a Dona Doida: a redação do Enem e o suposto país de molestadores e estupradores – Reinaldo Azevedo para o site <a href="http://www.abril.com.br">www.abril.com.br</a> (janeiro de 2016) .....	142
Matriz 13 – Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites de Feliciano e Gentili – Djamila Ribeiro para o site <a href="http://www.cartacapital.com.br">www.cartacapital.com.br</a> (novembro de 2015) .....	145
ANEXOS .....	148
Anexo 1: Questão objetiva que apresentou um fragmento da obra <i>O segundo sexo</i> , de Simone de Beauvoir .....	149
Anexo 2: Proposta de redação sobre o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” .....	150
Anexo 3: Textos de opinião selecionados para a análise proposta neste trabalho .....	151
Texto 1: A violência natural contra as mulheres e a administração da ignorância – Marcia Tiburi .....	151
Texto 2: A ideologia do Enem – Helio Schwartzman – 27/10/2015 02h00 .....	153
Texto 3: Enem 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” – Publicado em 25 de outubro de 2015 por Marcia – Educação .....	154
Texto 4: A ideologia do Enem: como a esquerda reagiria se fosse o contrário? – 27 de outubro de 2015, Rodrigo Constantino .....	155
Texto 5: A redação do Enem e o papel das empresas para o fim da violência contra a mulher – MARGARET GROFF 03/11/2015 11h45 .....	157
Texto 6: Há um erro grave no Enem deste ano – mas ele não tem nada a ver com feminismo – Nem mesmo economistas de esquerda concordariam com a resposta da questão sobre globalização e desemprego – Por: Leandro Narloch 26/10/2015 às 10:04 .....	159
Texto 7: Parabéns, atingimos a burrice máxima – A “baranga” Simone de Beauvoir e a importância de um livro que ensina a conversar com fascistas – Eliane Brum .....	161
Texto 8: O boi de piranha do Enem – Miguel Nagib, 30 de outubro de	

2015 .....	166
Texto 9: ‘Há resistência de admitir a violência específica contra a mulher’, diz pesquisadora PAULO SALDAÑA – 26 Outubro 2015 22:42 .....	167
Texto 10: Meninas, bicicletai seios nus! – Por Reinaldo Azevedo 06/11/2015 02h00 .....	171
Texto 11: Sobre o ENEM e a tal Ideologia de Gênero – CÁSSIA 25 out 2015 .....	172
Texto 12: Dilma, a Dona Doida: a redação do Enem e um suposto país de molestadores e estupradores – Presidente magnifica os 55 relatos de abusos em redações do Enem, mas silencia sobre os mais de 53 mil zeros – Por: Reinaldo Azevedo 13/01/2016 às 5:52 .....	174
Texto 13: Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites de Feliciano e Gentili – A filósofa francesa realizou um estudo sério; se for pra criticar, ao menos façam comentários sérios e embasados, sem impedir ou rebaixar a reflexão – por Djamila Ribeiro — publicado 03/11/2015 17h45 .....	175

## LISTA DE MATRIZES

Matriz I – Microanálise – Sequências de textos que qualificam a escolha do tema mulher no Enem 2015 .....	48
Matriz II – Microanálise – Sequências de textos que não qualificam a escolha do tema mulher no Enem 2015.....	56
Matriz III – Microanálise – A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que qualificam a escolha do tema .....	64
Matriz IV – Microanálise – A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que não qualificam a escolha do tema .....	74
Matriz V – Microanálise – Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que qualificam a escolha do tema .....	83
Matriz VI – Microanálise – Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que não qualificam a escolha do tema .....	91

## LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ADF	Análise do Discurso Francesa
EMn SDn	Enunciado-Operador da Matriz número n na Sequência Discursiva n
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
Fies	Fundo de Financiamento Estudantil
IES	Instância Enunciativa Sujeitucional
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
M01...n	Matriz número 1...n
MPF	Ministério Público Federal
Prouni	Programa Universidade para todos
PSC	Partido Social Cristão
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SD	Sequência Discursiva
Sisu	Sistema de Seleção Unificada
TRI	Teoria de Resposta ao Item
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

## **INTRODUÇÃO**



## INTRODUÇÃO

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)<sup>1</sup> existe desde 1998. Surgiu como uma ferramenta para a avaliação do desempenho de estudantes em todo o país ao fim da Educação Básica, com vistas a proporcionar avanços no ensino. A partir de 2009, o exame também passou a servir como mecanismo de seleção de estudantes para o ensino superior, democratizando o acesso à universidade. Hoje, a maioria das instituições federais de ensino utilizam o Enem para a seleção de candidatos à carreira acadêmica, o que também ocorre com muitas universidades estaduais e municipais. Respeitando a autonomia das universidades, a nota do Enem pode ser utilizada exclusivamente como critério de seleção ou pode compor um somatório, representando uma das fases do processo seletivo.

De posse de sua nota no Enem, o candidato pode, além de conseguir uma vaga em uma das universidades ou institutos federais inscritos no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), beneficiar-se de programas governamentais, como o Programa Universidade para todos (Prouni) - que concede bolsa de 100 ou 50 por cento a estudantes que tenham renda familiar bruta mensal, por pessoa, de até um salário mínimo e meio ou três salários mínimos, respectivamente - e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), que também é iniciativa do governo federal para o financiamento de estudos em instituições de educação superior privadas.<sup>2</sup>

Em razão do grande alcance nacional do exame, um grande número de candidatos, recém-saídos do Ensino Médio ou veteranos na avaliação por não se submeterem a ele pela primeira vez, preparam-se para a prova todos os anos. Aproximadamente sete milhões de candidatos se inscreveram para o Enem 2015, e esse número aumenta a cada ano. Na mesma proporção, aumentam as especulações, análises e críticas, favoráveis ou não, ao nível de dificuldade, ao tempo resguardado aos candidatos, à pertinência das questões, aos temas abordados nos textos da prova e da proposta de redação.

Pode-se dizer que o exame, hoje, orienta a educação em todo o país, tendo em vista que as abordagens temáticas e a correção do exame fogem ao tradicional dos exames de seleção. As áreas de conhecimento são abarcadas com vistas à contextualização e à possibilidade de aplicação, distanciando-se, cada vez mais, de uma avaliação que busca medir

---

<sup>1</sup> <http://enem.inep.gov.br/>

<sup>2</sup> <http://siteprouni.mec.gov.br/index.php>

o saber meramente retido na memória. A correção conta com a teoria de resposta ao item (TRI), capaz de verificar o nível de dificuldade de cada questão e identificar o acerto ao acaso. Isto é, se um candidato com desempenho baixo ou mediano acerta uma questão difícil, essa questão pode impactar menos sua nota em razão de possivelmente o candidato estar sendo beneficiado pela sorte.

## **História da Pesquisa**

A edição de 2015 foi marcada por uma polêmica relacionada às declarações de que o exame foi instrumento de difusão de ideologia de gênero. Uma questão no eixo de Ciências Humanas que trazia a frase de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher” e o tema da redação “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” foram amplamente atacados na mídia, acusados de fazerem propaganda de determinada filiação política e se distanciarem de uma suposta neutralidade ideológica, a qual garantiria aos candidatos uma avaliação de desempenho acadêmico totalmente desassociada de suas convicções.

Os deputados Jair Bolsonaro e Marco Feliciano manifestaram nas redes sociais<sup>3</sup> sua indignação com a presença do texto da filósofa ativista em uma das questões, e acusaram o exame de doutrinário. Sobre os posicionamentos dos deputados e em resposta à provocação de Bolsonaro de que o exame difunde ideologia marxista, o ministro da Educação, Aluísio Mercadante, pronunciou-se, ressaltando que o debate pedagógico e político é próprio de um exame como o Enem<sup>4</sup> e parabenizando elaboradores por trazerem à tona a discussão em torno da questão da mulher<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> MAIS OU TÃO GRAVE QUANTO A CORRUPÇÃO É A DOUTRINAÇÃO IMPOSTA PELO PT JUNTO A NOSSA JUVENTUDE.

"O JOÃO NÃO NASCEU HOMEM e a MARIA NÃO NASCEU MULHER."

O sonho petista em querer nos transformar em idiotas materializa-se em várias questões do ENEM (Exame Nacional do Ensino MARXISTA)...” - declaração do deputado Jair Messias Bolsonaro em uma rede social. As letras mantêm formatação original.

<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/a.213527478796246.1073741826.211857482296579/549506448531679/?type=3&theater>

DOUTRINAÇÃO EXPLÍCITA SOBRE IDEOLOGIA DE GÊNERO PARA 7 MILHÕES DE ESTUDANTES – VERGONHA! - declaração do deputado Marco Feliciano em uma rede social. As letras mantêm formatação original. <https://twitter.com/marcofeliciano/status/658305319563587584?lang=pt>

<sup>4</sup> "Simone de Beauvoir é uma intelectual internacionalmente reconhecida. A grande contribuição literária dela se dá nos anos 1950 e 1960 onde a questão central era a condição da mulher na sociedade e a luta pelo direito de participação das mulheres. É bom lembrar que até 1962 no Brasil a mulher juridicamente era considerada num

A câmara municipal de Campinas também se posicionou. Aprovou, com vinte e cinco votos a cinco, uma moção de repúdio à questão que trazia o texto da filósofa Simone de Beauvoir e solicitou que fosse anulada<sup>6</sup>. O presidente do Conselho Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de Campinas, Paulo Mariante, criticou o episódio, chamando-o de ridículo.

Conforme se vê, as posições em torno do tema que surpreendeu grande parte da sociedade brasileira nos dois dias de Enem se dividiram. Brasileiros de todas as idades, classes sociais, níveis de escolaridade e diferentes interesses políticos se manifestaram usando a hashtag #enemfeminista - replicada centenas de milhares de vezes, com mensagens de apoio ou repúdio aos textos relacionados à questão da mulher. Articulistas de jornais, revistas e blogs se posicionaram, amplificando o debate e promovendo a discussão sobre o assunto até meses depois do exame. Apresentadores de rádio e televisão comentaram o tema, humoristas encontraram matéria para mais uma piada. O termo feminismo disparou reflexões e ironias, nas mais distintas esferas da comunicação, nos mais diversos espaços. A problematização do tema no Enem 2015 chegou ao Ministério Público Federal.

Miguel Nagib, presidente da associação Escola sem Partido, “uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”<sup>7</sup> requereu a responsabilização do presidente do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) por crime de abuso de autoridade e ato de improbidade administrativa à Procuradoria da República no Distrito Federal. Nagib questionou em sua representação o significado da expressão direitos humanos, presente no enunciado da proposta de redação<sup>8</sup>, alegando que o candidato não pode

---

casamento como relativamente incapaz, sem direitos, e até os anos 1930 era impedida de votar.” - declaração do Ministro da Educação Aluizio Mecadante em coletiva de imprensa.

<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/10/1698468-questao-e-redacao-do-enem-recebem-criticas-e-elogios-nas-redes-sociais.shtml>

<sup>5</sup> “Estamos em uma sociedade que ainda há muita violência contra mulheres. Apesar das iniciativas dos últimos anos, o esforço dos entes federados em combater a violência. Os indicadores ainda são preocupantes. Refletir sobre isso é importante. Mas o ministro da Educação não tem nenhum acesso às provas, só conheci o tema de redação hoje. Existe um sigilo absoluto. A prova é elaborada por professores universitários e especialistas. Eu acho que estão de parabéns pela escolha do tema”, Ministro da Educação em entrevista coletiva.

<sup>6</sup> No mesmo ano, em 2015, a câmara de Campinas aprovou, com vinte e cinco votos a quatro, uma emenda que impede a discussão de gênero e orientação sexual nas escolas municipais.

<sup>7</sup> <http://www.escolasempartido.org/quem-somos>

<sup>8</sup> “A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.”, enunciado da proposta de redação do Enem 2015.

ser obrigado a dizer o que não acredita para conquistar sua vaga na universidade. Embora a expressão direitos humanos sempre estivesse no manual de redação do Enem, inclusive como uma das situações em que se pode atribuir zero ao texto dissertativo-argumentativo, neste ano ela foi levada ao enunciado da proposta e, também, ao Ministério Público Federal, que se pronunciou em relação ao fato, exigindo que o Inep publicasse, no prazo de dez dias, o conceito de Direitos humanos pelo qual se orientou a proposta e pelo qual se orientariam as correções.<sup>9</sup>

O Inep respondeu à recomendação do Ministério Público e reconheceu que a expressão direitos humanos possui “um conceito fluido, aberto e em contínua redefinição”, entretanto ressaltou que não provocou “insegurança jurídica ou de desobediência” e que as bases filosóficas e epistemológicas dos direitos humanos na educação brasileira foram consolidadas numa política nacional de educação, cujos marcos regulatórios principais são o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.<sup>10</sup>

Uma redação elaborada a partir do tema pelo humorista e apresentador Léo Lins foi amplamente divulgada na mídia.<sup>11</sup> O texto do humorista, à semelhança do tema proposto aos candidatos do Enem, dividiu opiniões. Léo Lins reforça estereótipos, ironiza a violência contra a mulher, rechaça travestis. Mas garante que é tudo em nome do humor, e é ovacionado por muitos apresentadores e seguidores na internet. No *Facebook*, considerando dados divulgados pela rede, o vídeo teve, somente hospedado na linha do tempo do apresentador de um programa na emissora SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), Danilo Gentili, mais de sete milhões de visualizações (mesmo número de participantes do Enem) e aproximadamente 135000 compartilhamentos, sobre os quais não se pode calcular o quanto ainda repercutiram.

A sensação de (des)conforto causada pela temática em torno da mulher no Enem motivou-nos a investigar os posicionamentos acerca do episódio pelas discursividades que deles emergiram em textos de opinião. Os posicionamentos diversos surgiram nos mais

---

<sup>9</sup> “RECOMENDA, com fundamento no artigo 6º, XX, da Lei complementar nº 75/93, ao Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira que providencie, no prazo de 15 (quinze) dias, a divulgação em seu portal eletrônico das bases filosóficas, epistemológicas e normativas que consubstanciam os “direitos humanos”, adotadas pelo INEP na elaboração da proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio e que serão utilizadas na correção das redações de 2015.” <http://www.prgo.mpf.mp.br/images/stories/ascom/not1940-recomendacao.pdf>

<sup>10</sup> <http://www.mpf.mp.br/go/sala-de-imprensa/docs/resposta-inep>

<sup>11</sup> <http://jovempan.uol.com.br/entretenimento/famosos/humorista-leo-lins-polemiza-tema-de-redacao-do-enem-e-diz-eu-nao-me-arrependo-mesmo.html>

diferentes ambientes, em textos escritos ou falados, em situações formais e informais. Para este trabalho, selecionei treze textos publicados na mídia impressa, nos quais hipotetizei a existência de (inter)discursos mobilizados em manifestações que valorizaram ou não valorizaram a abordagem proposta no exame.

Sabemos que a circulação de sentidos em variadas esferas de comunicação, inclusive na mídia, incide nas práticas sociais e educacionais, por isso me propus a descrever e a analisar essas manifestações, que se colocam em divergência de posicionamentos, tendo semelhante posição em relação ao tema, aproximam-se pelo modo como discursivizam sobre ele.

A questão com um texto de Simone de Beauvoir e/ou a proposta de redação sobre a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira foi/foram amplamente discutida(s) em veículos de comunicação. Além de posições diferentes no que se refere à abordagem do tema, tratamos de selecionar textos hospedados em sites ou blogs da imprensa brasileira de alcance nacional, tais como: rádio Jovem Pan, sites e blogs de jornais e revistas: Folha de São Paulo, Carta Capital, Estadão, Época, El País, Veja, Fórum, Cult. Cuidamos também de empenhar buscas a veículos que manifestam ideologias distintas, tendo em vista os posicionamentos de seus editoriais e as abordagens que imprimem ao tema, tornando possível o levantamento que privilegiou a diversidade de posicionamentos. As vozes dos textos selecionados manifestam suas filiações nas argumentações e reverberam na sociedade, impelindo ou repelindo os sujeitos.

Este trabalho, que se propõe a analisar a materialidade discursiva de treze textos de opinião, justifica-se pelo fato de ser necessário problematizar os funcionamentos discursivos que preservam, naturalizam e aqueles que questionam, desestabilizam práticas culturais, quando estas estão relacionadas à educação. No caso do Enem 2015, é importante observar como a temática da mulher - seja em relação à persistência da violência, proposta para a reflexão nos textos, ou na construção de seu papel na sociedade, na questão que trazia do fragmento da obra de Simone de Beauvoir – pode ser interpretada em aspectos ideológicos diversos.

A polêmica edição do Enem de 2015 ainda repercute na sociedade e, sobretudo, nas práticas educacionais; seu eco existe, promovendo ou silenciando discussões sobre gênero, e é isso o que justifica esta pesquisa.

## **Objetivos, Hipótese e Referencial de Investigação**

O objetivo maior deste trabalho é analisar inscrições filosóficas, históricas, políticas e culturais que emergem das discursividades em textos que discutiram a escolha do tema da redação do Enem 2015. Para alcançá-lo, buscaremos, antes, descrever as materialidades linguísticas, levantar as regularidades recorrentes nessas materialidades e analisar as inscrições que se manifestam na constituição dos sentidos nos acontecimentos discursivos.

A hipótese deste trabalho é a de que as inscrições discursivas midiáticas acerca da abordagem da temática da mulher no Enem de 2015 se comportam conforme posicionamentos ideológicos das instâncias enunciativas sujeitacionais, conceito o qual discutiremos logo a seguir e ao qual nos referiremos com a abreviação IES ao longo de todo o texto.

Tendo em vista essa hipótese, cabe a nós a tentativa de responder às seguintes questões: Como se apresentam as inscrições discursivas dos dizeres sobre a questão que apresentou um trecho da obra de Simone de Beauvoir e/ou sobre o tema da proposta de redação Enem 2015, “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”? Quais formações ideológicas e interdiscursividades se identificam a partir de inscrições discursivas dos sujeitos que enunciam sobre o tema?

Como sustentação teórica e metodológica para a pesquisa a ser desenvolvida, nos reportaremos às noções de discurso, sujeito, sentido, assujeitamento, interdiscurso, memória discursiva, formação imaginária, discursiva, ideológica e paráfrase de Pêcheux (1997, 1999, 2008, 2014), além das contribuições sobre instâncias enunciativas e funcionamentos discursivos propostos por Santos (2009). O aporte teórico da Análise do discurso francesa possibilitará a discussão sobre inscrições filosóficas, históricas, políticas e culturais que emergem das discursividades em textos que discutiram o modo como se abordou a temática da mulher no Enem 2015, a partir da descrição das materialidades linguísticas, em levantamento investigativo das regularidades recorrentes nessas materialidades. Além disso, possibilitará descrever a constituição dos sentidos nesses acontecimentos discursivos.

O objeto discursivo investigado nesta pesquisa são efeitos do tema do exame de 2015 na mídia. Sendo assim, temos de relacionar a repercussão midiática da temática da mulher no Enem 2015 ao suporte do referencial teórico para, enfim, respondermos aos nossos objetivos.

A pesquisa tem grande alcance social, pois se constitui na análise de discursos capazes de fortalecer memórias e práticas culturais ou de promover mudanças de cunho cultural e

social. Sendo assim, pesquisadores que se ocupam com propostas de políticas públicas para a educação, professores de todas as áreas, estudantes de licenciatura, de bacharelado ou de educação básica podem se orientar por este estudo, observando a importância de se ponderar o tratamento de determinados assuntos, sabendo que este coaduna com valores sociais e com perspectivas ideológicas.

Como professora de língua materna e literatura, sei que os discursos constroem naturalidades, cristalizando práticas que impedem a sociedade de avançar, pois (re) produzem modelos tradicionais que precisam ser superados. Problematicar opiniões sobre o exame nacional, a autoridade de quem se posiciona, os interesses que subjazem diferentes abordagens são atitudes necessárias para a compreensão de que o discurso da neutralidade pode ser ora ingênuo, ora lugar do conservadorismo.

Desse modo, é importante saber que qualquer posição se sustenta numa historicidade que merece ser revelada, para que, nas salas de aula e em práticas cotidianas, haja real afastamento da reprodução destituída de criticidade. O *status* conferido à mídia de discurso de autoridade contribui para formar a parca capacidade de leitura dos estudantes em todos os níveis da educação brasileira e a abundante parcela da população capaz de defender ideias que, além de não serem suas, tampouco podem beneficiá-la.

Por isso, este trabalho visa a promover, sobretudo, a análise dos discursos pela leitura de aspectos discursivos que os constituem, tais como ideologia, memória discursiva e interdiscursos mobilizados.

## **CAPÍTULO 1**

### **UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO SOBRE A TEORIA DO DISCURSO DE MICHEL PÊCHEUX**



# CAPÍTULO 1

## UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO SOBRE A TEORIA DO DISCURSO DE MICHEL PÊCHEUX

### 1.1 Considerações Iniciais

Para a realização das análises discursivas neste trabalho, eu me ancorarei, principalmente, nas três épocas da AD, conforme a evolução dos estudos pecheutianos, em que se destaca a crescente imbricação de língua, sujeito e sociedade, e nas extensões epistemológicas da noção de sujeito propostas por Santos (2009).

Percorrerei brevemente o caminho da AD francesa preconizada por Michel Pêcheux buscando ressaltar os conceitos que embasarão a análise proposta neste trabalho.

Pêcheux resgata os estudos semiológicos de Saussure para conceber outro elemento de análise da linguagem – o discurso. Inicialmente, embora com o propósito de extrapolar a dicotomia *langue/parole* e problematizar a distância dos estudos de Saussure da sociologia, a proposta de análise do discurso apresentava traços fortemente positivistas, tendo em vista seu objetivo, naquele momento, de construir uma maquinaria discursiva.

As condições de produção surgiram como célula embrionária para uma análise do discurso que viria a ser traspassada pela ideologia. Chamamos célula embrionária porque, nesse momento, a maquinaria proposta por Pêcheux reconhecia o arquivo como unidade de análise; a partir dele, de sua materialidade linguística em sequências discursivas isoladas, observavam-se os deslocamentos dos sentidos. Por isso, os enunciados deveriam ser analisados a partir das condições de produção em que foram gerados. Seu objetivo era observar por meio de uma álgebra discursiva o funcionamento de discursos já validados, como o religioso, o político, o jurídico. Dessa forma, pela recorrência das enunciações se chegaria às emergências dos sentidos. Segundo Pêcheux, a essa altura,

A análise discursiva do *corpus* consiste principalmente em detectar e em construir sítios de identidades parafrásticas intersequenciais (isto é, entre fragmentos de sequências saídas de discursos empíricos diferentes): enquanto pontos de variação combinatória, tais identidades parafrásticas formam o lugar de inscrição de proposições de base características do processo discursivo estudado. (PÊCHEUX, 1997, p. 312) (o grifo é do autor)

Nesta fase da AD - embora ainda distante da ideologia que viria a ter ênfase na segunda fase, quando sua teoria teria o acréscimo da observação da presença dos aparelhos ideológicos do estado e as posições de classe nos processos discursivos - Pêcheux já não concebia a mensagem como transmissão de informação, mas como um discurso que se instaura a partir dos sentidos produzidos entre A e B, de onde emergem as formações imaginárias, inerentes a qualquer processo discursivo:

designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações). Acrescentemos que é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não ao acaso, mas segundo leis que apenas uma investigação sociológica poderá revelar. (PÊCHEUX, 1997, p. 82-83) (o grifo é do autor)

Pêcheux observou que as relações entre os sujeitos se davam por uma linguagem regulada pela tensão existente nas imagens representadas de quem fala, dos seus interlocutores e do referente em um processo que considerou inerente às condições de produção dos discursos. Desse modo, o enunciador participa do processo discursivo, legitimando ou não determinados discursos, em processos de (des)identificação e de alteridade constantes, de onde emanam os sentidos.

Esse processo de alteridade é identificado nos textos selecionados para este trabalho. As imagens dos participantes da enunciação as quais se revelam são: a da instância enunciativa, que se manifesta na autoria do texto, a dos leitores, envolvidos ou não na polêmica acerca da difusão ideológica marxista no exame e a de outros autores que teriam já se manifestado em relação ao acontecimento, dentre os quais estão aqueles cujos posicionamentos são semelhantes ou diferentes do posicionamento da instância que enuncia. As regras de projeção levarão em conta aspectos ideológicos, incorporados posteriormente por Pêcheux, os quais se manifestaram em formações discursivas e ideológicas, a que nos remeteremos a seguir.

## **1.2 Formações Discursivas (FDs) e Formações Ideológicas (FIs): balizas para uma percepção discursiva**

Os sentidos do dizer, desde a primeira fase da AD, eram (ante) vistos por uma exterioridade, ou seja, os sentidos eram construídos durante a produção das discursividades a partir de projeções, ou seja, de formações imaginárias que os sujeitos envolvidos na enunciação faziam de si e do outro e, assim, das próprias condições de produção dos discursos. Nas próprias palavras de Pêcheux:

Isso implica que o orador experimente de certa maneira o lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este ouvinte o "espera". Esta antecipação do que o outro vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso, através de variações que são definidas ao mesmo tempo pelo campo dos possíveis da patologia mental aplicada ao comportamento verbal e pelos modos de resposta que o funcionamento da instituição autoriza ao ouvinte: a esse respeito, um sermão e uma conversa a bandeiras despregadas "funcionam" de modo diferente. Em certos casos, o ouvinte, ou o auditório, pode bloquear o discurso ou, ao contrário, apoiá-lo por meio de intervenções diretas ou indiretas, verbais ou não-verbais. (PÊCHEUX, 1997, p. 77-78) (os grifos são do autor)

Em um acréscimo a essa teoria da primeira época da AD, quando os sujeitos se inscreviam num discurso previamente instaurado e dominado por condições de produção estáveis, na segunda época, a natureza da enunciação foi reconhecida como pertencente a uma formação discursiva, determinada antes por uma formação ideológica. As relações de força, na primeira fase, ainda não traziam a perspectiva Althusseriana, o marxismo ainda não se manifestava engendrado ao discurso. Agora, os discursos que emanam seriam, pois, capazes de revelar as formações discursivas que constituem esses sujeitos, sendo que suas posições sociais, históricas determinarão o que podem e devem dizer em uma determinada conjuntura. Ou seja, as formações discursivas terão indicados os seus limites, apesar de elas poderem ser atravessadas por outras formações discursivas, que sempre estarão subjacentes ao que Pêcheux chama interdiscurso.

Na perspectiva do materialismo histórico, os discursos se estabelecem em dadas formações discursivas e revelam os lugares sociais dos sujeitos envolvidos nos processos enunciativos:

Se é verdade que a ideologia “recruta” sujeitos entre os indivíduos (no sentido em que os militares são recrutados entre os civis) e que ela os recruta a *todos*, é preciso então compreender de que modo os “voluntários” são

designados nesse recrutamento, isto é, no que nos diz respeito, de que modo todos os indivíduos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem (...) (PÊCHEUX, 2014, p. 144) (os grifos são do autor)

Assim, os discursos que se manifestam nos textos selecionados para este trabalho, os treze textos de opinião que constam nos anexos, efetivam discursividades que revelam, em seus entremeios, a expectativa de devir histórico dos enunciadores, as inscrições ideológicas dos sujeitos nos processos de alteridade e as paráfrases que põem em relevo a ilusão de originalidade dos sujeitos em seus dizeres, tratada por Pêcheux como esquecimento.

A partir do conceito de formações ideológicas desenvolvido por Pêcheux (2014, p. 147), depreende-se que os discursos não são estáveis, homogêneos, de determinada classe social ou de determinada instituição, ou seja, constituintes estritos de uma formação discursiva, mas são produtos da clivagem resultante da interpelação do sujeito pela ideologia, num processo de assujeitamento, que ocorre, independentemente, de classe social. Para Pêcheux, o conceito de interpelação é imprescindível para o analista do discurso:

Todo o nosso trabalho encontra aqui sua determinação pela qual a questão da *constituição do sentido* se junta à da *constituição do sujeito*, e não de um modo marginal (por exemplo, no caso particular do “rituais” ideológicos da leitura e da escritura), mas no interior da própria “tese central”, na figura da *interpelação*. (PÊCHEUX, 2014, p. 140) (os grifos são do autor)

Pêcheux (2014, p.130) não considerava a ideologia feita de ideias, mas de práticas, por isso, ela não seria da classe, mas do sujeito. Em suas palavras “é impossível atribuir a cada classe sua ideologia”. Sendo assim, tendo em vista a opacidade dos dizeres, as possibilidades de interpretação devem contemplar – para além das condições de produção e as imagens que os interlocutores têm de si, do outro e do lugar de si e do lugar do outro nas tomadas de posição nas formações imaginárias (PÊCHEUX, 1997, p. 83) – sobretudo a ideologia, cerne da análise discursiva proposta a partir da segunda época, e as possibilidades de clivagem e de interdiscursividade. Acerca dessa perspectiva, Pêcheux conclui:

(...) o funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos do seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidência e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 2014, p. 149) (os grifos são do autor)

Tais formações permitir-nos-ão a descrição da ocorrência de regularidades nos discursos e a ideologia dispersada pelos textos em veículos midiáticos nos quais eles se hospedam, como revistas, sites, blogs, além da observação de atravessamentos discursivos, apagamentos e relações parafrásticas.

Para Pêcheux, não existe discurso alheio à ideologia. O assujeitamento, do qual os sujeitos não escapam, e as formações discursivas e ideológicas, às quais os discursos se filiam, serão de grande importância neste trabalho, que busca filiações e relações parafrásticas em uma situação polêmica intra e extra textual, o que queremos dizer que existe no âmbito do exame nacional e no da política brasileira. Silêncios e discursos que propõem neutralidade, por exemplo, interpelam-nos também, à medida que os consideramos preservação de discursos socialmente instituídos, e, por isso, ideológicos.

Nas análises, não há a denominação de autoria, mas uma nomenclatura que abarca as problematizações já levantadas neste trabalho sobre mecanismos da análise do discurso. Santos (2009), ao teorizar sobre a *instância enunciativa sujeitucional* (IES), compreendida como a alteridade de instâncias sujeito no interior de um processo enunciativo, ressalta

A ideia de assujeitamento está vinculada à ideia de devir, aqui tomado como a propriedade de um estado vir-a-ser, emergir sobre determinadas condições e, sobretudo, a natureza de deslocar-se, para tornar-se desse estado para uma dada condição de circunstancialidade enunciativa. O *assujeitamento*, portanto, é da ordem de um integrar-se, de um aderir-se, de um fundar-se aos e nos aspectos constituintes, constitutivos e constituídos de uma realização linguageira, na condição de *elemento tornado sujeito*. (SANTOS, 2009, p. 86) (os grifos são do autor)

Essa noção de alteridade desenvolvida por Santos deriva da terceira fase da AD, quando Pêcheux admite o outro nos gestos de interpretação dos discursos, vulneráveis a interlocuções e a intervenções. Uso neste trabalho essa extensão teórica, pois entendo que a constituição sujeitacional é da ordem do integrar-se, do assujeitar-se. Desse modo, as instâncias enunciativas – em um tempo e espaço determinados pela natureza de suas produções discursivas – elaboram sua adesão e sua forma de aderir a uma prática ideológica discursiva, e não a outra. Essas instâncias apoiam, constituem-se; desaprovam, esquivam-se de A ou de B, pelo assujeitamento capaz de promover, inequivocadamente, sua constituição sujeitacional, em uma expectativa de devir social, político, histórico e filosófico, manifestada em suas discursividades e nos ilimitados pontos de deriva dessas discursividades.

Conforme Pêcheux, “(...) todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações socio-históricas de identificação” (2008, p. 56). Tais agitações são pontos de deriva, os quais permitem a formação de memórias (coletivas, e não individuais), e, portanto, de identificação e de desidentificação dos sujeitos em relação às “coisas-a-saber” ao longo da história.

O ponto crucial é que, nos espaços transferenciais da identificação, constituindo uma pluralidade contraditória de filiações históricas (através das palavras, das imagens, das narrativas, dos discursos, dos textos, etc...), as “coisas-a-saber” coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de “saber do que se fala”, porque estes objetos estão inscritos em uma filiação e não são o produto de uma aprendizagem: isto acontece tanto nos segredos da esfera familiar “privada” quanto no nível público das instituições e dos aparelhos de Estado. O fantasma da ciência régia é justamente o que vem, em todos os níveis, negar esse equívoco, dando a ilusão que sempre se pode saber do que se fala, isto é, se me compreendem bem, negando o ato de interpretação no próprio momento em que ele aparece. (PÊCHEUX, 2008, p. 55) (os grifos são do autor)

Como se pode ver, para Pêcheux, nem mesmo o discurso científico, em que se preza o distanciamento de subjetividades ou de percepções invadidas pela emoção que emerge de inscrições ideológicas, está imune à ideologia, pois resguarda pontuais interesses pelas coisas-a-saber. Em textos de opinião, - naturalmente, tendo em vista seu próprio objetivo - não ocorre de outra maneira, mesmo quando a educação ou o objetivo de se preservar a credibilidade de um exame de âmbito nacional estão em pauta.

O trabalho irá investigar, pelas instâncias enunciativas sujeitacionais (Santos, 2009), os processos de identificação dos sujeitos e seus lugares sócio-históricos, os quais, na clivagem promovida pela interpelação, revelam um contínuo processo de alteridade permeado pela estabilidade e pelo conflito. As manifestações-sujeito nos textos de opinião têm a revelar uma diversidade de clivagens e produção de sentidos a partir da interpelação pela questão da mulher no exame nacional.

### **1.3 A instância enunciativa sujeitacional (IES) enquanto um olhar epistemológico sobre a teoria do discurso de Michel Pêcheux**

Santos (2009, p. 87) explica que “os processos identitários dos sujeitos representam as particularidades subjacentes à referencialidade polifônica, que funciona como vozes de uma inserção filosófica, política, histórica, social, cultural, psicológica e linguística” e que “o lugar sócio-histórico representa as controvérsias situacionais sincrônicas e singulares, permeadas pelos atravessamentos interdiscursivos e pelas implicaturas de caráter institucional”. Com vistas a situar os discursos pelo viés da clivagem ideológica e sócio-histórica, num processo dialógico, busco empreender a análise dos funcionamentos discursivos dos textos selecionados. Assim, pelas tomadas de posição, que poderão acontecer em dizeres ou em silenciamentos, emergirão expectativas de um devir histórico, no âmbito político e no educacional, o qual refrata as filiações antevistas pelas formações ideológicas.

Para Pêcheux, a interpelação promovida pelo “objeto” transforma o indivíduo em sujeito do seu discurso.

...os “objetos ideológicos” são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a “maneira de se servir deles” – “seu sentido”, isto é sua orientação, ou seja os interesses de classe aos quais servem -, o que se pode comentar dizendo que as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na ideologia. Isso equivale a dizer que não há, na luta ideológica (bem como nas outras formas da luta de classes), “posições de classe” que existam de modo abstrato e que sejam então aplicadas aos diferentes “objetos” ideológicos regionais das situações concretas, na Escola, na Família, etc. (PÊCHEUX, 2014, p. 132) (os grifos são do autor)

A clivagem promovida nas instâncias sujeitacionais, que, interpeladas pelo tema da mulher no Enem, enunciaram em textos de opinião, revelou ora o desejo de problematização do assunto, ora um distanciamento do tema e uma movência da discussão do campo da educação para o campo da política, de forma a propor transformações sociais ou assentir, (in) conscientemente, a manutenção do *status quo*. Na abordagem teórica que embasa os estudos deste trabalho, o silenciamento de discussões acerca do tema não garantiria ao exame imparcialidade e neutralidade, mas, inevitavelmente, uma tomada de posição. Pêcheux denominou essa contradição (reprodução/transformação) como constituinte da luta ideológica.

As posições-sujeito observadas nas enunciações sobre a polêmica do Enem 2015 repercutem seus lugares sociais à medida que revelam suas filiações a determinadas formações discursivas. Esse imbricamento das discursividades pode não ser da ordem do consciente. Pêcheux concerne à linguagem dois esquecimentos: o número 1, de que o sujeito pensa ser o autor de seu dizer, e este seria, portanto, original, e o número 2, de que o sujeito

enuncia de forma transparente, limitando a interpretação do outro e as possibilidades do dizer, numa ilusão de realidade, pois “todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase” (PÊCHEUX, 2014, p. 161). Nesse sentido, este trabalho - que busca analisar os dizeres que qualificam e os que não qualificam a temática da mulher no Enem 2015 – pode revelar formações discursivas que se manifestam em uma relação parafrástica das/nas discursividades.

Formações discursivas podem sofrer atravessamentos de outras formações discursivas, a esse todo das formações discursivas é o que Pêcheux denomina interdiscurso e que para ele tem materialidade ideológica anterior à linguística, pois define *a priori* o que e como se pode enunciar. Como em qualquer processo discursivo, esses atravessamentos ocorrem nos textos selecionados para o *corpus* da pesquisa e, assim, mobilizo o conceito de interdiscursividade para descrever como os dizeres se efetivam em processos de (des)identificação. Para Pêcheux,

uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob forma de ‘pré-construídos’ e de ‘discursos transversos’. (PÊCHEUX, 1997, p. 314). (os grifos são do autor)

Isso significa que a interdiscursividade permite a movência dos sujeitos em formações discursivas, seja por identificação ou por desidentificação, conforme formações ideológicas correspondentes, pois são elas que atribuem sentidos às enunciações e as inscrevem em uma determinada formação discursiva.

Uma formação discursiva, por sua vez, pode ser invadida por outra formação discursiva em um discurso e o sujeito pode, então, se manifestar mobilizando discursos outros, o que lhe daria a sensação de liberdade e a ilusão de completude quanto à sua capacidade autoral. Dessa atitude involuntária dos sujeitos emergem os esquecimentos.

Desse modo, se observa que o assujeitamento não está no interior de uma formação discursiva, mas no exterior – além de um espaço estrutural fechado –, conforme nos assevera Pêcheux:

O interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o



sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita.”. (PÊCHEUX, 2014, p.154). (Os grifos são do autor)

Já sabemos que a constituição do sujeito contempla história e ideologia, as quais se manifestam pela interpelação dos sujeitos e determinam, por conseguinte, seus lugares-sociais a partir de determinadas condições de produção. No entanto, é necessário compreender a totalidade do dizível enquanto interdiscurso, um tecido com incontáveis e diferentes tramas, as quais, em situação análoga, representariam as formações discursivas. Se o tecido do interdiscurso é formado por diferentes tramas, capazes de representar as formações discursivas, o sujeito falante pode (re)inscrever-se ou (re)esquivar-se das discursividades, recorrendo a paradigmas existentes da enunciação. Desse modo, observa-se o papel do assujeitamento, de caráter ideológico, e da memória, da ordem dos esquecimentos, nessas (re) inscrições nas discursividades.

Se Pêcheux atribui, assim, às formações discursivas um precedente que contempla as relações de classe, ou seja, a língua imbricada ao sujeito histórico e ideológico, à memória e ao embate ideológico que emana das discursividades, a abordagem da temática da mulher no Enem de 2015 permitirá a emergência de sentidos em que surgirão, pela observação das manifestações parafrásticas, as ocorrências e/ou recorrência dos dizeres. Para Pêcheux,

a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constituem o que se poderia chamar a “matriz do sentido”. Isto equivale a dizer que é a partir das relações no interior desta família que se constitui o efeito de sentido, assim como a relação a um referente que implique esse efeito. Se nos acompanham e compreenderão que a evidência da leitura subjetiva segundo a qual um texto é biunivocamente associado a seu sentido (com ambiguidades sintáticas - semânticas) é uma ilusão constitutiva do efeito-sujeito em relação à linguagem e que contribui, neste domínio específico, para produzir o efeito de assujeitamento que mencionamos acima: na realidade, afirmamos que o “sentido” de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos). (PÊCHEUX, 1997, p. 169) (os grifos são do autor)

O sentido, dessa maneira, não está na superfície, na materialidade do significante, mas imbricado ao contexto de enunciação, às posições ideológicas que emergem da clivagem dos sujeitos às formações discursivas nas quais eles se inscrevem. Mais adiante em sua teoria, Pêcheux irá trazer à tona o momento da descrição e o da interpretação concomitantes à

produção dos sentidos dos discursos. Evocados das palavras, expressões, proposições, os sentidos dependerão, portanto, desse lugar histórico-ideológico que lhes atribuirá significância, a partir de pontos de deriva linguisticamente descritíveis, como léxico e sintaxe. (PÊCHEUX, 2008, p. 53)

Da materialidade discursiva, ou seja, dos dizeres, negações, elipses, apagamentos acerca do objeto discursivo sobre o qual me debruçarei, surgirão os pontos de deriva que permitirão uma análise de discurso, tendo em vista “uma teoria materialista dos processos discursivos não pode, para se constituir, contentar-se em reproduzir, como um de seus objetos teóricos, o ‘sujeito’ ideológico como um ‘sempre-já dado’ (PÊCHEUX, 2014, p. 121) (os grifos são do autor)”. Sendo assim, as materialidades devem ser analisadas a partir da leitura das formações discursivas com o cuidado para que delas não se apague o acontecimento, pois somente dele e das relações estabelecidas entre os sujeitos discursivos em batimento com as ideologias reveladas pode-se intentar a análise discursiva.

Pêcheux, nesse sentido, ressalva as posições dos sujeitos em conformidade com interesses marcados pela ideologia:

a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes. (PÊCHEUX, 2014, p. 134) (os grifos são do autor)

Para Pêcheux, existe uma relação entre o inconsciente e a ideologia (leia-se Freud e Marx) e ela está no cerne da teoria *não subjetivista da subjetividade* pela qual Pêcheux visou se afastar do idealismo, que opaca a visão dos posicionamentos dos sujeitos enquanto seres políticos. Os esquecimentos previstos em sua teoria – que contemplam a ilusão do sujeito ser autônomo e original em seu dizer – e a noção de reformulação parafrástica dos discursos são da ordem do não controle e levam em conta o inconsciente e a interpelação pela ideologia.

Esse sistema inconsciente explica as inscrições em formações discursivas, a ideologia, portanto, é capaz de inscrever o sujeito e projetá-lo em redes de sentido a partir de suas interpelações, de modo que os discursos que ele produzir tenham os sentidos construídos mediante sua inscrição ideológica. Assim, X pode significar Y, ou Z..., em meio às inúmeras possibilidades de deriva dos discursos, nas quais os sujeitos discursivos, deliberadamente ou

não, se declaram pertencentes a uma formação discursiva, porque um efeito da forma-sujeito do discurso é

o de mascarar o objeto daquilo que chamamos o esquecimento número 1, pelo viés do funcionamento do esquecimento número 2. Assim, o espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza uma formação discursiva dada aparece como o lugar de constituição do que chamamos o *imaginário linguístico* (corpo verbal). (PÊCHEUX, 2014, p. 165) (os grifos são do autor)

Nesta pesquisa, é possível a observação da ocorrência de paráfrases pela análise das regularidades que emergem da interpretação das sequências discursivas. As paráfrases podem remeter a outros textos selecionados para o *corpus* ou, pelo viés do interdiscurso, remeter a discursividades educacionais, políticas, jurídicas, religiosas, e outras; uma vez que as formas-sujeito dos discursos são resultado de um processo de interpelação e se manifestam pelo intradiscurso – enunciação peculiar do sujeito e que rompe o tecido do interdiscurso, tendo em vista as inscrições ideológicas em formações discursivas e as condições de produção.

Após estabelecer a análise discursiva como dependente de questões de ordem da ideologia, a qual, marcada pela luta de classes, é a característica principal da segunda fase da análise de discurso francesa, Pêcheux amplia os sentidos de sua teoria e (re)formula o percurso do analista, ao atribuir a ele a tarefa de confrontar três caminhos: o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação. Assim,

O problema principal é determinar nas práticas de análise do discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição ou interpretação sejam condenadas a se misturar no indiscernível. (PÊCHEUX, 2008, p. 54)

É, portanto, nessa relação de alteridade que se instauram os pontos de deriva passíveis de interpretações. Desse modo, as coisas-a-saber serão visitadas em redes de memória nas quais os sujeitos se encontram por identificação. Esses efeitos de identificação são assumidos discursivamente e revelam-se nas materialidades discursivas a partir de um acontecimento, o qual, enquanto “(um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória.” (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Em o papel da memória (*op. cit.*, 1999), o autor levanta a tensão

entre memória e acontecimento. A memória, enquanto universo dos já ditos, é recuperada no acontecimento discursivo em um embate entre a interpelação e o reiterável.

É nessa perspectiva que me proponho a desenvolver o estudo e a análise dos discursos midiáticos que efervesceram pós Enem de 2015, especialmente no que se refere às posições acerca da tomada de posição do Inep, órgão responsável pelo exame, de não silenciar e trazer à luz discussão acerca da mulher na sociedade brasileira e o pensamento de uma filósofa feminista, cuja incursão histórica a qualificaria para interpretação no eixo das ciências humanas.

As interpelações das instâncias enunciativas revelarão em suas (re)inscrições nas diversas discursividades movimentos parafrásticos, elementos da memória discursiva (re)formulados nos/pelos acontecimentos, discursos reiteráveis por identificação ou desidentificação, conforme poderemos ver já, em certa medida, a partir da descrição do *corpus*.

## **CAPÍTULO 2**

### **ROTAS METODOLÓGICAS**

## CAPÍTULO 2

### ROTAS METODOLÓGICAS

A escolha dos textos para a composição do *corpus* foi motivada por um processo de interpelação pelos variados dizeres acerca do tema que se revelou polêmico no Enem de 2015. Pudemos acompanhar e participar das discussões, tomar posições ou reproduzir ideias difundidas em muitos espaços que oportunizam a comunicação, como, por exemplo, veículos do jornalismo e redes sociais.

A mola propulsora do conflito das percepções do acontecimento – representada, aqui, pelos treze textos selecionados (anexos, p. 149) – foram duas situações da prova que abordavam a condição da mulher em sociedade. A interpretação do fragmento de uma obra da filósofa Simone de Beauvoir, o qual foi texto base para sua identificação enquanto marca do movimento social feminista na década de 60, e a proposta de reflexão sobre a persistência da violência contra a mulher no Brasil, no texto da redação, causaram uma grande polêmica à época do exame.

A mídia deu visibilidade a diferentes posicionamentos, o que me motivou a selecionar textos que representassem o embate ideológico estabelecido. Essa seleção teve como critério o equilíbrio entre a quantidade de textos que qualificam e a quantidade de textos que não qualificam o tema. Além disso, procuramos textos publicados em veículos de circulação em âmbito nacional, hospedados em sites de revistas, jornais e blogs com público leitor, possivelmente, de diferentes regiões do país.

Sabe-se que a sociedade brasileira ainda é marcada pela violência de gênero. Por este ser um tema do cotidiano e de relevância social, mas capaz de provocar essa ruidosa disputa pelo lugar da razão, decidimos investigar como os dizeres se constituíram discursividades favoráveis ou críticas à problematização proposta no exame. Tal análise é importante tendo em vista a habitual repercussão do Enem nas salas de aula de todo o país. Além disso, no caso de 2015, a repercussão também passa pela reação da sociedade à atitude do Inep, a qual provocou, indiretamente, o desacordo levantado neste trabalho.

A proximidade entre o assunto abordado na questão do eixo Ciências humanas e suas tecnologias e o tema da redação incomodou e foi entendida, em muitos casos, como difusão de ideologia política de esquerda e de gênero. Em resposta a discussões nessa perspectiva,

outros posicionamentos emergiram como forma de fortalecer a necessidade da problematização da mulher, o que contribuiu para o acirramento das divergências.

Cabe destacar, mais uma vez, que foram as reações à abordagem da questão da mulher no Enem que orientaram a escolha dos textos para esta pesquisa qualitativa, na qual o gesto de interpretação será amparado pela Análise de Discurso Francesa de linha pecheutiana, em dois momentos de trabalho com os dados: o da macroanálise, relativo às matrizes<sup>12</sup> de percepção das regularidades<sup>13</sup>, e o da microanálise, relativo à descrição e à análise das sequências discursivas<sup>14</sup>, que são, ao mesmo tempo, oriundas das regularidades da macroanálise e geradoras de enunciados operadores na microanálise.

Portanto, a microanálise deriva de percepções apontadas na macroanálise, uma vez que foram construídas matrizes de cada um dos textos, as quais tiveram quatro colunas: a coluna das ocorrências, que indicam as três regularidades observadas na análise de todo o *corpus* do trabalho; a coluna dos dizeres, que trazem sequências discursivas dos textos de opinião capazes de revelar a existência de recorrências; a coluna das potencialidades das materialidades, em que há descrições de aspectos gramaticais, semânticos e de expressividade dos enunciados; e a coluna das sínteses das percepções, que traz análises que emergiram à luz do referencial da AD pecheutiana.

As sequências discursivas são a unidade de análise mais adequada para a abordagem do *corpus* desse trabalho, pois possibilitam o levantamento de matrizes de regularidades que permitem nossa interpretação e análise. Segundo Santos,

a disposição distintiva dessas regularidades constituirá as chamadas matrizes, consideradas como síntese da macro-instância de análise de uma manifestação discursiva. As matrizes seriam, então, um mapeamento de ocorrências das regularidades no todo do corpus, com vistas a uma organização distintiva da conjuntura discursiva da enunciação em análise. Dessa síntese matricial, composta por sequências discursivas, recortadas da conjuntura enunciativa em estudo, emerge o procedimento de microanálise de uma manifestação discursiva. Essas sequências discursivas, por sua vez, representam conjuntos de enunciados, recortados do escopo da manifestação em estudo, que sinalizam uma evidência por recorrência, particularidade ou

---

<sup>12</sup> “Compilação de evidências enunciativas, percebidas a partir do exame pormenorizado de elementos que significam em uma dada materialidade linguística em estudo, que apontam para uma conjuntura de significações na análise de um objeto discursivo.” (SANTOS, no prelo)

<sup>13</sup> “Evidências significativas observadas na conjuntura enunciativa de uma manifestação discursiva” (SANTOS, 2004, p. 114).

<sup>14</sup> “Conjuntos de enunciados, recortados do escopo da manifestação em estudo, que sinalizam uma evidência por recorrência, particularidade ou efeito, e passam a constituir unidades-base de análise de comportamentos subjetudiniais ou de conjunturas sentidurais” (SANTOS, 2004, p. 114).

efeito, e passam a constituir unidades-base de análise de comportamentos  
sujeitacionais ou de conjunturas sentidurais. (SANTOS, 2004, p. 114)

Desse modo, a partir da seleção das regularidades, na microanálise das sequências selecionadas, pudemos examinar as formações imaginárias, discursivas e os interdiscursos que delas emergiram. Santos (2004, p. 114) reforça que “é por meio das regularidades que se emoldura com mais clareza o tópico em investigação pelo analista, corroborando, assim, com as projeções determinantes advindas dos objetivos, hipóteses e questões de pesquisa.”

Pela análise das sequências discursivas, busco a memória discursiva desvelada nos dizeres, as formações ideológicas observadas pela manifestação da forma-sujeito dos enunciadores e o interdiscurso, pois a instância enunciativa sujeitacional se manifesta a partir da circunscrição do sujeito na enunciação. Para Santos,

Esse sujeito do discurso, ou sujeito discursivo fará uma tomada de posição que o conduzirá a um lugar discursivo ou a um lugar social, ou ainda uma alteridade constitutiva em ambos. Esse processo acontecerá porque quando esse sujeito discursivo for interpelado, atravessamentos interdiscursivos se sobreporão à formação discursiva de inscrição daquela forma-sujeito. (SANTOS, 2009, p. 84)

Inicialmente, apresento matrizes para cada um dos textos jornalísticos de opinião selecionados para a composição do *corpus*. Cada matriz se constitui na descrição dos dizeres e análises das potencialidades em três ocorrências de regularidades que nos chamaram atenção: *Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015*, *A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com ideologias diversas* e *Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea*. Após a seleção dos dizeres apresentados como regularidades dessas três ocorrências, construo um olhar para a análise das potencialidades dessas materialidades, na qual tive o cuidado de descrever seus aspectos linguísticos e semânticos.

Após a macroanálise, que proporcionará um mapeamento do *corpus*, serão montadas matrizes sentidurais, que possibilitarão observar as regularidades em conjunto, tanto reunindo dizeres que qualificam o tema da mulher no Enem 2015, quanto aqueles que não qualificam. Na microanálise, portanto, terei seis matrizes, sendo duas (dizeres que qualificam e dizeres que não qualificam) para cada uma das três regularidades descritas na macroanálise e, na



síntese dessas percepções, elaboro meu gesto de interpretação de enunciados operadores, derivados das três regularidades.

Das matrizes elaboradas na microanálise, derivarão seis axiomas, enunciados que remetem às regularidades mapeadas em cada uma delas. Sendo assim, cada paráfrase observada nas sequências selecionadas para uma regularidade constará em um axioma – elaborado como síntese das significações instauradas pelos dizeres e revelado pelos enunciados operadores que demonstram certa recorrência de sentidos.

Nesse sentido torna-se relevante trazer à tona o posicionamento de Figueira (2007) quando afirma que

Os axiomas discursivos, por oposição aos enunciados ordinários que ocorrem nos processos enunciativos, diferenciam-se destes devido ao status singular que apresentam.

O status de um axioma discursivo consiste em sua existência material (não-empírica) no nível da memória discursiva. Tal existência permite que o axioma discursivo seja repetível, isto é, que seja retomado em infinitas reformulações possíveis ao longo dos processos enunciativos que se inscrevem no devir histórico. (FIGUEIRA, 2007, p. 59)

A partir do dispositivo matricial, será possível pôr em funcionamento as análises discursivas em suas constituições sentidurais, de modo que possibilitará o ordenamento conceitual na configuração epistemológica da análise: o intervalo histórico de dispersão dos sentidos<sup>15</sup>, responsáveis pela constituição das instâncias enunciativas sujeitacionais.

O trabalho visa a investigar materialidades discursivas que refletem posicionamentos ideológicos revelados na mídia, qualificando ou não a temática, tendo em vista o modo como cada sujeito foi interpelado pelo tema. Para Santos (2004), se o papel dos sujeitos nos discursos é indissociável da produção dos sentidos de seus dizeres, “não podemos pensar uma investitura da ordem dos sentidos que atravessam os discursos, sem que passe pela clivagem dos sujeitos.” (*op. cit.*, p. 109).

Desse modo, essa metodologia de investigação permitirá identificar se as tomadas de posição das instâncias enunciativas sujeitacionais, mostram-se, desde a macroanálise, relacionadas a clivagens ideológicas, sócio-históricas e políticas e permitem uma aproximação

---

<sup>15</sup> Conexão entre ações sujeitacionais, na qual uma ação subsequente é consequência de uma ação antecedente submetida a um processo de tensão enunciativa, cuja decorrência pode ser razão de significação para apagamentos, silêncios e esquecimentos, dispostos em uma alteridade interpelativa, determinante para uma interpretação dos efeitos de constituição do sujeito na enunciação (SANTOS, 2007, p. 197).

entre discursividades que qualificam a abordagem do Enem e outra aproximação entre aquelas que não a qualificam. Sendo assim, estará fortalecida a perspectiva de análise, que contempla o encamiamento pelo conceito de paráfrase em Pêcheux.

O recorte proposto neste trabalho tem de peculiar a aproximação histórica e também política, por (des) identificação; já que os textos de opinião foram escritos e publicados logo após o Enem de 2015. Observamos que o contexto político e as filiações ideológicas apresentam certa ressonância na abordagem da problematização da mulher na sociedade brasileira. As regularidades observadas, tendo em vista a historicidade dos dizeres, envolvem o contexto político, em que a presidenta Dilma cumpria no início de seu segundo mandato, depois de uma acirrada disputa no segundo turno das eleições, por isso é importante investigar nos textos se os posicionamentos acerca da temática da mulher no Enem refletem, de maneira imbricada, parafrástica, posições ideológicas em relação às políticas governamentais. A metodologia utilizada revelará se as materialidades discursivas se projetam em movimentos enunciativos os quais revelam filiações políticas, corroborando a hipótese de que essas questões podem interferir na escolha dos temas propostos para discussão nos exames.

Tomando o que Pêcheux chama “coisas-a-saber” como as posições que os sujeitos assumem diante um acontecimento discursivo, a identificação ou desidentificação com o tema da mulher, tal qual se apresentou no Enem 2015, ocorreu por constituições sentidurais e sujeitudinais que contam com as redes de memória, as quais inscrevem os sujeitos em um ou outro lugar.

Desse modo, a descrição das materialidades a partir das sequências discursivas é fundamental para que seja possível alçar o plano da interpretação:

O problema principal é determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível. (PÊCHEUX, 2008, pág. 54)

Pêcheux adverte que, em vez de excludentes ou sequenciais, a descrição e interpretação devem ser estreitamente relacionadas. É isso o que nos propusemos fazer na análise realizada nesta pesquisa, desenvolvida a fim de revelar a existência ou a ausência de semelhanças ideológicas capazes de mover discursos envolvidos com a proposta de dar visibilidade ou de silenciar questões relacionadas ao espaço reservado à mulher na sociedade.

### **CAPÍTULO 3**

#### **DISCURSIVIDADES MUDIÁTICO-IDEOLÓGICAS SOBRE A TEMÁTICA DA MULHER NO ENEM 2015**

## CAPÍTULO 3

### DISCURSIVIDADES MIDIÁTICO-IDEOLÓGICAS SOBRE A TEMÁTICA DA MULHER NO ENEM 2015

#### 3.1 Considerações Iniciais

Em um primeiro olhar para as materialidades que compuseram o *corpus*, identifiquei os posicionamentos das instâncias enunciativas acerca do tema discutido nos seus textos de opinião e, depois, fiz um levantamento das regularidades identificadas na abordagem do assunto nos textos selecionados. Esse levantamento das regularidades propiciou a observação de que existia uma similaridade no modo como os textos abarcavam a polêmica.

Dentre as primeiras recorrências chamou-me atenção um léxico, em certa medida, comum, pois este é apresentado em razão das tomadas de posição políticas sobre o tema abordado no Enem. São exemplos dessas regularidades lexicais, em textos que não qualificam a temática: “ideologia de esquerda”, “fascismo”, “marxismo-leninismo”, “discurso feminista”, “viés ideológico”, “doutrinação”, e, em textos de contrapartida ideológica, termos como “violência”, “vítima”, “luta”, “diálogo”, “resistência”, “direitos das mulheres”. Conforme Pêcheux,

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas condições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 2014, p. 146) (os grifos são do autor)

As palavras remetem a determinadas formações discursivas as quais iremos revelar durante a microanálise. Importantes à mesma maneira, características sintáticas como as das orações subordinadas e dos operadores argumentativos também devem ser examinados, porque contribuem para que se revelem as incursões dos sujeitos em diferentes formações discursivas.

Sobre o contexto histórico exposto pelas materialidades, é necessário destacar o acirramento que se manifestou no fim do primeiro ano do mandato de reeleição da presidenta

Dilma. Esse contexto se revelou nas abordagens ao tema da mulher no Enem 2015, em textos que atribuíram ao tema um viés esquerdista ou em textos cujos autores não compartilhavam da mesma convicção. Assim, tendo em vista as condições de produção, pode-se dizer que há uma interdiscursividade que contribui para a inserção dos dizeres em formações discursivas a partir de uma situação parafrástica, já que, em alguns casos, identifica-se a disposição de ratificar a persistente violência contra a mulher no século XXI e, em outros, de ressaltar o discurso político de esquerda que estaria sendo difundido na escolha do tema.

O tema da mulher apresentou-se como causa da polêmica pela forma como foi abordado no exame, as críticas foram pontuadas na escolha da filósofa - considerada, naquele contexto, estandarte de uma ideologia de esquerda - e no tema da redação, considerado delicado em exame de seleção pelo fato de pontos de vista políticos ou religiosos (especialmente aqueles relacionados à postura da mulher na sociedade, ao casamento, ao aborto) prejudicarem alguns candidatos, já que poderiam ser criticados por avaliados cujas interpelações pertencem a outra ordem de constituição sujeitucional.

A polêmica repercutiu de modo que se observasse a denegação do problema e o silenciamento da importância do debate acerca da condição da mulher na sociedade brasileira contemporânea.

Os pontos de inflexão dizem respeito à abordagem da questão da mulher no Enem 2015, que se revelou motivo de interpelação nos textos selecionados. A análise discursiva mostra que as instâncias enunciativas sujeitacionais se posicionaram em relação à pertinência da discussão do tema no âmbito das práticas educacionais, muitas vezes, movidas principalmente por convicções ideológicas. Os textos problematizam a abordagem e o devir da abordagem no exame, como sendo (ou não) imposição de uma teoria de esquerda e pertinente (ou não) para a reflexão em contexto de avaliação nacional.

A presença de pré-construídos, que se apresentam em identificação entre os discursos que qualificam e também entre os que não qualificam, remetem a uma memória discursiva produzida a partir do interdiscurso que constitui esses posicionamentos. A (re)inscrição (inter)discursiva, no processo de alteridade, compõe historicamente a memória discursiva que identifiquei na construção do discurso polarizado em relação à abordagem da temática da mulher no Enem 2015. Por isso, o estudo embasado na análise de discurso é relevante por seu valor de ação política que (d)enuncia processos de silenciamento que promovem a marginalização, como ainda acontece com a mulher na sociedade atual.

Em nível de análise preliminar, observa-se que o que se projeta nas regularidades é uma discursividade a qual se justifica ora pelo fortalecimento ora pelo apagamento de ideologias diversas. A polêmica revela a influência de identificações ideológicas às práticas educacionais, razão pela qual se observa que a determinados assuntos são atribuídos valores diferentes. As instâncias enunciativas sujeitacionais se comportam de acordo com perspectivas ideológicas as quais buscamos mapear nas análises a partir de um gesto de interpretação da memória discursiva, do atravessamento interdiscursivo e das formações ideológicas que fazem emergir os sentidos.

### **3.2 Macroanálise do *Corpus***

Delinee o *corpus* na macroanálise, apresentado no apêndice do trabalho. Nesse primeiro encaminhamento, treze textos foram analisados em matrizes numeradas de 1 a 13. Por isso, nas matrizes da microanálise, as sequências indicarão a matriz da macroanálise da qual as sequências derivam.

O trabalho com o *corpus* teve início com a releitura de textos que, à época da polêmica sobre a temática da mulher no Enem, discursivizaram sobre a possível relação do tema no exame nacional e o fato de o governo difundir ideologia de esquerda. Esses textos foram selecionados, e o critério que usamos para essa seleção dos treze que compõem o *corpus* foi o fato de não apresentarem apenas um ponto de vista. Se o objetivo foi descrever e analisar discursivamente a polêmica, houve o cuidado de não escamotear uma ou outra visão sobre o tema.

Após a seleção dos textos, o critério para definir as ocorrências foi a observação de regularidades, que se revelaram após a leitura atenta e analítica dos discursos produzidos. As regularidades surgiram de um gesto de interpretação dos dados, a qual foi posteriormente sustentada por sequências dos próprios textos de opinião. Desse modo, embora os textos possam revelar outras regularidades, além daquelas que observei e sobre as quais me propus a debruçar neste trabalho, existe sustentação para as minhas observações nas materialidades linguísticas e discursivas, levantadas, descritas e analisadas nas matrizes.

O recorte dos dizeres em relação às ocorrências decorreu de uma organização dos sentidos nas três recorrências observadas no momento de leitura dos textos. Se foi possível perceber retomadas discursivas, reafirmando ou contestando determinada percepção, já as

tomamos como regularidades, tendo em vista o movimento de paráfrase o qual busquei descrever.

Com o propósito de ilustrar as partes que compõem a matriz da macroanálise, apresentamos partes que compõem a matriz 02. Conforme disse anteriormente, as sequências discursivas dos textos de opinião revelaram, nas matrizes, discursividades capazes de ilustrar as recorrências observadas. Nesse caso, a primeira sequência da matriz (M02 – SD1) comprova a não qualificação da escolha do tema da mulher no Enem, mas, ao contrário, o concebe como potencial para a propaganda de discursos políticos ideológicos consonantes com o ideal político do então governo. Vejamos:

M02- SD1 “Há algum exagero na acusação de que o governo transformou o Enem numa prova doutrinária, que só aprova candidatos com bons conhecimentos de marxismo-leninismo. Deve-se reconhecer, porém, que o exame, notadamente a parte de ciências humanas, dá generoso espaço a tópicos e autores caros à esquerda. Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos.”

Depois, nas potencialidades das materialidades que confirmaram a existência da recorrência, os aspectos de construção dos enunciados foram descritos, conforme se pode observar a seguir.

Na SD1, observa-se que “algum exagero” e a oração adjetiva que compõe o primeiro período antecipam a crítica em tom irônico que se arrolará nos parágrafos seguintes. A seguir, em referência ao Enem, as expressões “dá generoso espaço” e “perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas” observam-se informalidades que suscitam dúvidas no leitor quanto à seriedade do exame, já que, conforme a IES, facilmente se poderia identificar seu objetivo doutrinário, o qual se observa usando “critérios bem frouxos”.

A síntese das percepções apresenta um gesto de interpretação sobre a sequência, o qual se embasa em aspectos linguísticos e discursivos. Tal movimento é imprescindível para que a análise revele as minhas percepções de analista, que, se são do âmbito da subjetividade, não são do âmbito da imaginação. A seguir, a síntese das percepções de uma das sequências, após a descrição das potencialidades das materialidades.

A ideia apresentada inicialmente, “um pouco de exagero”, embora pareça paradoxal, revela-se como ironia, pois os enunciados mostram a percepção do excesso de ideologia de esquerda nas questões que selecionam os

candidatos. Desse modo, o tema da redação justifica-se pelo propósito doutrinário, pois os candidatos teriam de mostrar “bons conhecimentos de marxismo-leninismo” para, portanto, obterem um bom desempenho na avaliação. Nota-se aqui a aproximação dos temas da prova às ideologias de Marx e Lenin, provocando uma relação entre o exame e a propagação do pensamento comunista, desestabilizando, por conseguinte, sua credibilidade enquanto avaliação nacional.

Esse primeiro movimento do trabalho possibilitará o surgimento de outras percepções, em que, numa situação de análise, e não mais de levantamento de regularidades, considerarei o engendramento das divergências de opiniões entre as instâncias enunciativas sujeitudinais.

Para cada uma das três regularidades observadas, teremos duas matrizes, que irão relacionar dizeres que qualificam e dizeres que não qualificam a temática, conforme detalharei adiante. As duas primeiras matrizes estão relacionadas à justificativa da escolha da temática da mulher conforme se apresentou no Enem 2015 (Matriz I: Sequências de textos que qualificam a escolha do tema mulher no Enem 2015 e Matriz II: Sequências de textos que não qualificam a escolha do tema mulher no Enem 2015); outras duas matrizes analisam textos que discorrem sobre a relação entre a temática no Enem 2015 e a difusão de propaganda política e ideológica (Matriz III: A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que qualificam a escolha do tema e Matriz IV: A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que não qualificam a escolha do tema); e as duas últimas matrizes da microanálise dizem respeito à necessidade de visibilidade de questões relacionadas à mulher na sociedade contemporânea (Matriz V: Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que qualificam a escolha do tema e Matriz VI: Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que não qualificam a escolha do tema)

### **3.3 Microanálise do *Corpus***

#### **3.3.1 Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015**

A partir desta temática, que é a primeira das três recorrências identificadas nos treze textos selecionados como *corpus* do trabalho, inicio as análises dos dizeres em que se manifestaram posicionamentos favoráveis e contrários ao tema da mulher conforme se



apresentou no exame. Selecionei dos treze artigos sequências em que as instâncias enunciativas sujeitacionais enunciassem sobre o porquê de o tema, na questão objetiva ou na proposta de redação, ser (ou não ser) necessário, importante, viável para os candidatos ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Em vez de me remeter à autoria, utilizarei uma extensão teórica da análise de discurso pecheutiana, desenvolvida por Santos (2009), conforme já exposto no referencial teórico deste trabalho.

Sendo assim, M01 SD1, por exemplo, indicará a primeira sequência do texto 01, já destacada na macroanálise dos dados. E, a partir dessas sequências, recortamos enunciados operadores. Esses enunciados podem ser síntese das sequências ou representar uma interdiscursividade recorrente nas sequências.

Na seção de análise *A Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015* - assim como nas duas outras seções que indicam as recorrências apresentadas - terei dois axiomas, os quais possibilitarão uma síntese das recorrências que se manifestam em cada um dos dois eixos da polêmica levantada, o eixo que qualifica e o que não qualifica o tema. Dessa análise pormenorizada, surgirão, então, os axiomas. Os axiomas foram elaborados após a análise dos enunciados operadores que decorreram das análises das sequências, já que, tomando as discursividades reunidas por regularidades, emergiram sentidos outros, importantes de se destacarem na microanálise.

### **3.3.1.1 Dizeres que qualificam a escolha do tema**

Os dizeres que qualificam são aqueles que valorizam a escolha do tema e os justificam como relevantes para a discussão no exame de 2015, e, por conseguinte, nas salas de aula de todo o país. Assim, considerando as recorrências acerca dessas discursividades, que remetem a uma memória discursiva, estabelecemos este axioma, originário das percepções dos dizeres presentes na matriz que se segue.

*Axioma 01: Os dizeres que qualificam o tema da mulher como abordado no Enem recorrem ao interdiscurso jurídico e ao educacional*

#### **Matriz I – Microanálise**

#### **Sequências de textos que qualificam a escolha do tema mulher no Enem 2015**

<b>A violência natural contra as mulheres e a administração da ignorância</b>	M01 SD1 “Dias atrás, jovens brasileiros escreveram sobre ‘A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’, tema da redação do ENEM/ 2015. O assunto é dos mais importantes no contexto da naturalização da violência contra as mulheres. Essa violência que se tornou uma constante cultural e que é assunto de todos. Não há no Brasil mulher que não tenha sofrido violência, que não tenha alguma mulher na família ou não conheça quem tenha sofrido violência. Não há quem não seja ou não conheça um sujeito ativo da violência contra as mulheres.”
<b>Enem 2015: A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira</b>	<p>M03 SD1 “O tema da redação do Enem deste ano foi ‘A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’. Isso é um grande avanço, pois, levou sete milhões de estudantes a parar para pensar cuidadosamente no assunto e organizar suas ideias em um texto. Acho que já passou da hora de tratarmos da violência (sexual ou não) contra a mulher com a seriedade que ela merece. É preciso combater as ideias e tradições que incentivam a inferiorização do sexo feminino.”</p> <p>M03 SD2 “A mulher sempre foi vista como objeto do desejo na maioria das culturas e, em pleno século XXI, ainda não conseguimos nos desvencilhar dessa amarra.”</p> <p>M03 SD3 “Lutamos contra séculos de inferiorização e dominação. Não é uma batalha fácil, mas não podemos mais nos acovardar e esperar que as coisas melhorem por si.”</p>
<b>A redação do Enem e o papel das empresas para o fim da violência contra a mulher</b>	M05 SD1 “Houve outras perigosas e dolorosas reprovações ao tema e, portanto, por extensão, contrárias às conquistas da mulher nas últimas décadas. O lado positivo é que a maioria dos professores e estudantes aprovou o tema, considerado atual, já que a violência contra a mulher é, infelizmente, uma prática da qual ainda não conseguimos nos livrar. Outro fator positivo é que a redação exigiu do aluno uma posição favorável à mulher, já que seria simplesmente impensável alguém defender a violência. E, assim, 6 milhões de jovens, pelo menos, pararam para pensar na situação da mulher brasileira. Ponto para o Enem.”
<b>Parabéns, atingimos a burrice máxima</b>	M07 SD1 “Como sugeriu o crítico de cinema Inácio Araújo em seu blog, se defender que a mulher tenha o direito de andar sem

	<p>ser perturbada, agredida e chutada é tema de esquerda, isso só pode significar que a direita vai muito mal.”</p>
<p><b>“Há resistência de admitir a violência específica contra a mulher”, diz pesquisadora</b></p>	<p>M09 SD1 “Eu fiquei muito feliz. No início do ano, a presença dos termos de gênero nos planos municipais e estaduais de Educação transformou o tema em uma grande polêmica e as menções foram retiradas. Menções a essa preocupação já existiam há muito tempo em orientações curriculares, sem que houvesse polêmica. Mesmo assim, nenhuma política havia sido colocada de maneira forte nesse sentido. As políticas nunca deram muita importância para isso. Mas como, hoje em dia quem de fato pauta o currículo é o Enem, é uma transformação. Por mais que haja as diretrizes curriculares, as escolas se pautam muito mais pelo Enem, os professores direcionam as aulas partindo dos pressupostos do que vai cair na prova.”</p> <p>M09 SD2 “De alguma forma, falar sobre isso ainda é considerado uma militância mesmo. Porque boa parte das reações contrárias, inclusive dos adolescentes, é de desmerecimento da questão. O que mais se ouve é que o ‘homem também morre’. Quando houve a aprovação da Lei Maria da Penha, falavam em tom de brincadeira que faltava uma ‘Lei João da Penha’. O problema é que existe uma hierarquia de gêneros muito naturalizada na sociedade. Ainda existe muita resistência de admitir uma violência específica contra a mulher, uma violência específica de gênero.”</p>
<p><b>Sobre o ENEM e a tal Ideologia de Gênero</b></p>	<p>M11 SD1 “Como mulher, muito pouco me vi representada nos conteúdos que aprendi na escola. Nos livros didáticos, me lembro, sempre aparecia no papel de mãe, de filha ou de esposa. Sempre vinculada a profissões consideradas secundárias e/ou femininas, o que para muitos é a mesma coisa.”</p> <p>M11 SD2 “A prova do ENEM 2015 foi o resultado de muita luta, muito grito e muito sofrimento. Estamos há tempos aos berros afirmando quantas pessoas são mortas, violentadas, estupradas e são excluídas diariamente no Brasil.”</p> <p>M11 SD3 “Ser contra a ‘ideologia’ de gênero é ser a favor da desigualdade social, da violência, do silenciamento, do assassinato e da exclusão de pessoas.”</p>

<p><b>Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites de Feliciano e Gentili</b></p>	<p>M13 SD1 “Debater temas como violência contra a mulher é importante para a sociedade, há inúmeras pesquisas sérias que comprovam o alto índice de mortes de mulheres por seus companheiros.”</p> <p>M13 SD2 “É urgente que temas como esses sejam debatidos e ensinados, se estão incomodando é porque talvez estejamos no caminho da mudança.”</p>
--	---

A afirmativa que compôs o tema da redação do Enem, “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, repercutiu nas exposições dos argumentos, tendo em vista que a situação de persistência da violência foi uma das principais justificativas para a importância do debate nos dias atuais, conforme podemos observar a partir da análise destes enunciados-operadores<sup>16</sup> transcritos das sequências.

EM01 SD1 “O assunto é dos mais importantes no contexto da naturalização da violência contra as mulheres. Essa violência que se tornou uma constante cultural e que é assunto de todos.”

EM01 SD3 “É preciso combater as ideias e tradições que incentivam a inferiorização do sexo feminino.”

EM03 SD2 “A mulher sempre foi vista como objeto do desejo na maioria das culturas e, em pleno século XXI, ainda não conseguimos nos desvencilhar dessa amarra.”

EM09 SD2 “O problema é que existe uma hierarquia de gêneros muito naturalizada na sociedade. Ainda existe muita resistência de admitir uma violência específica contra a mulher, uma violência específica de gênero.”

EM11 SD2 “Estamos há tempos aos berros afirmando quantas pessoas são mortas, violentadas, estupradas e são excluídas diariamente no Brasil.”

Posso observar que, desde o EM1 SD1, ideias relacionadas à ideia de persistência da violência contra a mulher são enfatizadas. As expressões “naturalização da violência contra as mulheres”, “constante cultural” remetem a uma determinada formação discursiva, tendo em vista que as paráfrases, ou seja, a recorrência das percepções das instâncias se revelam em outras sequências. A importância atribuída ao tema passa, na perspectiva dessa instância

<sup>16</sup> Os enunciados operadores serão indicados por E e seguidos pela indicação das matrizes e sequências discursivas de que derivam; por exemplo, em EM3 SD1, tem-se um enunciado que deriva do texto 3 da matriz da macroanálise e, também, da primeira sequência discursiva da regularidade analisada nesta seção do capítulo, no caso: Sequências de textos que qualificam a escolha do tema mulher no Enem 2015.

enunciativa sujeitudinal (IES), pela observação da contemporaneidade. Sendo, portanto, a violência contra a mulher um “assunto de todos”. Ao ampliar o alcance do tema nessa expressão, observa-se a alusão e, principalmente, a crítica à polêmica que se instaurou sobre o tema da redação, que estaria em sintonia com os ideais de determinada ideologia política. As percepções da IES revelam sua observação de que a mulher é vítima da cultura machista da sociedade brasileira. No EM3 SD1 e EM3 SD2, as expressões “combater ideias e tradições”, “sempre foi vista” e “em pleno século XXI” mostram-se em contraste temporal, mas revelam manutenção do *status quo*, apesar disso.

No EM9 SD2, apresentam-se argumentos que visam a comprovar a assertiva inicial, de que falar sobre o tema é considerado “militância mesmo”. A presença do discurso direto na fala da IES aproxima o leitor de uma situação real, na qual se identifica a depreciação da luta pela igualdade entre gêneros, como se confirma em “o que mais se ouve é que ‘homem também morre’.” Observa-se que o atravessamento discursivo do conhecimento sustenta a argumentação, ratificando a importância da proposta do tema da redação, tendo em vista a necessidade de desnaturalizar a violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Dentre as explicações para que muitas pessoas ainda considerem militância falar sobre a violência contra a mulher, os exemplos trazidos para o texto são elementos de uma interdiscursividade que remontam às práticas sociais de preservação da naturalização da violência por um processo de apagamento. Devido à manutenção da cultura sexista, observa-se, ainda no século XXI, a dificuldade de se reconhecer a diferença de gênero e a consequente violência contra a mulher. Por isso, conforme o EM11 SD2, a quebra de paradigma é representada por palavras como ‘luta’, ‘grito’, ‘sofrimento’ e ‘berros’, termos que apontam para um protesto desesperado, que clama por mudanças.

Se se sabe que a cultura e as tradições preservam a postura da sociedade em relação à mulher e sua condição, os enunciados a seguir reforçam a disposição em resistir à violência, que permite projetar um devir de igualdade entre os gêneros.

EM03 SD3 “Lutamos contra séculos de inferiorização e dominação. Não é uma batalha fácil, mas não podemos mais nos acovardar e esperar que as coisas melhorem por si”

EM05 SD1 “Houve outras perigosas e dolorosas reprovações ao tema e, portanto, por extensão, contrárias às conquistas da mulher nas últimas décadas.”

EM07 SD1 “Como sugeriu o crítico de cinema Inácio Araújo em seu blog, se defender que a mulher tenha o direito de andar sem ser perturbada,

agredida e chutada é tema de esquerda, isso só pode significar que a direita vai muito mal.”

EM11 SD3 “Ser contra a ‘ideologia’ de gênero é ser a favor da desigualdade social, da violência, do silenciamento, do assassinato e da exclusão de pessoas.”

EM13 SD1 “Debater temas como violência contra a mulher é importante para a sociedade, há inúmeras pesquisas sérias que comprovam o alto índice de mortes de mulheres por seus companheiros.”

No EM3 SD3, “lutamos”, “batalha” e “acovardamos” pertencem ao campo lexical da resistência, do empenho à promoção da mudança. A justificativa para a temática da mulher no exame apresenta-se aqui como resistência à inferiorização do sexo feminino. Já o EM5 SD1, “outras perigosas e dolorosas reprovações” pode referir-se, dentre outras possibilidades, ao protesto do deputado federal Marco Feliciano nas redes sociais, tendo em vista seu poder de representação da sociedade. As reprovações tornam claro o posicionamento a ser exposto ao longo do texto. Além disso, se para a IES defender a violência é algo “impensável”, não há motivo para a polêmica que se instaurou na mídia brasileira. O interdiscurso manifesta-se mais uma vez como um atravessamento ideológico.

O mesmo acontece no EM07 SD1, pois a conjunção condicional “se”, que inicia o período apresentando os dizeres de Inácio de Araújo, chama a atenção para o distanciamento necessário do tema da redação do Enem 2015 de interesses político-ideológicos do governo vigente, pois a necessidade de discussão do tema proposto aos candidatos é irrefutável. De acordo com o EM07 SD1, defender a mulher da violência não pode ser postura apenas de pessoas que se manifestam à esquerda. O fato da voz de Inácio Araújo ser trazida ao texto, “a direita vai muito mal”, revela uma coincidência entre os dois posicionamentos, o do crítico de cinema cuja fala é referenciada e o da IES: de crítica à direita que, caso promova e/ou tolere esse tipo de violência, tenha sua credibilidade sob suspeita de legitimidade. A justificativa, implícita no fragmento, diz respeito à necessidade de defesa dos direitos básicos das mulheres.

A presença do verbo ser no EM11 SD3 “Ser contra a ‘ideologia’ de gênero é ser a favor...”, em uma perspectiva antitética, traz ao posicionamento dos sujeitos a ideia de inevitabilidade. A discursividade instaurada mostra que a IES, por identificação ou por desidentificação, distingue os papéis sociais dos sujeitos conforme seus posicionamentos acerca da escolha do tema da persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira para a redação do Enem.

No EM13 SD1, o verbo no infinitivo em “Debater temas...” indica a necessidade do constante debate sobre a violência contra a mulher na sociedade contemporânea, apesar de existirem diferentes afinidades políticas, tendo em vista as pesquisas que comprovam que a mulher é vítima, muitas vezes fatal, de seus companheiros, e este é um problema de toda a sociedade. Portanto, a IES expõe a necessidade de se discutir o tema da mulher na sociedade brasileira, pois a violência se comprova em pesquisas sérias. A expressão “alto índice”, apesar de não ser comprovada com dados, ancora-se em um saber prévio, compartilhado socialmente.

Os dizeres que justificam a escolha do tema da mulher no Enem como meio de resistir à naturalização da violência contra a mulher também projeta um outro cenário na educação, tendo em vista o alcance do exame, que orienta professores em todo o país, direcionando os debates, a abordagem dos conteúdos nas salas de aula. Os enunciados a seguir mostram essa expectativa.

EM03 SD1 “Isso é um grande avanço, pois, levou sete milhões de estudantes a parar para pensar cuidadosamente no assunto e organizar suas ideias em um texto. Acho que já passou da hora de tratarmos da violência (sexual ou não) contra a mulher com a seriedade que ela merece.”

EM05 SD1 “O lado positivo é que a maioria dos professores e estudantes aprovou o tema, considerado atual”

EM09 SD1 “Por mais que haja as diretrizes curriculares, as escolas se pautam muito mais pelo Enem, os professores direcionam as aulas partindo dos pressupostos do que vai cair na prova.”

EM11 SD1 “Como mulher, muito pouco me vi representada nos conteúdos que aprendi na escola. Nos livros didáticos, me lembro, sempre aparecia no papel de mãe, de filha ou de esposa.”

EM13 SD2 “É urgente que temas como esses sejam debatidos e ensinados, se estão incomodando é porque talvez estejamos no caminho da mudança.”

No EM3 SD1, apresenta-se o apoio ao tema da mulher no Enem e, ainda, expõe uma crítica: o fato de ter passado da hora de o tema ser discutido na sociedade brasileira. A palavra “cuidadosamente”, no EM3 SD1, revela que o candidato deve dirigir-se atenta e ponderadamente para o tema a fim de atingir um bom desempenho no exame. A partir do EM3 SD1, nota-se que a temática no exame nacional, ao levar sete milhões de candidatos a refletirem sobre a violência, contribuiu para a percepção da sociedade para a mudança de paradigmas seculares que persistem ainda no século XXI. O tema no exame nacional mostra-se, aqui, como uma possibilidade de resistência, tendo em vista o papel da educação, ou ainda, da reflexão para mudanças na sociedade.

No EM5 SD1, em “a maioria dos professores e estudantes aprovou o tema”, tem-se a interdiscursividade com o argumento de autoridade a fim de ressaltar a importância da proposta. Na EM9 SD1, a pesquisadora manifesta-se primeiramente de forma subjetiva, e logo justifica sua opinião, apresentando a percepção de uma polêmica: a da retirada das menções sobre gênero em textos sobre educação. Ainda no EM9 SD1, observa-se a relação entre a abordagem do currículo e os temas pertinentes ao Enem. A opção pela oração concessiva, “Por mais que haja as diretrizes curriculares revela a força do exame nacional”, revela a observação de que o Enem orienta a prática de professores nas salas de aula de todo o Brasil e sinaliza que o tema polêmico da redação não deverá ser esquecido, apesar de, naquele mesmo ano, menções sobre questões relacionadas à identidade de gênero tivessem sido retiradas dos planos municipais e estaduais.

O EM11 SD1 mostra que a IES se apresenta como mulher e, a partir de sua vivência, denuncia a ideologia difundida na Educação brasileira, como se confirma em “muito pouco me vi representada nos conteúdos”. O advérbio ‘sempre’, em “sempre aparecia no papel de mãe, de filha ou de esposa”, revela certeza de que não havia outra percepção de mulher à época em que era estudante. Pesquisadora das Ciências Sociais, embora os materiais didáticos em que estudou não lhe tivessem mostrado essa possibilidade, ela observa que, à sua época, privilegiavam a mulher esposa ou desempenhando funções específicas. Sendo assim, o tema da redação do Enem em 2015 transgrediu padrões culturais e ideológicos que, ainda, repercutem na Educação brasileira.

No EM13 SD2, a expressão “estejamos no caminho da mudança” remonta à desestabilização da abordagem tradicional do ensino, a qual silencia pautas e debates sobre determinados temas, e apresenta a tomada de posição da autora, tendo em vista o emprego do verbo na primeira pessoa do plural, “estejamos”. Sua identificação revela que a defesa do debate do tema passa também por questões ideológicas, já que, ao longo do artigo, discorre sobre discursividades que, alinhadas, poderiam ser relacionadas a temas julgados como mais ou menos pertinentes para a abordagem no contexto educacional.

### **3.3.1.2 Dizeres que não qualificam a escolha do tema**

Os dizeres que não qualificam são aqueles que criticam a escolha do tema associando-a a uma agenda política do então governo do país. A proposta de discussão sobre o lugar da



mulher na sociedade é considerada ora irrelevante do ponto de vista educacional, ora pretexto para abordagem de projetos da esquerda política no Brasil. Considerando as recorrências nas discursividades, percebo que elas remetem a uma memória discursiva de oposição, de crítica, a qual se pauta pelo confronto ideológico e menos pela problematização da questão social em pauta, pelo sarcasmo e menos pelo embasamento (sócio-histórico e jurídico) de argumentos que sustentem tais posicionamentos. Estabelecemos um axioma, originário das percepções dos dizeres presentes na matriz que se segue.

*Axioma 02: Os dizeres que não qualificam o tema da mulher como abordado no Enem recorrem ao interdiscurso político atravessado pela ironia.*

<b>Matriz II – Microanálise</b>	
<b>Sequências de textos que não qualificam a escolha do tema mulher no Enem 2015</b>	
<b>Ideologia no Enem</b>	M02 SD1 “Há algum exagero na acusação de que o governo transformou o Enem numa prova doutrinária, que só aprova candidatos com bons conhecimentos de marxismo-leninismo. Deve-se reconhecer, porém, que o exame, notadamente a parte de ciências humanas, dá generoso espaço a tópicos e autores caros à esquerda. Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos.”
<b>A ideologia do Enem: como a esquerda reagiria se fosse o contrário?</b>	M04 SD1 “O tema da redação da prova do Enem desse ano, sobre feminismo, ganhou as redes sociais. Muita gente aplaudindo, muito ‘intelectual’ celebrando, muito artista engajado comemorando. Todos, claro, apelando para o monopólio da virtude, como se somente feministas defendessem as mulheres ou condenassem o machismo e a agressão às mulheres. Nada mais falso.”
<b>Há um erro grave no Enem deste ano – mas ele não tem nada a ver com feminismo</b>	M06 SD1 “Muita gente reclamou da dose de feminismo do Enem de 2015. Não costumo concordar com a maioria das feministas, mas nesse caso não vi nada errado. O tema da redação foi violência doméstica – não é preciso ser feminista para reconhecer a relevância desse problema.”

<b>O boi de piranha do Enem</b>	<p>M08 SD1 “No último domingo, enquanto milhares de pessoas denunciavam o despudorado viés ideológico das questões do Enem, o músico Roger Moreira chamava a atenção, no Twitter, para um problema ainda mais grave e preocupante: ‘Ganham zero [as] ideias que desrespeitem os direitos humanos. Ué? Não é prova de redação? Ou é controle do pensamento?’”</p> <p>M08 SD2 “No fim das contas, Simone de Beauvoir era apenas o boi de piranha do Enem. Aguardemos para ver se o Ministério Público Federal vai tomar alguma providência contra mais essa afronta à Constituição perpetrada pelo governo petista.”</p>
<b>Meninas, bicicletai seios nus!</b>	<p>M10 SD1 “Começo pedindo perdão aos decepcionados por eu não ceder esta coluna a uma mulher. Meu feminismo não deixa. Quando a <b>Folha</b> me contratou, entendi que não era em razão de eu ser dotado daquilo a que o ex-ministro do Supremo Ayres Britto, em veredito já célebre, chamou um ‘plus, um bônus, um regalo da natureza’. (...) E, bem, pedindo as devidas vênias, entendo que mulheres são mais do que homens sem ‘plus’. Sem contar que constituem a minha melhor hipótese de regalo específico mesmo quando me interesse por suas ideias.”</p> <p>M10-SD2 “A recente prova do Enem levou o tema do feminismo para a redação. Uma das questões citava Simone de Beauvoir como referência do movimento – ainda que ela tenha sido de um servilismo a Sartre às vezes constrangedor, até quando ia pra cama com outros homens. Estava lá: ‘Ninguém nasce mulher, torna-se mulher’.”</p>
<b>Dilma, a Dona Doida: a redação do Enem e o suposto país de molestadores e estupradores</b>	<p>M12 SD1 “O Brasil está sendo tragado pela demagogia e pela incompetência. Depois de bater um papinho com Aloizio Mercadante, ministro da Educação, a presidente Dilma Rousseff resolveu apelar ao Twitter para tecer comentários sobre a prova de redação do Enem, cujo tema foi ‘a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’. Importante? Sem dúvida! E fala aqui, além do indivíduo, o pai de duas filhas, o marido e o filho.”</p>

Estes enunciados-operadores que emergiram das sequências apontam para a relação entre a justificativa do tema da mulher no Enem 2015 e o viés doutrinário, político-ideológico

visado pelo exame. A bipolarização do discurso começa a se manifestar desde a primeira regularidade observada nos textos, pois, em discursividades que não qualificam o tema, percebe-se a recorrência da vinculação do tema ao ideário de esquerda ou ao movimento feminista, que confeririam descrédito ao exame por ter a imagem associada a um meio de punição a pessoas com posicionamentos ideológicos diferentes. Observemos essas associações a seguir.

EM02 SD1 “Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos.”

EM04 SD1 “todos, claro, apelando para o monopólio da virtude, como se somente feministas defendessem as mulheres ou condenassem o machismo e a agressão às mulheres.”

EM06 SD1 “O tema da redação foi violência doméstica – não é preciso ser feminista para reconhecer a relevância desse problema.”

EM08 SD1 “enquanto milhares de pessoas denunciavam o despuddorado viés ideológico das questões do Enem, o músico Roger Moreira chamava a atenção, no Twitter, para um problema ainda mais grave e preocupante: ‘Ganham zero [as] ideias que desrespeitem os direitos humanos. Ué? Não é prova de redação? Ou é controle do pensamento?’”

EM10 SD2 “A recente prova do Enem levou o tema do feminismo para a redação. Uma das questões citava Simone de Beauvoir como referência do movimento – ainda que ela tenha sido de um servilismo a Sartre às vezes constrangedor, até quando ia pra cama com outros homens.”

EM12 SD2 “‘a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’. Importante? Sem dúvida! E fala aqui, além do indivíduo, o pai de duas filhas, o marido e o filho.”

No primeiro enunciado operador, EM02 SD1, o termo “fora” pode dar a ideia de inclusão, de “além do tema da redação”, tendo em vista que, considerando as condições de produção do artigo de opinião, este estava no rol daqueles que respondiam à polêmica de difusão de ideologia de esquerda no exame, identificada principalmente pelas questões relacionadas à mulher. Sendo assim, se explícito o propósito doutrinário da prova, os candidatos teriam de se mostrar conhecimento e ainda demonstrar afinidade com o pensamento de esquerda, para obterem um bom desempenho na avaliação. Nota-se a aproximação dos temas trazidos para prova às ideologias de Marx e Lenin, provocando uma relação entre o exame e a propagação do pensamento comunista, desestabilizando, por conseguinte, sua credibilidade enquanto avaliação nacional isenta, já que seu objetivo doutrinário poderia ser observado usando “critérios bem frouxos”. Observa-se que a proposta

de redação está incluída na relação de textos que, no Enem, é capaz de “disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos”.

No EM04 SD1, as pessoas que demonstraram apoio ao tema da redação do Enem 2015 são criticadas, ironicamente, como se apelassem ao “monopólio da virtude”. Segundo a IES, não é necessário ser feminista ou considerar que pessoas que não são feministas não defendam as mulheres ou condenem o machismo, embora exista um silenciamento de onde essas discursividades pudessem ter ocorrido.

Observa-se que a adesão às discussões sobre a violência contra a mulher na sociedade atual traz consigo, de acordo com o texto, outras posturas ideológicas, como se comprova pela oração comparativa “como se somente feministas defendessem as mulheres ou condenassem o machismo e a agressão às mulheres”. A rivalidade é instaurada pela IES e, depois, desconstruída, a fim de mostrar que, mesmo não sendo feminista, o posicionamento em relação ao tema é coincidente com o das militantes. Apesar disso, a discussão no exame nacional é considerada oportunismo político, lugar em que se instaura, portanto, um equívoco.

No EM06 SD1, há um deslocamento de sentido, tendo em vista que o tema não foi sobre violência doméstica, mas sobre a persistência da violência contra a mulher. Além disso, a IES emprega o termo feminismo destacando o grupo em que a proposta de redação teria melhor aceitação, prestígio; contradizendo o fato de esse interesse ser estrito. Feminismo, entretanto, não é um termo relacionado a práticas educacionais ou previsto nas diretrizes e bases da educação, por exemplo, e, embora outros termos que dessem conta da busca pelo direito à igualdade entre homens e mulheres pudessem ter sido referenciados no texto, estes foram silenciados. Sendo assim, evidencia-se o objetivo de aproximação do tema da redação à pauta feminista e, por consequência da sugerida restrição, distante dos interesses de todos os brasileiros.

No EM08 SD1, observa-se que, para a IES – em conformidade com o músico Roger Moreira, se consideramos a fala do cantor como uma interdiscursividade de apoio à sua argumentação –, o “despudorado viés ideológico” do Enem de 2015 só é menos revoltante que serem atribuídas notas zero a ideias que desrespeitem direitos humanos. As perguntas retóricas ao final do EM08 SD1 levam à conclusão de que o critério de respeito aos direitos humanos seja uma forma controle de pensamento. A IES se manifesta sobre o fato de não haver consenso na percepção de desrespeito a direitos humanos, mas silencia a importância da discussão sobre a persistência da violência contra a mulher, problema cujos impactos são

indiscutíveis na sociedade, tendo em vista os dados apresentados nos próprios textos de apoio da proposta de redação.

Percebe-se, no EM10 SD2, a redução do tema da redação do Enem de 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” ao tema do feminismo. Ao enunciar que a prova “levou o tema do feminismo para a redação”, outra IES engendra um mesmo movimento discursivo de aproximação de interesses de um grupo particular, restrito, o que, de fato, não ocorre se tomarmos o tema e os dados apresentados na proposta de produção textual.

Além disso, há no EM10 SD2 a desqualificação da escolha do texto de Simone de Beauvoir para uma questão objetiva do exame nacional à medida que apresenta o discurso da filósofa incoerente com as experiências de vida que se diz que ela teve. Apontando uma posição de subserviência de Simone de Beauvoir em relação a Sartre e seus relacionamentos sexuais, conforme se observa em “quando ia para cama com outros homens”, nota-se que o EM10 SD2 é atravessado pelo interdiscurso da moralidade machista, já que se embasou em questões pessoais da filósofa com vistas à depreciação de seus dizeres.

A abordagem do tema também passa pela percepção do universo de expectativas das IES. A personalidade e a percepção do tema da mulher se imbricam no EM12 SD1. A resposta à pergunta elaborada em relação à pertinência do tema da redação “É importante?” apaga a justificativa do tema na redação do Enem. O reconhecimento da relevância do tema é expresso de forma subjetiva, individual, silenciando a situação da mulher na sociedade. Embora deixe clara a preocupação com as mulheres, tendo em vista que há mulheres em sua família, as causas da preocupação e a necessidade de debater o tema são apagadas da discussão.

Os dizeres sobre o país, que estaria “sendo tragado pela demagogia e pela incompetência”, indica o interesse político do governo no tema, pois a argumentação é introduzida pela tese de que o governo federal manipula o povo brasileiro ao comentar sobre os casos de violência relatados nos textos dos candidatos e não o deixa perceber os problemas que existem na Educação em seu país.

A desqualificação do tema da mulher teve como interdiscursividade o discurso político, mas também foi atravessada pela ironia e pelo sarcasmo. Em grande parte dos dizeres, observa-se o uso de uma abordagem sarcástica, aproximando a crítica de uma

ludicidade que afasta a argumentação e o próprio objeto da crítica da seriedade que lhe deveria ser atribuída. Vejamos a seguir.

EM02 SD1 “Há algum exagero na acusação de que o governo transformou o Enem numa prova doutrinária, que só aprova candidatos com bons conhecimentos de marxismo-leninismo.”

EM04 SD1 “O tema da redação da prova do Enem desse ano, sobre feminismo, ganhou as redes sociais. Muita gente aplaudindo, muito ‘intelectual’ celebrando, muito artista engajado comemorando. Todos, claro, apelando para o monopólio da virtude.”

EM06 SD1 “Muita gente reclamou da dose de feminismo do Enem de 2015”

EM08 SD2 “No fim das contas, Simone de Beauvoir era apenas o boi de piranha do Enem. Aguardemos para ver se o Ministério Público Federal vai tomar alguma providência contra mais essa afronta à Constituição perpetrada pelo governo petista.”

EM10 SD1 “Começo pedindo perdão aos decepcionados por eu não ceder esta coluna a uma mulher. Meu feminismo não deixa. Quando a Folha me contratou, entendi que não era em razão de eu ser dotado daquilo a que o ex-ministro do Supremo Ayres Britto, em veredito já célebre, chamou um ‘plus, um bônus, um regalo da natureza’. (...) E, bem, pedindo as devidas vênias, entendo que mulheres são mais do que homens sem ‘plus’. Sem contar que constituem a minha melhor hipótese de regalo específico mesmo quando me interesse por suas ideias.”

EM12 SD1 “O Brasil está sendo tragado pela demagogia e pela incompetência. Depois de bater um papinho com Aloizio Mercadante, ministro da Educação, a presidente Dilma Rousseff resolveu apelar ao Twitter para tecer comentários sobre a prova de redação do Enem”

A ideia apresentada inicialmente, no EM02 SD1, embora pareça paradoxal por expressar a percepção de um pouco de exagero, revela-se como ironia, pois os enunciados mostram a constatação do excesso de ideologia de esquerda nas questões que selecionam os candidatos. Observa-se que “algum exagero” e a oração adjetiva que compõe o primeiro período “que só aprova candidatos com bons conhecimentos de marxismo-leninismo” antecipam a crítica em tom irônico que se arrolará no EM02 SD1, assim como em todo o texto. Em referência ao Enem, as expressões “dá generoso espaço” a tópicos de esquerda e “perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas” observam-se informalidades que suscitam dúvidas no leitor quanto à idoneidade da avaliação.

No EM04 SD1, a expressão “sobre feminismo” foi empregada no texto para qualificar o tema da redação do Enem, embora o tema tenha sido “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Observa-se aqui, mais uma vez, deslocamento de sentido. A IES discorre sobre o fato de o tema não ser pertinente apenas às feministas, mas o sintetiza na palavra feminismo, termo muitas vezes confundido com femismo. Os pronomes indefinidos

em “*muita* gente aplaudindo”, “*muito* ‘intelectual’ celebrando”, “*muito* artista engajado comemorando”, na sequência em que se manifestam, revelam uma percepção de gradação daqueles que apelam para “o monopólio da virtude” e se identificam como feministas. As aspas na palavra intelectual indicam um deslocamento de sentido que, no contexto em que se apresenta, pode ser compreendida como ironia. A pontuação expressiva que destaca o termo intelectual coloca em evidência o questionamento da intelectualidade atribuída àquele que, considerado um intelectual, celebra o tema da redação.

No EM06 SD1, “Muita gente” é uma expressão generalizante, porém logo é caracterizada como um grupo de pessoas que criticaram a abordagem do tema mulher no Enem. A expressão “dose de feminismo”, além de evidenciar a falta de confiabilidade das pessoas que criticaram o exame e a da própria IES - sendo que o termo *dose* denota imprecisão e o termo *feminismo* traga consigo uma carga semântica política, - põe em xeque a seriedade do exame.

Em “Não costumo concordar com a maioria das feministas, mas nesse caso não vi nada errado”, embora a IES, por questões ideológicas, afaste o exame daquele que é o seu verdadeiro propósito, ela reconhece a relevância do problema, dizendo, pela oração adversativa, não precisar ser feminista para reconhecer a existência da persistência da violência contra a mulher. A falácia, no entanto, consiste em refutar o tema como caro a um determinado grupo, mas, ao mesmo tempo, considerar esse um tema de mote feminista, conforme podemos comprovar mais adiante no texto “O problema do Enem não é o toque de feminismo, mas o habitual anticapitalismo.” O termo *toque*, assim como *dose* indicam interesse de a IES chamar atenção para a falta de competência e de responsabilidade do órgão responsável pelo exame.

No EM08 SD2, a expressão idiomática metafórica *boi de piranha* indica, pela coloquialidade, que a filósofa francesa sofreu expiação, foi sacrificada, já que se instalou, na mídia, logo após o domingo de exame, uma polêmica em torno de seu pensamento, bem como em torno da ideologia feminista que teria sido difundida no exame nacional. Os enunciados-operadores em EM08 SD2 mostram que, nesse texto, a temática da violência contra a mulher no Enem 2015 foi embasada na difusão de ideologia da esquerda petista, o que seria ultrajante à constituição, tendo em vista a relativização levantada sobre os direitos humanos. Essa relativização aponta para o desconhecimento do manual do candidato, que já trazia o

desrespeito aos direitos humanos como uma das situações para a atribuição da nota zero à redação, desde edições anteriores.

Nesse caso, especialmente, causa desconforto o fato da seleção do candidato passar pela sua postura sociopolítica. Desse modo, o governo petista afronta recorrentemente a constituição, de modo que a expectativa é a de que o MPF se manifeste favorável às denúncias ao viés ideológico no Enem de 2015.

A IES no EM10 SD2, que introduz o artigo de opinião, apresenta uma justificativa para que a coluna não seja cedida a uma mulher. A sequência traz argumentos que sustentam tal afirmativa: não é o sexo masculino que confere aptidão para a escrita do texto para a coluna, mas a capacidade intelectual. Embora não seja apenas a (pretensa) capacidade intelectual que habilita um sujeito a enunciar sobre a condição da mulher; existem outros fatores, como o protagonismo, a visibilidade, a empatia...O atravessamento do discurso de Ayres Brito se justifica pelos dizeres do enunciado-operador EM10 SD2 de que as mulheres “são mais que homens sem plus”, já que proporcionam regalo, prazer, contentamento. Ao discursivizar sobre as diferenças entre os sexos, percebe-se que a IES manifesta uma percepção intelectual e outra cultural de percepção de gênero. No caso da intelectual, não haveria diferenças: o espaço para a produção de artigos no jornal não se deve ao fato de se ter ou não o órgão reprodutor masculino, mas pela capacidade de exercer sua função com sucesso.

A percepção cultural de que a mulher ocupa um lugar de não equidade se revela no momento em que elas constituem “melhor hipótese de regalo específico”, mesmo quando há interesse por “suas ideias”. Aqui, as ideias são das mulheres, ou sob a égide da perspectiva feminina, e são apresentadas em uma oração concessiva, a qual diz que, embora tenham ideias, são hipóteses de regalo específico. A concessiva produz uma valoração do corpo objetificado em detrimento do intelecto e do sentimento.

No EM12 SD1, mais uma vez as expressões contribuem para o processo de desqualificação. A locução verbal “está sendo”, que remete ao momento atual, restringe a crítica ao governo da presidenta Dilma Rousseff. O léxico “demagogia”, “papinho” e apelar ao *Twitter*” desmerecem o conteúdo das interações e não qualificam o governo em sua capacidade de decidir os caminhos para a educação no país.



### **3.3.2 A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia**

Analiso aqui a recorrência do tema *A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia* – a segunda das três levantadas nos treze textos que compõem o *corpus* do trabalho – e os processos de interpelação das IES. As interpelações revelam os lugares sociais dos sujeitos, tendo em vista alinhamentos políticos, culturais e históricos que se revelam inerentes a cada um dos enunciados. Trata-se de dizeres que se constituíram argumentos com o objetivo de qualificar ou de desqualificar o tema da mulher no exame nacional. Uma inscrição discursiva que se mostrou em estreita relação ideológica com o acirramento político difundido pelos veículos midiáticos entre direita e esquerda e com as percepções divergentes a respeito da promoção de debates que problematizam questões de gênero e os que silenciam. Sendo assim, em *A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia*, teremos dois axiomas, que possibilitarão uma síntese das recorrências observadas em cada um dos dois eixos da polêmica, segundo as contradições observadas.

#### **3.3.2.1 A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que qualificam a escolha do tema**

Os dizeres que qualificam o tema da mulher no Enem revelam-se ideologicamente filiados ao interdiscurso da contestação, já que refutam formações discursivas que afastam a questão da mulher do âmbito social e moral e a inscrevem no campo da propaganda política da agenda de um governo de esquerda.

O próximo axioma é originário das percepções dos dizeres presentes na matriz que se segue.

*Axioma 03: Os dizeres que qualificam o tema da mulher como abordado no Enem revelam-se ideologicamente filiados ao interdiscurso da contestação.*

#### **Matriz III – Microanálise**

**A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que qualificam a escolha do tema**

<p><b>A violência natural contra as mulheres e a administração da ignorância</b></p>	<p>M01 SD2 “Na mesma prova, jovens do Brasil todo responderam questões de filosofia envolvendo filósofos como Hobbes e Nietzsche. Entre esses nomes, Simone de Beauvoir causou espanto a alguns. Políticos fascistas e oportunistas (os mesmos de sempre e alguns novos que se reúnem ao coro que cospe no rosto infantil da democracia brasileira) aproveitaram o momento para destilar seu veneno ideológico fazendo moções contra Beauvoir (como os vereadores de Campinas!) ou falando asneiras vergonhosas na imprensa em geral – imprensa, aliás, que lhes dá todo apoio, da qual são, em muitos sentidos, os donos.”</p>
<p><b>Enem 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”</b></p>	<p>M03 SD4 “As mulheres devem se mobilizar, independente de suas posições ou simpatias políticas, para combater esse mal. E sensibilizar os homens em relação ao problema, mostrando que uma ‘inocente’ brincadeira ou ironia é ofensiva, nos incomoda e serve para minimizar a seriedade deste tipo de crime.”</p> <p>M03 SD5 “Lutamos contra séculos de inferiorização e dominação. Não é batalha fácil, mas não podemos mais nos acovardar e esperar que as coisas melhorem por si.”</p>
<p><b>A redação do Enem e o papel das empresas para o fim da violência contra a mulher</b></p>	<p>M05 SD2 “Parece incrível, mas a reação conservadora de certos setores da política e da sociedade brasileira pode e tenta prejudicar a secular luta das mulheres por equidade de gênero.</p> <p>A redação deste último Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que teve como tema ‘A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’, provocou alguns disparates, como a manifestação de um deputado nas redes sociais, dizendo que a teoria de gênero é ‘um fétido cadáver, que já deveria estar sepultado’.”</p>
<p><b>Parabéns, atingimos a burrice máxima</b></p>	<p>M07 SD2 “Como o tema da redação do ENEM era ‘a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’, houve gente que estudou em colégios caros afirmando que este era um tema de esquerda, e portanto um sinal inequívoco de uma conspiração ideológica por parte do governo federal.”</p> <p>M07 SD3 “Compreender o confronto atual como um confronto entre direita e esquerda, desenvolvimentistas e ecologistas, governistas e opositores, machistas e feministas é, segundo ela, uma redução. O confronto atual seria mais profundo e também mais</p>

	dramático: entre os que pensam e os que não pensam.”
<b>“Há resistência de admitir a violência específica contra a mulher”, diz pesquisadora</b>	<p>M09 SD3 “Todos os dados que o Enem colocou como subsídio para que o candidato escrevesse a redação estão para comprovar que existe uma questão por trás. Falar sobre isso ainda requer algumas posturas políticas, que não necessariamente passa pela esquerda. Muitos debates femininas vêm de liberais dos Estados Unidos.”</p> <p>M09 SD4 “Nos Estados Unidos, o movimento feminista sempre esteve acima de qualquer posição política e econômica. Você encontra discussões de liberais e socialistas sobre o mesmo tema. Já na França, o feminismo esteve sim mais associado ao socialismo. A própria Simone de Beauvoir era uma militante socialista. Mas, no contexto desta semana, com o Enem, a discussão acabou se confundindo com a instabilidade do governo federal por causa da institucionalidade que tem o Enem, exame realizado pelo Ministério da Educação. De alguma forma, acabou-se entrando na dança das polaridades da política brasileira. O que, no final das contas, é uma grande falsidade. A reivindicação dos direitos das mulheres ultrapassa qualquer posicionamento político e econômico.”</p>
<b>Sobre o ENEM e a tal Ideologia de Gênero</b>	M11 SD4 “Desde que se começou a polêmica moralista sobre o ensino da “ideologia” de gênero nas escolas, não pude deixar de sentir vergonha alheia. Quem estuda a linguagem, o discurso e a educação, como eu, sabe que o currículo escolar, os conteúdos ensinados, os livros didáticos e as provas padronizadas – como o ENEM – por serem discursos criados por pessoas são inevitavelmente ideológicos. O que isso quer dizer? Quer dizer que as ciências sociais e humanas nos últimos anos chegaram à conclusão de que imparcialidade e neutralidade científica são as maiores ingenuidades já vividas pela humanidade.”
<b>Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites de Feliciano e Gentili</b>	M13 SD3 “Marco Feliciano, em sua página de Facebook, desaprovou a questão. Disse se tratar de tentativa de doutrinação e completou: ‘A primeira pergunta apresentado na prova do Enem ( <i>sic</i> ) deste sábado versa sobre um assunto em que em todas as esferas legislativas de nosso país foi vencida e jogada no lixo, a teoria de gênero, algo que sutilmente tentaram nos incutir de forma

	<p>sorradeira e rechaçada pelos parlamentares eleitos democraticamente pela maioria da população e que todas as pesquisas apontam como maioria de fé Cristã e conservadora’, opinou. ‘Essa frase da Filósofa Simone de Beauvoir é apenas opinião pessoal da autora, e me parece que a inserção desse texto, uma escolha adrede, ardilosa e discrepante do que se tem decidido sobre o que se deve ensinar aos nossos jovens.’ O promotor de Justiça de Sorocaba, Jorge Alberto de Oliveira Marun, também sobre Beauvoir escreveu em sua página de Facebook: ‘Exame Nacional-Socialista da Doutrinação Sub-Marxista. Aprendam jovens: mulher não nasce mulher, nasce uma baranga francesa que não toma banho, não usa sutiã e não se depila. Só depois é pervertida pelo capitalismo opressor e se torna mulher que toma banho, usa sutiã e se depila’, escreveu.”</p> <p>M13 SD4 “Já escrevi sobre como o humor não está descolado dos valores da cultura, e o convidado descerebrado de Imbecili, Leo Lins, só comprovou isso ao dizer coisas do tipo: ‘Eu já li que a cada 12 segundos uma mulher sofre violência no Brasil, mas estou escrevendo a redação há 30 e não vi nenhuma apanhando’. ‘Também é preciso ver quem fez a pesquisa... como saber se o sangue é de violência ou ciclo menstrual? Afinal, o sangue que sai de um corpo é o mesmo, não importa o buraco.’”</p> <p>M13 SD5 “Tanto Feliciano como Marun podem discordar do pensamento dela, mas que tenham competência crítico-argumentativa para fazê-lo em vez de destilarem machismo e burrice.”</p>
--	--

Os enunciados-operadores destacados das sequências discursivas ilustram o protesto à aproximação de temas propostos no exame ao discurso político ou, ainda, ao discurso de afronta a algumas práticas religiosas. Nos artigos, observa-se que a discussão sobre o papel social da mulher, abordado na questão sobre Simone de Beauvoir, e a persistência da violência contra a mulher, abordada na proposta de redação, não deveria ser questionada sob a ótica política ou religiosa, mas levando em consideração o direito ao respeito e à integridade física dos sujeitos, já assegurados por lei.

Além da manifestação pública da discordância em relação a tais posicionamentos, destaca-se também o fato de a crítica estar endereçada a personalidades da política, da mídia e a determinados nichos sociais, conforme podemos observar a seguir.

EM1 SD2 “Entre esses nomes, Simone de Beauvoir causou espanto a alguns. Políticos fascistas e oportunistas (os mesmos de sempre e alguns novos que se reúnem ao coro que cospe no rosto infantil da democracia brasileira) ) aproveitaram o momento para destilar seu veneno ideológico fazendo moções contra Beauvoir (como os vereadores de Campinas!) ou falando asneiras vergonhosas na imprensa em geral – imprensa, aliás, que lhes dá todo apoio, da qual são, em muitos sentidos, os donos.”

EM03 SD4 “As mulheres devem se mobilizar, independente de suas posições ou simpatias políticas, para combater esse mal. (...) uma ‘inocente’ brincadeira ou ironia é ofensiva”

EM05 SD2 “A redação deste último Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que teve como tema ‘A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’, provocou alguns disparates, como a manifestação de um deputado nas redes sociais, dizendo que a teoria de gênero é ‘um fétido cadáver, que já deveria estar sepultado’.”

EM07 SD2 “Como o tema da redação do ENEM era ‘a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’, houve gente que estudou em colégios caros afirmando que este era um tema de esquerda, e portanto um sinal inequívoco de uma conspiração ideológica por parte do governo federal.”

EM11 SD4 “Desde que se começou a polêmica moralista sobre o ensino da “ideologia” de gênero nas escolas, não pude deixar de sentir vergonha alheia. (...) as ciências sociais e humanas nos últimos anos chegaram à conclusão de que imparcialidade e neutralidade científica são as maiores ingenuidades já vividas pela humanidade.”

EM13 SD3 “Marco Feliciano, em sua página de Facebook, desaprovou a questão. Disse se tratar de tentativa de doutrinação e completou: ‘A primeira pergunta apresentado na prova do Enem (sic) versa sobre um assunto em que todas as esferas legislativas de nosso país foi vencida e jogada no lixo, a teoria de gênero (...) O promotor de Justiça de Sorocaba, Jorge Alberto de Oliveira Marun, também sobre Beauvoir escreveu em sua página de Facebook: ‘Exame Nacional-Socialista da Doutrinação Sub-Marxista.’”

EM13 SD4 “Já escrevi sobre como o humor não está descolado dos valores da cultura, e o convidado descerebrado de Imbecili, Leo Lins, só comprovou isso”

EM13 SD5 “Tanto Feliciano como Marun podem discordar do pensamento dela, mas que tenham competência crítico-argumentativa para fazê-lo em vez de destilarem machismo e burrice.”

O EM01 SD2 evidencia que Simone de Beauvoir, bem como outros filósofos, tiveram suas teorias apresentadas em algum momento da avaliação do Enem. Porém, Hobbes, defensor do governo monárquico inglês, e Nietzsche, filósofo niilista, foram citados como

autores que não sofreram críticas semelhantes. A IES, baseando-se nesses exemplos, aponta para a intolerância em relação a temáticas que podem aparentemente pertencer à agenda de um determinado grupo de interesses. A crítica ainda se manifesta com características de indignação e acusação, pois é endereçada a “políticos fascistas oportunistas” e, também, à mídia que lhes dá apoio, conforme se comprova no EM01 SD2. Desse modo, a imprensa não se manifesta favorável a temas que contemplam a diversidade de pensamento tendo em vista que a ótica de políticos “fascistas e oportunistas” é difundida por ela; além do fato de a IES enunciar que estes, como seus donos (em sentido amplo), defenderem e difundirem, portanto, seus próprios interesses.

O viés ideológico, que teria emergido de um fragmento de uma obra da filósofa francesa no exame nacional, desencadeou o repúdio de políticos ao pensamento da filósofa e também a manifestação de seu desejo de estabelecer limites às discussões propostas nas avaliações nacionais. Esse controle é criticado no momento em que a IES remete a memória de uma, ainda frágil, democracia no Brasil.

No EM03 SD2, o campo semântico dos termos “mobilizar”, “combater” e “crime” remetem à resistência. As aspas indicam que não há inocência nas brincadeiras, mas uma preservação da cultura machista, a qual deve ser combatida. Além disso, o EM03 SD2 evidencia a necessidade de uma postura engajada e crítica das mulheres em relação às práticas de alguns homens, as quais podem suavizar a gravidade de abordagens ofensivas.

A expressão “parece incrível”, que dá início ao texto representado pelo próximo enunciado-operador EM05 SD2, revela a indignação à resistência à luta “secular” das mulheres pela igualdade de gênero. No EM05 SD2, observa-se que as manifestações contrárias são tidas como “disparates”, e justificadas como tais com citações, como, por exemplo, a fala do deputado federal Marco Feliciano: “teoria de gênero é ‘um fétido cadáver, que já deveria estar sepultado’”. A afirmativa mostra sua expectativa pelo descaso às discussões acerca do tema abordado no Enem. O uso do discurso direto mostra-se necessário para que o leitor atribua veracidade ao que lê, pois o discurso atravessado pelo narrador poderia parecer tendencioso.

Para a IES, ironizar o tema é absurdo. E essa atitude é problematizada no texto a partir de justificativas como o fato de reações contrárias a discussões como a proposta no Enem atrapalharem uma luta que é secular. A citação do deputado federal pastor Marco Feliciano (PSC-SP), escolhida para a exemplificação do disparate, revela a questão político-ideológica

partidária se sobrepondo, mais uma vez, à problematização de uma questão social histórica do Brasil, que é a violência contra a mulher.

No EM07 SD2, pessoas que estudaram em “colégios caros” são lembradas como um nicho da sociedade teoricamente capaz de propagar a lucidez, porém logo fica evidente para o leitor uma contradição, pois essas pessoas são criticadas por difundirem o comportamento satirizado ao longo do texto. Se problematizar a situação da mulher na sociedade contemporânea é considerado por esse grupo um tema de esquerda e “portanto um sinal inequívoco de uma conspiração ideológica por parte do governo federal”, a IES mostra-se questionadora de um imaginário percebido por muitas pessoas como inequívoco. A conspiração a que o texto faz referência diz respeito às inúmeras manifestações de que o tema da mulher no exame nacional fez parte de uma conspiração ideológica do governo com a finalidade de propagação de ideologia de esquerda.

Os adjetivos “moralista” e alheia”, no EM11 SD4, que qualificam, respectivamente, polêmica e vergonha, refletem a crítica à posição contrária às discussões sobre gênero na escola. As aspas em ideologia na expressão “ensino da ‘ideologia’ de gênero nas escolas” provocam o leitor para a desestabilização do sentido usual da palavra na expressão, tendo em vista a inevitabilidade da presença da ideologia em qualquer discurso. A IES, colocando-se na posição de estudiosa da linguagem, do discurso e da educação ressalva que a ideologia está presente em todo material didático, em todo discurso, por isso o silenciamento de qualquer tema também atende a interesses ideológicos. Ao enunciar que a imparcialidade científica e a neutralidade são as maiores ingenuidades vividas pela humanidade, observa-se a justificativa para o fato de sentir “vergonha alheia” pelas pessoas que não percebem a ideologia presente nas discursividades e apagamentos, silenciamentos.

A IES do EM13 SD5 abre em seu texto espaço para as reações contrárias à temática da mulher no Enem de 2015. Inicia com a posição de Marco Feliciano em uma rede social, que protesta sobre a escolha do tema, já que a discussão sobre a temática de gênero nas escolas já foi “vencida e jogada no lixo” pelas “esferas legislativas”, de que é um dos representantes. No EM13 SD5 a sigla Enem, do modo como foi escrita, pode revelar desconhecimento sobre o exame e, principalmente, sobre o que ele representa. A substituição do “m” por “n”, ao final da palavra Enem, mostra o não reconhecimento do que indica a letra em (Exame nacional do Ensino Médio). Além disso, o argumento de que o tema vai de encontro à rejeição de

parlamentares representantes da “fé cristã e conservadora”, mostra questões religiosas interferindo na Educação.

A segunda interdiscursividade trazida para o texto, ainda em EM13 SD5, são os dizeres de um dos enunciadores citados no texto que abrevia a sigla do Enem, atribuindo ao exame um caráter doutrinário (Exame Nacional-Socialista da Doutrinação Sub-Marxista), além desse enunciador citado hostilizar a filósofa Simone de Beauvoir e seu pensamento. Um dos enunciadores ironiza, também, a crítica ao capitalismo, pelo fato de a IES considerar o exame difusor de ideias socialistas.

Finalmente, a repercussão do tema no humor, que, para a IES, reflete “valores de cultura”, comprovados em fragmentos da redação que o humorista Léo Lins leu no programa do apresentador Danilo Gentili. As palavras “descerebrado” e “imbecili”, formada pela fusão de Gentili e imbecil, revelam o protesto à inconsequência do que apresentaram na mídia, pois, além de desqualificar a discussão acerca do exame, banalizaram e naturalizaram a violência.

A IES refere-se a reações de personagens midiáticos que se posicionaram contrários a propostas de discussão sobre persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira e também contrários a textos, no exame nacional, que apresentassem a mulher enquanto gênero construído socialmente. Isso porque a questão objetiva que trazia um fragmento da obra de Simone de Beauvoir para interpretação não pediu o posicionamento do candidato, mas o reconhecimento, por um excerto, da obra de uma filósofa do século XX. A interdiscursividade apontada evidencia que a crítica à temática da mulher no exame nacional está diretamente relacionada a questões político-ideológicas e que a acusação de o exame difundir ideias marxistas surge como tentativa de fragilizar o exame, pelo fato de ser uma iniciativa do governo federal petista. Embora a questão da mulher seja, na sociedade brasileira, uma questão de saúde pública, o assunto, apresentado no exame provocou a ira de muitas pessoas não preparadas para a discussão de assuntos relacionados à educação. A IES mostra três reações ao tema, a fim de asseverar a necessidade de se refletir sobre o fato de que a violência contra a mulher na atualidade é interpretada pelo viés ideológico e, portanto, não é abordada com vistas a promover segurança e equidade de direitos, como prevê a constituição brasileira.

Interesses políticos e religiosos atravessam a problematização, desmerecendo a abordagem do tema e, adiando, assim, a consequente ação conjunta entre a sociedade e os três poderes para reduzir casos apontados pelas pesquisas. Além disso, tais protestos refletem uma



tentativa de fragilizar o exame, tirando dele a capacidade de avaliar de forma justa e responsável os candidatos concluintes do ensino médio e tornando-o um estandarte de promoção de ideologia marxista, que atenderia aos interesses do governo federal.

Nos enunciados a seguir, observa-se a interseção de diferentes formações imaginárias sobre a associação do tema da mulher no Enem a processos de interpelação política. As marcas argumentativas, se se posicionam análogas na abordagem do tema, colocam-se em conflito quanto à percepção do tema enquanto meio de ideologizar a educação, trazendo ideais de determinados partidos políticos.

A resistência ao discurso ideologizante de esquerda acontece quando se propõe uma reflexão sobre o distanciamento que deve existir entre a importância social do tema e uma pauta de propaganda política.

EM03 SD4 “uma ‘inocente’ brincadeira ou ironia é ofensiva, nos incomoda e serve para minimizar a seriedade deste tipo de crime.”

EM07 SD3 “Compreender o confronto atual como um confronto entre direita e esquerda, desenvolvimentistas e ecologistas, governistas e opositores, machistas e feministas é, segundo ela, uma redução. O confronto atual seria mais profundo e também mais dramático: entre os que pensam e os que não pensam.”

EM09 SD3 “Todos os dados que o Enem colocou como subsídio para que o candidato escrevesse a redação estão para comprovar que existe uma questão por trás. Falar sobre isso ainda requer algumas posturas políticas, que não necessariamente passa pela esquerda.”

EM09 SD4 “no contexto desta semana, com o Enem, a discussão acabou se confundindo com a instabilidade do governo federal por causa da institucionalidade que tem o Enem, exame realizado pelo Ministério da Educação. De alguma forma, acabou-se entrando na dança das polaridades da política brasileira. O que, no final das contas, é uma grande falsidade. A reivindicação dos direitos das mulheres ultrapassa qualquer posicionamento político e econômico.”

No EM03 SD4, fica evidente a tentativa de se desvincular a discussão do tema de posicionamentos políticos. O mal a ser combatido é a violência contra a mulher e, por isso, a postura a se tomar diante discussões relacionadas a essa questão não deve levar em conta qualquer afinidade político-ideológica. O enunciado ressalta as maneiras de se ocultar a agressão, a violência (físicas ou não), promovendo ofensas e brincadeiras; entretanto, na ressalva, observamos a advertência às mulheres, que também devem estar vigilantes a manipulações discursivas amistosas, pelo viés da descontração, que se constituem um meio de naturalização da violência.

O EM07 SD3 permite que o leitor perceba a ironia, na separação, não pela perspectiva da ideologia, mas simplesmente entre os que pensam e os que não pensam. A redução explicitada no EM07 SD3 reflete a percepção de que a leitura dos questionamentos não reflete quaisquer afinidades políticas, culturais, mas de forma jocosa, a capacidade ou não de pensar das pessoas que se manifestaram. Ser contrário às discussões de gênero na contemporaneidade mostra, assim, total incapacidade crítica, por limitações das faculdades mentais.

O pronome indefinido “todos”, no EM9 SD3, atribui irrevogável pertinência à discussão proposta ao candidato. Já o pronome em “algumas posturas políticas” apresenta o posicionamento do candidato como postura política, independente de ser ou não postura política de esquerda. O EM07 SD3 apresenta a maneira como o movimento feminista é interpretado de forma diferente em dois países: Estados Unidos, em que não existe relação como ideais socialistas, e França, em que está associado ao movimento socialista. De forma que a polaridade no Brasil se justificou principalmente pelo acirramento no contexto político.

A IES revela a necessidade de se discutir o tema proposto tendo em vista textos de apoio que apresentaram objetivamente o problema. Além disso, a distância da abordagem do tema de um posicionamento de esquerda, aludindo à polêmica de doutrinação ideológica no exame nacional, já que as posturas políticas se revelarão, independente de serem ou não de esquerda. Observa-se uma discursividade regulada pela objetividade da análise de fatos históricos, os quais contribuem para a percepção de que relacionar ou não o tema da mulher com o socialismo ou a esquerda não é regra. Desse modo, a IES recorre a exemplos de situações diferentes e ressalta que é possível desvincular o assunto de questões partidárias e que a polarização política denegou a relevância da temática pelo fato de o exame ser realizado pelo governo federal.

### **3.3.2.2 A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que não qualificam a escolha do tema**

Os dizeres que não qualificam o tema da mulher no Enem revelam-se ideologicamente filiados ao interdiscurso da denúncia, tendo em vista a explícita acusação de o Enem propagar determinados ideais políticos em questões objetivas e na proposta de redação. Observa-se como recorrência a descrição estereotipada do comportamento de pessoas que compartilham

de ideais da esquerda e a categorização de temas abordados no exame considerados de interesse do plano político do então governo petista.

O próximo axioma é originário das percepções dos dizeres presentes na matriz de sequências discursivas que se segue.

*Axioma 04: Os dizeres que não qualificam o tema da mulher como abordado no Enem revelam-se ideologicamente filiados ao interdiscurso da denúncia.*

<b>Matriz IV - Microanálise</b> <b>A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia, em dizeres que não qualificam a escolha do tema</b>	
<b>Ideologia no Enem</b>	M02 SD2 “Admitindo um toque de cinismo, eu diria até que o viés ideológico da prova é útil para os candidatos, já que, em caso de emergência, podem recorrer a cálculos mentais de segunda ordem: na dúvida entre duas alternativas, opte sempre pela que tem a resposta mais ‘esquerdista’, pois é maior a chance de que seja essa a que consta como correta no gabarito.”
<b>A ideologia do Enem: como a esquerda reagiria se fosse o contrário?</b>	<p>M04 SD2 “As coisas andam tão bizarras em nosso país que até um esquerdista como Netinho de Paula veio comemorar a escolha (do tema), ele que foi processado por ter batido na própria mulher. Quando apontaram para a incoerência, ele se defendeu alegando ser vítima de racismo. É o que a esquerda costuma fazer sempre.”</p> <p>M04 SD3 “Mas a redação inspirada na pensadora feminista não foi tudo. O Enem contou com várias outras questões com claro viés esquerdista, como uma envolvendo Simone de Beauvoir, e aquela absurda em que a globalização é responsabilizada pela perda de empregos.”</p> <p>M04 SD4 “Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos.”</p> <p>M04 SD5 “Ora, o que ele queria, socialismo nas contas de matemática? Comunismo nas questões de física? Feminismo nas fórmulas químicas? Parece um tanto complicado, não é mesmo? O</p>

	que está mais do que evidente é o fato de que onde é possível, a esquerda enfia doutrinação ideológica na prova. Isso está claro, é conhecido e notório, e os alunos esclarecidos já vão para a prova preparados para mentir. Se quiserem tirar notas boas precisam “esquerdar”, ou seja, bancar o boboca por algumas horas.”
<b>Há um erro grave no Enem deste ano – mas ele não tem nada a ver com feminismo</b>	M06 SD1 “Muita gente reclamou da dose de feminismo do Enem de 2015.” M06 SD2 “O problema do Enem não foi o toque de feminismo, mas o habitual anticapitalismo. Uma questão, inspirada no geógrafo Milton Santos, está evidentemente errada.”
<b>O boi de piranha do Enem</b>	M08 SD3 “Ora, nenhum dos candidatos pode ser punido ou beneficiado por possuir ou expressar sua opinião. Ninguém pode ser obrigado a dizer o que não pensa para poder entrar numa universidade.” M08 SD4 “Para piorar a situação, os candidatos e os corretores das provas não estão familiarizados com a legislação brasileira sobre direitos humanos – o que de resto não é exigido pelo INEP. Assim, o mais provável é que todos considerem como ‘direitos humanos’ um punhado de clichês politicamente corretos consagrados na academia e nos meios de comunicação. É o que sugere aliás o INEP, ao falar vagamente em ‘cidadania, solidariedade e diversidade cultural’, expressões que remetem de forma inequívoca ao discurso da esquerda. Este ano, mais de 7 milhões de estudantes tiveram de escrever uma redação sobre a violência contra a mulher na sociedade brasileira. Cuidava-se, é claro, de uma provocação ideológica, e é de supor-se que muitos candidatos tenham ficado temerosos de expressar seu pensamento.”
<b>Meninas, bicicletai seios nus!</b>	M10 SD3 “As novas esquerdas ou as ‘feminázis’ não inovam nesse particular. Nas suas táticas, há sempre a inspiração de um bigodudo ou de um bigodinho homicidas – machos, é preciso dizer.”
<b>Dilma, a Dona Doida: a redação do Enem e o suposto país de molestadores e estupradores</b>	M12 SD2 “Depois de tecer alguns autoelogios, a governanta mandou ver: ‘Muitas redações preocuparam os avaliadores c/ depoimentos de pessoas que foram assediadas, estupradas ou testemunharam violência’. Pois é... Muitas? Precisamente, houve 55 casos. Vamos fazer

	<p>algumas contas. Inscreveram-se para fazer a prova 7,7 milhões de pessoas. Não achei o número de mulheres, que costumam ser maioria. Se forem 52%, estamos falando de 4 milhões de estudantes.”</p> <p>M12 SD3 “Mas cabe a pergunta: estamos falando de “muitas redações”? O número é de tal sorte pequeno que, infelizmente, a realidade deve ser bem pior do que isso. Inaceitável é que a presidente se pronuncie nesses termos, como se estivéssemos a falar de um país de molestadores e estupradores. Isso não é feminismo, não! É mistificação. O que disse, no entanto, a gestora Dilma Rousseff sobre os 53 mil candidatos que tiraram nota zero na redação? E olhem que alguma coisa aconteceu de 2014 para 2015. No exame anterior, houve 529.374 zeros. Não é preciso ser muito bidu para perceber que houve alguma mudança de critério na correção.”</p>
--	---

É possível identificar nas sequências apresentadas uma formação discursiva que reforça o estereótipo de comportamentos e de assuntos considerados típicos da esquerda. As críticas recaem sobre o governo petista e o Inep, uma vez que, ao denunciarem a abordagem de tais temas, não qualificam o Enem e afastam-no da isenção necessária a um processo avaliativo.

São recorrentes as generalizações no que se refere à propagação de ideias de esquerda no exame, bem como a ausência de diferentes propostas de abordagem a problemas da sociedade contemporânea, como, por exemplo, a persistência da violência contra a mulher na sociedade contemporânea. Essas generalizações podem ser conferidas nos enunciados que se seguem.

EM02 SD2 “na dúvida entre duas alternativas, opte sempre pela que tem a resposta mais ‘esquerdista’”

EM04 SD3 “Mas a redação inspirada na pensadora feminista não foi tudo. O Enem contou com várias outras questões com claro viés esquerdista, como uma envolvendo Simone de Beauvoir, e aquela absurda em que a globalização é responsabilizada pela perda de empregos.”

EM04 SD4 “Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos.”

EM06 SD1 “Muita gente reclamou da dose de feminismo do Enem de 2015.

EM06 SD2 “O problema do Enem não foi o toque de feminismo, mas o habitual anticapitalismo.”

EM08 SD3 “Ora, nenhum dos candidatos pode ser punido ou beneficiado por possuir ou expressar sua opinião. Ninguém pode ser obrigado a dizer o que não pensa para poder entrar numa universidade.”

EM08 SD4 “Para piorar a situação, os candidatos e os corretores das provas não estão familiarizados com a legislação brasileira sobre direitos humanos – o que de resto não é exigido pelo INEP. Assim, o mais provável é que todos considerem como ‘direitos humanos’ um punhado de clichês politicamente corretos consagrados na academia e nos meios de comunicação. É o que sugere aliás o INEP, ao falar vagamente em ‘cidadania, solidariedade e diversidade cultural’, expressões que remetem de forma inequívoca ao discurso da esquerda. Este ano, mais de 7 milhões de estudantes tiveram de escrever uma redação sobre a violência contra a mulher na sociedade brasileira. Cuidava-se, é claro, de uma provocação ideológica, e é de supor-se que muitos candidatos tenham ficado temerosos de expressar seu pensamento.”

Conforme o EM02 SD2, uma alternativa do candidato para o acerto das questões é recorrer a “cálculos mentais de segunda ordem”, buscando identificar a ideologia de esquerda. O tom jocoso percebido pelo cinismo confessado no EM02 SD2 remete, mais uma vez, à falta de responsabilidade do exame com a seleção de jovens melhor preparados para a universidade, tendo em vista a possibilidade de se acertar uma questão apenas por identificação ideológica com a “prova doutrinária”.

No EM04 SD3, observa-se que a IES considerou evidente difusão de ideologia de esquerda na proposta de redação e em várias outras questões do exame. A desestabilização da idoneidade mostrou-se também pelas escolhas lexicais. Em “redação inspirada na pensadora feminista” observamos duas formas de depreciação do assunto: o modo como teria surgido como proposta da redação - enquanto *inspiração*, a escolha do tema é tratado como uma ideia repentina ou lampejo, numa expressão individual do autor da proposta, - e o silenciamento de dados atualizados sobre a violência contra a mulher na sociedade contemporânea, apresentados nos textos de apoio na proposta de redação.

A crítica ao tema acontece porque este é posto como uma das situações no Enem que reforçam o suposto proselitismo político de esquerda no exame. Se o tema da redação, conforme o EM04 SD3, é capaz de disparar conexões neuronais esquerdistas nos candidatos, o texto revela uma incoerência, tendo em vista que, conforme o primeiro parágrafo do artigo, “nada mais falso” que pensar que somente esquerdistas defendem as mulheres ou condenem o machismo e a violência contra as mulheres.

O EM04 SD4 evidencia o propósito de denúncia da doutrinação ideológica no Enem por meio da ironia, que pode ser observada pela expressão “conexões neuronais esquerdistas nos candidatos”. Após a ideia de inspiração, as conexões ideológicas e não o desempenho do candidato nas diferentes áreas de conhecimento selecionam estudantes para o ingresso no ensino superior.

Em EM06 SD1 e EM06 SD2, “toque de feminismo” reforça a expressão “dose de feminismo”. As palavras “dose” e “toque” distanciam o exame de sua seriedade e objetividade e a palavra “feminismo” remete à doutrinação de esquerda, tendo em vista o imaginário político em torno da palavra e as ideias que se apresentam na continuidade do texto.

Observa-se que, em um momento da repercussão polêmica após o Enem 2015, a temática da mulher se seguiu de uma crítica ao anticapitalismo e, assim, discussões acerca da temática da mulher na questão objetiva e na proposta de redação desencadearam outros aspectos que também poderiam desqualificar o exame.

O EM08 SD3, tal como foi enunciado, leva à interpretação de que os candidatos ao Enem 2015 foram beneficiados ou punidos pelas opiniões que expressaram no texto. E embora esse não fosse um critério a ser avaliado, houve um apagamento dos reais critérios, por exemplo, um apagamento de que do ponto de vista ético o candidato poderia sustentar seu ponto de vista sem que houvesse penalização da nota. O argumento apresentado no texto pela IES (em situação hipotética de um candidato que poderia ser punido pela nota) de que o aborto estaria relacionado ao comportamento da mulher é discriminação, e, assim sendo, não está previsto na Constituição ou na Declaração dos Direitos Humanos. O respeito aos direitos humanos, conforme orientação da banca de avaliação, é que deveria ser considerado na construção do texto pelo candidato e na revisão do texto pelo avaliador, uma vez que a argumentação, independente de qual tomada de posição, deve ser sustentada pela ética e, nesse caso, pela equidade de direitos, deveres e responsabilidades.

Nos dizeres “Para piorar a situação” revela-se o interesse em delatar para o leitor o caos instalado na avaliação nacional, cuja magnitude se manifesta no EM08- SD4 (sete milhões de candidatos). No EM08- SD4 fica clara a aproximação do tema à pauta de esquerda e não de toda a sociedade brasileira. A expressão “clichês politicamente corretos” remete a uma formação imaginária construída pelas discursividades sobre os dizeres da esquerda,

conforme anunciado pela IES, que também tece críticas à superficialidade das conceituações do Inep.

Assim a IES, além de desqualificar a proposta de redação, desqualifica o Inep e os corretores das redações, uma vez que julga que se embasarão em um “punhado” de clichês sobre o que ouviram no ambiente acadêmico e no midiático para a atribuição das notas. Seu posicionamento político fica claro à medida que levanta o dualismo direita/esquerda. A ironia evidenciada pela expressão “clichês politicamente corretos”, por exemplo, é uma forma de manifestar-se contra a esquerda e colocar-se noutro lugar de identificação, ridicularizando uma percepção *demasiada* de retidão.

A proposta sobre a persistência da violência contra a mulher a um número expressivo de candidatos se revelou para a IES uma provocação ideológica da esquerda, tendo em vista a limitação que se apresentou, ao se chamar atenção no enunciado, para a nota zero quando se desrespeitassem os direitos humanos. Desse modo, candidatos que não simpatizem (ou não dissimulem simpatizar) com a esquerda poderiam se prejudicar, pois poderiam desrespeitar a orientação da proposta. Ser “politicamente correto” remete, no imaginário popular – já que esta é uma expressão informal da oralidade –, ao respeito integral à diversidade de identidade de gênero, de raça, religião, entre outros. No texto, é uma posição “clichê”, que seria considerada pelos avaliadores, por isso surgiria a necessidade de dissimulação por parte dos candidatos. A ênfase do argumento recai, ironicamente, na esperteza de cada autor da redação para que tenha um bom desempenho no exame.

Acerca do comportamento da esquerda destacado nos textos que não qualificam a temática da mulher no Enem, nota-se a desqualificação dos sujeitos por agirem dissimuladamente e de forma semelhante. Observo essa análise nos enunciados a seguir.

EM04 SD2 “As coisas andam tão bizarras em nosso país que até um esquerdista como Netinho de Paula veio comemorar a escolha (do tema), ele que foi processado por ter batido na própria mulher. Quando apontaram para a incoerência, ele se defendeu alegando ser vítima de racismo. É o que a esquerda costuma fazer sempre.”

EM04 SD5 “O que está mais do que evidente é o fato de que onde é possível, a esquerda enfia doutrinação ideológica na prova. Isso está claro, é conhecido e notório, e os alunos esclarecidos já vão para a prova preparados para mentir. Se quiserem tirar notas boas precisam “esquerdar”, ou seja, bancar o boboca por algumas horas.”

EM10 SD3 “As novas esquerdas ou as ‘feminázis’ não inovam nesse particular. Nas suas táticas, há sempre a inspiração de um bigodudo ou de um bigodinho homicidas – machos, é preciso dizer.”



EM12 SD2 “Depois de tecer alguns autoelogios, a governanta mandou ver: ‘Muitas redações preocuparam os avaliadores c/ depoimentos de pessoas que foram assediadas, estupradas ou testemunharam violência’. Pois é... Muitas? Precisamente, houve 55 casos.”

EM12 SD3 “Inaceitável é que a presidente se pronuncie nesses termos, como se estivesse a falar de um país de molestadores e estupradores. Isso não é feminismo, não! É mistificação. O que disse, no entanto, a gestora Dilma Rousseff sobre os 53 mil candidatos que tiraram nota zero na redação? E olhem que alguma coisa aconteceu de 2014 para 2015. No exame anterior, houve 529.374 zeros. Não é preciso ser muito bidu para perceber que houve alguma mudança de critério na correção.”

No EM04 SD2, as palavras ‘esquerda’ e ‘esquerdista’ foram usadas para desclassificar o posicionamento de pessoas que apoiaram a escolha do tema da redação. Em “até um esquerdista como Netinho de Paula”, a força expressiva recai sobre a relação entre a atitude de violência praticada pelo cantor e seu posicionamento político, de esquerda. A tipificação desse comportamento está evidente também nos dizeres: “é o que a esquerda costuma fazer” e “a esquerda enfia doutrinação ideológica na prova”, no EM04 SD5.

“Esquerdar” ou “bancar o boboca por algumas horas”, conforme o último período desse enunciado passa por discutir a persistência da violência contra a mulher na sociedade contemporânea, entre outros assuntos, como “globalização, movimentos sociais, feminismo, defesa do meio ambiente” sob a ótica de autores considerados pela IES como de esquerda. No entanto, não há no artigo sugestão de outra abordagem desses temas ou de autores que poderiam afastar o exame de seu caráter ideológico.

No enunciado-operador do artigo analisado, o tema da redação é considerado um tema feminista, embora o tema tenha sido *A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira*. A palavra persistência no tema da redação não abriria espaço para os candidatos argumentarem sobre a presença ou não da violência, mas o candidato deveria reconhecê-la como um problema social e discorrer sobre os tipos de violência a que a mulher ainda estaria exposta. Porém, conforme EM04 SD5, se os candidatos quisessem obter sucesso na redação, bem como nas questões objetivas do exame, teriam de “bancar o boboca” e de estarem “preparados para mentir”, já que, dissimulando, obteriam sucesso no exame.

No EM10 SD3, “As novas esquerdas” ou as ‘feminázis’ não inovam nesse particular. O pronome anafórico “nesse” retoma no EM10 SD3 os dizeres “recorrer a uma falácia se for por uma ‘boa causa’”. Observa-se a generalização do comportamento de um grupo que se identifica com a ideologia de esquerda, mais uma vez, e o deslocamento do sentido da expressão “boa causa” para a depreciação. A desqualificação de pautas feministas, nesse caso,

contribui para a construção da crítica à escolha do tema para o Exame Nacional do Ensino Médio.

Valer-se da falácia, do argumento falso que ilude continua sendo, para a IES, o mote desses sujeitos. As escolhas lexicais “feminázis”, “táticas”, “de um bigodudo ou de um bigodinho homicidas” e “machos” revelam, ainda, uma visão discriminatória, pois as mulheres são consideradas manipuladas, obedecendo à força de um determinismo biológico. Desse modo, pode-se afirmar que esses dizeres corroboram discursividades que atribuem fragilidade à intelectualidade da mulher.

No EM12 SD2, após revelar sua interpretação da leitura do que escreveu a presidenta em uma rede social, a IES usa da expressão “mandou ver”, que, nesse contexto, cria expectativa de algo surpreendente, mas também negativo, por se tratar de um pronunciamento da presidenta. A expressão governanta, usada para se referir à chefe de estado, indica um distanciamento do trabalho de Dilma Rousseff do de uma representante de governo de um país.

A crítica pela desvalorização do pronunciamento pode ser observada também pelas perguntas retóricas, seguidas de respostas da própria IES. Os enunciados EM12 SD2 e EM12 SD3 colocam em relevo, desde o início, uma formação discursiva contrária às ações do governo.

No EM12 SD3, destacam-se excessos generalizantes, como indicado pelos termos “molestadores” e “estupradores”, para protestar contra o comentário da presidenta sobre os 55 casos de redações em que pessoas relataram alguma situação de violência que vivenciaram. A indignação se manifesta na comparação entre o número de inscritos no Enem, 7,7 milhões de candidatos, e o número de redações que trouxeram a denúncia; no entanto, silencia-se o que representam os 55 casos, seja por não ser o desejável em uma sociedade igualitária seja pelo fato de que nem todas as vítimas de violência dedicaram suas redações às denúncias, e, por isso, o número de vítimas certamente tem proporções muito maiores que os indicados pelos 55 casos. É importante lembrar que os depoimentos, os relatos de violência podem desclassificar o candidato do exame nacional por fuga ao tema e desconsideração da proposta de dissertação.

Ao enunciar “Isso não é feminismo, não!”, a IES coloca a questão sobre a violência contra a mulher como pauta feminista, e não como de emergência no país. Novamente os dados apresentados não qualificam o governo e o Enem, pois a redução do número de zeros

nas redações revelaria a tentativa do governo de mascarar a baixa qualidade da educação brasileira na atualidade. No EM12SD3, o discurso político demagogo surge como uma maneira de silenciar os problemas educacionais no país. Embora no texto a IES relate saber que o número de pessoas violentadas seja bem maior, não fez reverberar o comentário da presidenta na rede social, de que a redação propiciou a reflexão não só dos estudantes, mas também em toda a sociedade. Conforme o EM12SD3, a presidenta estaria iludindo o povo brasileiro, porque, ao destacar o número de textos de candidatos que relataram situações de violência contra a mulher, teria mascarado do número de zeros na redação.

Apresentam-se, assim, discursividades que justificam a tese apresentada no início do texto: “O Brasil está sendo tragado pela demagogia e pela incompetência”. A comparação estabelecida entre os relatos de agressão e as notas zero na redação do Enem sugerem o silenciamento e/ou a substituição de um tema para a repercussão de outro, um deslizamento ou silenciamento metonímico. A evidência de que, para a IES, a violência contra a mulher na sociedade contemporânea não deveria estar entre as pautas prioritárias da presidência nas redes sociais se estabelece pela contraposição destacada nos enunciados-operadores analisados do texto.

### **3.3.3 Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea**

A partir desta, que é a terceira e última recorrência identificada nos treze textos selecionados como *corpus* do trabalho, analiso discursividades em textos que manifestaram posicionamentos favoráveis ou não favoráveis (seja pela enunciação ou pelo silenciamento) à reflexão proposta sobre o lugar da mulher na sociedade. Terei, portanto, dois axiomas, os quais possibilitarão uma síntese das recorrências que se manifestaram em cada abordagem.

Selecionamos dos treze artigos sequências discursivas em que as instâncias enunciativas sujeitacionais discursivizassem sobre a relevância da discussão proposta. Quando não houve esse discurso, buscamos identificar o mote da argumentação que apagou tal relevância.

A partir das sequências que compuseram a matriz da macroanálise, recortamos os enunciados-operadores que se seguem.

### **3.3.3.1 Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que qualificam a escolha do tema**

Os dizeres que qualificam o tema sublinham o papel fundamental da sociedade para que discursos discriminatórios sejam questionados sob o ponto de vista da ética. Os enunciados-operadores recortados das sequências discursivas apresentadas a seguir revelam uma formação imaginária que repele discursos que não problematizam a situação da mulher na sociedade e se embasam em práticas culturais que a distanciam da equidade de gênero.

As críticas recorrem ao interdiscurso da ignorância como alicerce de discursos conservadores e ao interdiscurso da urgência de práticas revolucionárias capazes de promoverem mudanças na realidade social do país.

A partir das recorrências observadas nas discursividades que remetem a uma memória discursiva de âmbito progressista, estabelecemos este axioma.

*Axioma 05: Os dizeres em textos que qualificam o tema da mulher como abordado no Enem pertencem ao campo discursivo da crítica à manutenção do status quo.*

<b>Matriz V - Microanálise</b>	
<b>Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que qualificam a escolha do tema</b>	
<b>A violência natural contra as mulheres e a administração da ignorância</b>	M01- SD3 “O machismo estrutural é análogo ao fascismo, ambos fundados na ode à ignorância. O machismo exacerbado e espetacularizado (esse que grita contra as mulheres como gritam os fascistas contra quem eles odeiam) é a continuação do machismo estrutural. A violência simbólica e física contra as mulheres tem tudo a ver com isso. Ela está autorizada na cultura da desfaçatez machista cujos sacerdotes atuais são os administradores da ignorância, que espargem em sua cusparada ideológica a naturalização da violência.”
<b>Enem 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”</b>	M03- SD6 “Para a historiadora Mary del Priore, as mulheres devem liderar esta movimentação. ‘Precisamos de uma mobilização que agrupe grupos de mães, feministas, profissionais organizadas em sindicatos, vereadoras e deputadas, professoras e estudantes,

	<p>religiosas, enfim, de mulheres de todos os segmentos para dizer, diariamente, não à violência; e para pressionar, sem tréguas e por todos os meios, as autoridades. Mulheres dispostas a lembrar-lhes, incansavelmente, que qualquer forma de constrangimento físico viola um valor sagrado de nossa sociedade: a integridade do indivíduo’, destaca”</p>
<p><b>A redação do Enem e o papel das empresas para o fim da violência contra a mulher</b></p>	<p>M05- SD3 “A realidade é que o Brasil ocupa o 121º lugar no ranking de participação das mulheres na política. No mercado de trabalho, elas recebem o equivalente a 70% do que ganham os homens. E apenas oito em cada cem profissionais de alto escalão nas companhias são do sexo feminino.”</p> <p>M05- SD4 “Os jovens que fizeram o Enem logo estarão às portas das empresas para buscar uma oportunidade de trabalho. E será que ali encontrarão um ambiente onde haja mais equidade entre homens e mulheres profissionais?”</p>
<p><b>Parabéns, atingimos a burrice máxima</b></p>	<p>M07- SD4 “O que acontece com a fogueira de Simone de Beauvoir num contexto em que aqueles que a jogaram no fogo possivelmente sequer a leram? Que restos dos discursos vazios sobre a filosofia permanecerão na memória de uma população que não tem seus livros na estante e que tipo de eco produzirão?”</p> <p>M07- SD5 “Episódios semelhantes à “moção de repúdio” à Simone de Beauvoir ocorriam esporadicamente em rincões afastados, e logo eram ridicularizados. Hoje, acontecem na Câmara de Vereadores de uma das maiores e mais ricas cidades do estado de São Paulo, no sudeste do Brasil, uma cidade que abriga várias universidades, entre elas a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), uma das mais respeitadas do país. E cadê os intelectuais? Rindo dos burros nas cantinas universitárias?”</p>
<p><b>“Há resistência de admitir a violência específica contra a mulher”, diz pesquisadora</b></p>	<p>M09- SD5 “As escolas não estão separadas do que a sociedade pensa. O muro da escola é alto, mas não bloqueia tudo. A escola não é um espaço imparcial, acima da sociedade. Muito pelo contrário, são as mesmas pessoas da sociedade que circulam na escola. Se você não faz um tipo de ação de política pública para combater a desigualdade, é certo de que todos os estereótipos da sociedade vão estar na escola. Principalmente porque você tem uma questão séria</p>

	<p>na formação de professores. Eles saem da universidade sem discutir as questões de gênero e os reflexos desse tema. E quando não tem política pública intencional, é lógico que vai acabar se perpetuando dentro da escola as visões e estereótipos da sociedade.”</p> <p>M09- SD6 “Pensando na conjuntura dos planos municipais e estaduais, em que se retirou as questões de gênero, o Estado brasileiro está se desresponsabilizando de fazer qualquer ação de igualdade de gênero dentro das escolas.”</p> <p>M09- SD7 “Tenho a impressão de que existem grupos que têm misturado questões morais com política, religião com política. E são grupos muito diversos. Muitos grupos religiosos tentam normatizar a moral, por meio do poder legislativo, partindo do pressuposto da própria moral. É uma tentativa de universalizar suas próprias concepções, como a de família, por exemplo.”</p>
<b>Sobre o ENEM e a tal Ideologia de Gênero</b>	<p>M11 – SD5 “Quem estuda a linguagem, o discurso e a escola sabe que há bem mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia. Por exemplo, o currículo escolar é um dos instrumentos que organizam os saberes considerados importantes de serem estudados pelos alunos em idade escolar e é o instrumento <b>Fundamental</b> no processo conservação dos conhecimentos historicamente acumulados, isto é, os <b>valores sociais dominantes</b>. Contudo, o que são <i>valores sociais dominantes</i>? São os valores que por séculos foram tratados como neutros e imparciais. Valores sociais que englobavam e ainda englobam uma lógica masculina, branca, heterossexual, cisgênera e monogâmica.”</p>
<b>Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites de Feliciano e Gentili</b>	<p>M13 SD5 “O que Beauvoir quis dizer com a frase ‘Não se nasce mulher, torna-se’ não é de difícil entendimento. Explico: ao dizer que ‘não se nasce mulher, torna-se’, a filósofa francesa distingue entre a construção do ‘gênero’ e o ‘sexo dado’ e mostra que não seria possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados. Simples, não é? E faz todo sentido, o ser mulher se impõe; há uma imposição social de como as mulheres devem se comportar.”</p>

Os recortes de enunciados-operadores revelam dois aspectos, a ironia em relação às IES que rechaçaram a questão que trazia o trecho da obra de Simone de Beauvoir ou a proposta de redação e o encorajamento a uma tomada de posição dos sujeitos que combata a cultura da naturalização da violência.

Vejamos a seguir recortes que representam o primeiro aspecto.

EM01 SD3 “[A violência simbólica] está autorizada na cultura da desfaçatez machista cujos sacerdotes atuais são os administradores da ignorância, que espargem em sua cusparada ideológica a naturalização da violência.”

EM07 SD4 “O que acontece com a fogueira de Simone de Beauvoir num contexto em que aqueles que a jogaram no fogo possivelmente sequer a leram?”

EM07 SD5 “Episódios semelhantes à ‘moção de repúdio’ à Simone de Beauvoir ocorriam esporadicamente em rincões afastados, e logo eram ridicularizados. Hoje, acontecem na Câmara de Vereadores de uma das maiores e mais ricas cidades do estado de São Paulo, no sudeste do Brasil, uma cidade que abriga várias universidades, entre elas a Unicamp (Universidade de Campinas), uma das mais respeitadas do país. E cadê os intelectuais? Rindo dos burros nas cantinas universitárias?”

EM09 SD5 “tem uma questão séria na formação de professores. Eles saem da universidade sem discutir as questões de gênero e os reflexos desse tema. E quando não tem política pública intencional, é lógico que vai acabar se perpetuando dentro da escola as visões e estereótipos da sociedade.”

EM09 SD6 “o Estado brasileiro está se desresponsabilizando de fazer qualquer ação de igualdade de gênero dentro das escolas.”

EM13 SD5 “O que Beauvoir quis dizer com a frase ‘Não se nasce mulher, torna-se’ não é de difícil entendimento. Explico: ao dizer que ‘não se nasce mulher, torna-se’, a filósofa francesa distingue entre a construção do ‘gênero’ e o ‘sexo dado’ e mostra que não seria possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados.”

Para a IES que enuncia no EM01 SD3, o machismo estrutural, análogo ao fascismo, é fundado na ignorância. A reprodução do que a IES chama “asneiras” ocorre em veículos de comunicação de massa. No EM01 SD3, o machismo enquanto interdiscurso ecoa pela preservação da ignorância garantida pela mídia, nos discursos dos “sacerdotes atuais”, contribuindo para a cristalização da diferença instituída entre homens e mulheres, além de silenciarem outras questões que envolvem identidade de gênero, por exemplo.

Assim, a causa da persistência está na administração do pensamento da sociedade brasileira pela cultura de massa, que resguarda a violência contra a mulher ao ignorar a discriminação de seu papel social, acabando por naturalizá-lo.

Nos enunciados EM07 SD4 e EM07 SD5 percebe-se a inquietação da IES com os dizeres que desclassificaram o caráter filosófico da obra de Simone de Beauvoir. A expressão idiomática “jogaram no fogo” remete à sua percepção de execração do pensamento da filósofa em um fragmento apresentado em uma questão do exame. A citação de lugares políticos e discursivos elencados pelo suposto desenvolvimento político, econômico e educacional, “câmara dos vereadores”, “sudeste do Brasil” e “universidades”, sinalizam para as perguntas retóricas ao final do EM07 SD5 “E cadê os intelectuais? Rindo dos burros nas cantinas universitárias?”, as quais revelam a massificação dos discursos e a falta de resistência por parte daqueles que poderiam coibir o escárnio pelo discurso alicerçado na razão.

No EM07 SD5, percebe-se a intolerância da IES com a postura de intelectuais que permitiram os “discursos vazios sobre a filósofa”, os quais ecoarão na memória das pessoas que presenciaram o episódio. A indignação acontece, pois o comportamento que outrora poderia ser observado em locais distantes do conhecimento e do progresso, em “rincões afastados”, hoje se observa em locais de onde saem as leis e o conhecimento científico. A descrição do episódio, além do caráter expositivo, revela a expectativa da IES de que, se os intelectuais não se manifestarem, a ignorância ocupará todos os lugares, levando ao estado de completa desorientação, sugerida pelo título do artigo “Parabéns, atingimos a burrice máxima”.

Do mesmo modo, apelando à ironia, no EM13 SD5 a IES visa a desmistificar a frase que foi motivo de zombaria na mídia. Em “não é de difícil entendimento” e “simples, não é?!” observa-se a dificuldade endossada na falta de interesse de se entender o fragmento da obra da autora. A explicação, ao final dessa sequência, sintetiza a reflexão, salientando as imposições da sociedade ao gênero.

A IES propõe um olhar analítico para a reflexão de Beauvoir. Desse modo, evidencia a pertinência do tema com base na objetividade das pesquisas e nas observações das pessoas, distanciando o assunto da tendência à valoração por alguns para o lugar de atenção da sociedade.

Os enunciados EM09 SD5 e EM09 SD6, mais uma vez discursivizam sobre a ignorância como impedimento para o avanço social relacionado às questões de gênero e sobre a falta de envolvimento de autoridades, sejam elas políticas ou educacionais.

Há a proposta de uma reflexão sobre os “muros” – capazes de estabelecer limites espaciais, mas não de pensamento ou de difusão ou consolidação de formações imaginárias –



para conduzir o leitor à reflexão sobre as causas de um círculo vicioso, que abrange professores formadores, professores da educação básica, alunos e sociedade. Nesse sentido, as práticas culturais acabam sendo (re) produzidas dentro do ambiente escolar pelo fato de não haver políticas educacionais que promovam a discussão do tema.

Portanto, a principal causa apresentada para a preservação dos estereótipos sociais está relacionada à lacuna na formação de professores. A preservação da desigualdade e a dificuldade de se reconhecerem as diferenças entre os gêneros ocorrem, principalmente, porque falta formação adequada de professores, a qual poderia romper com um paradigma social que perpetua valores de uma sociedade patriarcal. A IES atribui, assim, a persistência da violência contra a mulher à educação de jovens e adultos, desaprovando, conforme o EM09 SD6, a retirada das questões de gênero dos planos municipais e estaduais.

Nos enunciados apresentados a seguir, observam-se discursividades que impelem os sujeitos a reagirem ao estado atual das relações entre homens e mulheres na sociedade atual.

EM03 SD6 “Para a historiadora Mary del Priore, as mulheres devem liderar esta movimentação. ‘Precisamos de uma mobilização que agrupe grupos de mães, feministas, profissionais organizadas em sindicatos, vereadoras e deputadas, professoras e estudantes, religiosas, enfim, de mulheres de todos os segmentos para dizer, diariamente, não à violência; e para pressionar, sem tréguas e por todos os meios, as autoridades.’”

EM05 SD3 “A realidade é que o Brasil ocupa o 121º lugar no ranking de participação das mulheres na política. No mercado de trabalho, elas recebem o equivalente a 70% do que ganham os homens. E apenas oito em cada cem profissionais de alto escalão nas companhias são do sexo feminino.”

EM05 SD4 “E será que ali encontrarão um ambiente onde haja mais equidade entre homens e mulheres profissionais?”

EM09 SD7 “Muitos grupos religiosos tentam normatizar a moral, por meio do poder legislativo, partindo do pressuposto da própria moral. É uma tentativa de universalizar suas próprias concepções, como a de família, por exemplo.”

EM11 SD5 “o currículo escolar é um dos instrumentos que organizam os saberes considerados importantes de serem estudados pelos alunos em idade escolar e é o instrumento **Fundamental** no processo conservação dos conhecimentos historicamente acumulados, isto é, os **valores sociais dominantes**. Contudo, o que são *valores sociais dominantes*? São os valores que por séculos foram tratados como neutros e imparciais. Valores sociais que englobavam e ainda englobam uma lógica masculina, branca, heterossexual, cisgênera e monogâmica.”

No EM03- SD6, “grupos de mães, feministas, profissionais organizadas em sindicatos, vereadoras e deputadas, professoras e estudantes, religiosas, enfim, de mulheres de todos os

segmentos”, nota-se a necessidade do engajamento das mulheres. Os termos “diariamente”, “sem tréguas” e “incansavelmente” indicam a necessidade da constância, da persistência para que mudanças possam ser observadas na sociedade.

Os dizeres de Mary del Priori, no EM03 SD6, representam uma interdiscursividade que reforça a defesa da luta pelo fim da violência contra as mulheres. A defesa do argumento da liderança das mulheres na luta pela não violência é reforçado pela ideia de que pessoas com ideais, religiões, posicionamentos políticos, lugares sociais semelhantes ou diferentes devem se unir para que se instaure a mudança na sociedade. Assim, somente pela perseverança e pela busca por direitos por diferentes meios é possível ver a mulher liberta do preconceito e da violência. O tema da paz e de igualdade entre os homens é comum a diferentes religiões, por isso, em “qualquer forma de constrangimento físico viola um valor sagrado de nossa sociedade: a integridade do indivíduo”, o interdiscurso religioso é capaz de persuadir indivíduos com visões de mundo e ou religiões, por vezes, bastante distintas.

Os números relacionados no EM05 SD3 dizem respeito à posição no *ranking* de participação da mulher na política e à relação ao que ganham se comparado ao que ganham os homens no mercado de trabalho, seja como remuneração financeira ou confiança em cargos de alta hierarquia. A partir de uma descrição objetiva, tem-se clara a emergência da discussão. A abordagem pelo viés da objetividade afasta o discurso de questões político-partidárias e chama a atenção do leitor para um problema social que deve ser de alguma forma equacionado pela sociedade brasileira.

Ainda no EM05 SD4, a IES mostra preocupação com o futuro das mulheres caso nenhuma mudança de perspectiva seja observada na sociedade brasileira. Desse modo, os mesmos jovens que discorreram sobre a situação de persistência da violência contra a mulher na redação do Enem de 2015 poderão vivenciar situações como as descritas, em pouco tempo, logo que entrarem para o mercado de trabalho. A necessidade de uma proposta de intervenção é anunciada como urgente e imprescindível para que a realidade não permaneça a mesma.

Nos enunciados EM09 SD7 e EM11 SD5, podem-se observar situações em que as IES impelem os sujeitos a problematizarem discursos institucionais, ilusoriamente despretensiosos de difusão ideológica. No primeiro enunciado, considera-se a existência de grupos religiosos que tentam normatizar a moral pelo poder legislativo, apesar do estado laico. Dessa forma, impedem que discussões que resvalam em seus valores sejam temas de debate nas escolas, universalizando, assim, suas concepções, a despeito do que é educacionalmente ou

socialmente melhor para a extinção das diferenças de gênero e do preconceito. Introduzido por uma expressão subjetiva “tenho a impressão”, o enunciado traz como interdiscurso a laicidade do estado, a qual deveria distanciar ideologias religiosas da educação dos brasileiros. No entanto, grupos religiosos reverberam sua moral em textos reguladores da prática docente.

Já o segundo desestabiliza o caráter objetivo e neutro do currículo. Para a IES, o currículo preserva valores sociais dominantes, portanto tem caráter ideológico: o de manutenção da cultura que exclui a diferença e os diferentes do padrão normativo. A palavra “conservação”, no contexto em que se insere, alude a uma memória discursiva que, para a IES, precisa ser superada na educação.

O atravessamento discursivo nesse enunciado provoca a reflexão ao problematizar a leitura superficial do problema em pauta. As questões ideológicas, inerentes a toda situação discursiva, ganham saliência na desconstrução da imparcialidade, colocando-a como um silenciamento oportuno à classe dominante. A reflexão sobre o uso da expressão “valores sociais dominantes”, no EM11 SD5, reforça a necessidade da percepção dos interesses de quem aplaudiu ou rechaçou o tema da violência contra a mulher no Enem, tendo em vista ter sido proposta a discussão de um tema que não está inserido na pauta dos assuntos tradicionais na educação.

### **3.3.3.2 Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que não qualificam a escolha do tema**

Os dizeres que não qualificam o tema o fazem por negação ou apagamento. Os enunciados-operadores compilados das sequências discursivas apresentadas a seguir revelam uma formação imaginária que rotula o exame como doutrinário por promover a ideologia de um governo de esquerda, causando prejuízos aos candidatos e à reputação do exame. Além disso, como não se identifica a valorização das discussões sobre a construção social do papel da mulher ou sobre a persistência da violência contra a mulher – reduzindo, muitas vezes, tais questões a pautas feministas (tidas sexistas e esquerdistas) –, percebe-se o apagamento da relevância da discussão sobre igualdade de gênero na sociedade contemporânea.

A partir das recorrências dessas discursividades, que remetem a uma memória discursiva de âmbito conservador, estabelecemos este axioma.

*Axioma 06: Os dizeres de textos que não qualificam o tema da mulher como abordado no Enem pertencem ao domínio discursivo da desqualificação do exame nacional e do apagamento da discussão sobre o lugar social da mulher.*

<b>Matriz VI – Microanálise</b> <b>Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, em dizeres que não qualificam a escolha do tema</b>	
<b>Ideologia no Enem</b>	M02- SD3 “Seria muito melhor, porém, que o Inep, o instituto que elabora a prova, buscasse ativamente uma certa neutralidade ideológica no conjunto das questões. Por mais pantanoso e traiçoeiro que seja esse terreno – a rigor, a neutralidade é menos do que uma quimera –, vale a pena procurar um equilíbrio no ‘pedigree’ dos autores citados justamente para que o exame não seja acusado de ser uma peça de propaganda. O compromisso do Inep não deve ser com correntes de pensamento, mas sim com a qualidade e a reputação da prova.”
<b>A ideologia do Enem: como a esquerda reagiria se fosse o contrário?</b>	<p>M04- SD6 “O que o educado Schwartzman não parece notar é que a reação da mesma esquerda seria completamente histórica se fosse o contrário, se um governo liberal ou conservador adotasse um viés tão evidente na prova.”</p> <p>M04- SD7 “O viés ideológico do Enem não deveria ser suavizado. Não devemos fazer pouco caso disso, pois é absurdo, vem aumentando e faz parte de uma estratégia deliberada de doutrinação ideológica inspirada em Gramsci. A hegemonia cultural é uma meta evidente da esquerda totalitária, e ela não admite o contraditório, a busca da neutralidade, a imparcialidade como meta.”</p> <p>M04- SD8 “Nivaldo Cordeiro gravou um vídeo de desabafo sobre a escolha da autora comunista para a redação do Enem, lembrando que ela e seu amante Sartre eram propagandistas dos mais nefastos regimes da época, aqueles que trucidavam minorias dissidentes.”</p> <p>M04- SD9 “A ideologia do Enem, portanto, não deve ser tratada como coisa menor por nós, como algo normal, banalizado. Aceitamos calados por tempo demais esse controle cultural e</p>

	<p>educacional por parte da esquerda revolucionária, e o estrago está aí, bem visível para quem quiser ver.”</p> <p>M04- SD10 “Chega de tanta doutrinação nas escolas, nas universidades e nas provas do Enem. Esse tipo de coisa tem sérias consequências para o país.”</p>
<b>Há um erro grave no Enem deste ano – mas ele não tem nada a ver com feminismo</b>	<p>M06- SD3 “Além da redação, uma questão reproduzia o seguinte trecho de Simone de Beauvoir: <i>Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.</i> (...) Os alunos não precisavam concordar com a frase, apenas assinalar qual movimento a ideia acima inspirou nos anos 1960 (resposta certa: ‘igualdade de gênero’; fácil). Dando um desconto para a primeira frase (é claro que várias pessoas nascem mulheres) e à definição de mulher como um ‘macho castrado’ (se eu usasse essa definição me chamariam de machista, misógino e opressor), o trecho de Simone de Beauvoir não é de todo ruim. Mesmo o mais adepto da evolução natural como forma de explicar o comportamento humano há de concordar que a biologia escreve parte do livro – que é completado pela cultura e pelas relações sociais.”</p> <p>M06- SD4 “Uma questão, inspirada no geógrafo Milton Santos, está evidentemente errada. Deveria render processos de estudantes pedindo sua anulação. (...) A resposta E, a correta segundo o Enem, é risível. Não, globalização não provoca desemprego – provoca prosperidade.”</p>
<b>O boi de piranha do Enem</b>	<p>M08- SD5 “Basta pensar no possível desfecho das seguintes situações: o candidato A sustenta, em sua redação, que a proibição do aborto é uma forma de violência contra as mulheres; e apresenta como proposta de intervenção a descriminalização dessa prática. Já o candidato B relativiza o problema da violência contra as mulheres; identifica, entre suas causas, o comportamento das próprias mulheres; e propõe como solução a mudança desse comportamento. Como serão corrigidas essas redações? Se a legislação brasileira fosse aplicada, o candidato A deveria receber zero, pois a Convenção Americana sobre Direitos Humanos estabelece que o direito à vida deve ser protegido pela lei “desde o momento da concepção”. Mas, se prevalecerem os clichês do politicamente</p>

	<p>correto, não só isso não vai acontecer, como quem pode acabar levando zero é o candidato B, embora sua proposta de intervenção não desrespeite a legislação relativa aos direitos humanos.” Ora, nenhum dos candidatos pode ser punido ou beneficiado por possuir ou expressar sua opinião. Ninguém pode ser obrigado a dizer o que não pensa para poder entrar numa universidade. O exemplo demonstra, em todo caso, que, além de ferir a liberdade de consciência e de crença dos candidatos, a exigência do INEP, na prática, transforma a prova de redação do Enem num imenso filtro ideológico de acesso ao ensino superior. No fim das contas, Simone de Beauvoir era apenas o boi de piranha do Enem.”</p>
<b>Meninas, bicicletai seios nus!</b>	<p>M10- SD4 “Nunca me ocorreu que também minhas opiniões tivessem pênis, mas não descarto essa possibilidade por uma questão de rigor intelectual. Confesso, no entanto, que parece estranho procurar a vagina dos textos de Hannah Arendt, de Ayn Rand, de Safo de Lesbos – nesse caso, então, pra quê?”</p> <p>M10- SD5 “A verdade profunda dessa sentença se revela assim: "Ninguém nasce homem, torna-se homem".</p> <p>No mais, encerro: ‘Vós que leveis tantas raças/ Nos corpos firmes e crus:/ Meninas, soltai as alças/ Bicicletai seios nus!’.”</p>
<b>Dilma, a Dona Doida: a redação do Enem e o suposto país de molestadores e estupradores</b>	<p>M12 SD4 “Dilma e todos nós temos o dever moral de nos compadecer com as 55 pessoas que fizeram relatos pessoais, de lamentar os eventuais abusos ocorridos e, cada um segundo a sua possibilidade, amparar os que sofrem. Mas a presidente e seu ministro se perdem na demagogia quando tratam a extrema exceção como se fosse uma regra e sintoma de uma patologia social.”</p> <p>M12 SD5 “É mais fácil ficar exercitando feminismo retórico do que qualificar a educação, não é mesmo? Uma coisa se faz apenas com saliva; a outra requer competência.”</p>

Nos enunciados-operadores destacados a seguir, evidenciam-se discursividades que têm como objetivo caracterizar o Enem enquanto exame que adota uma ideologia de esquerda, seja pela escolha dos temas e seja pelos autores referenciados nas questões. Além disso, observa-se que não existem discussões acerca da relevância da temática da mulher ou argumentos que sustentem a abordagem do mesmo tema por outra perspectiva.

Sendo assim, revelam-se discursividades sobre o exame doutrinário e apagamentos sobre a relevância da discussão sobre a condição da mulher ou a persistência da violência contra ela na sociedade contemporânea.

EM02- SD3 “vale a pena procurar um equilíbrio no ‘pedigree’ dos autores citados justamente para que o exame não seja acusado de ser uma peça de propaganda. O compromisso do Inep não deve ser com correntes de pensamento, mas sim com a qualidade e a reputação da prova.”

EM04- SD6 “a reação da mesma esquerda seria completamente histórica se fosse o contrário, se um governo liberal ou conservador adotasse um viés tão evidente na prova.”

EM04- SD7 “O viés ideológico do Enem não deveria ser suavizado. (...) A hegemonia cultural é uma meta evidente da esquerda totalitária, e ela não admite o contraditório, a busca da neutralidade, a imparcialidade como meta.”

EM04- SD9 “A ideologia do Enem, portanto, não deve ser tratada como coisa menor por nós, como algo normal, banalizado. Aceitamos calados por tempo demais esse controle cultural e educacional por parte da esquerda revolucionária, e o estrago está aí, bem visível para quem quiser ver.”

EM04- SD10 “Chega de tanta doutrinação nas escolas, nas universidades e nas provas do Enem. Esse tipo de coisa tem sérias consequências para o país.”

EM06- SD4 “Uma questão, inspirada no geógrafo Milton Santos, está evidentemente errada. Deveria render processos de estudantes pedindo sua anulação. (...) A resposta E, a correta segundo o Enem, é risível. Não, globalização não provoca desemprego – provoca prosperidade.”

Já no EM02- SD3, a palavra “pedigree” marcou as diferenças ideológicas perceptíveis na prova. Essa escolha lexical revela a divisão, a separação de tipos de autores pela identificação com a direita ou a esquerda, e não com o que pensam ou o que propõem.

O tom de descontentamento mostra-se também pela construção sintática de “o compromisso do Inep não deve ser com correntes de pensamento, mas sim com a qualidade e a reputação da prova.” leva à conclusão de que o Inep tem compromisso com tais correntes, e não com “a qualidade e a reputação da prova”. O par conjuntivo que se forma com o emprego de advérbios “*não* deve” em contraposição ao “Mas *sim*” reforça o caráter taxativo do discurso, de que o exame visa a propaganda política e não cumpre com sua principal função. Tem-se aqui uma acusação e uma advertência sugerida à conduta do Inep quanto ao risco de perda de credibilidade do exame nacional.

A busca pela neutralidade seria, portanto, a alternativa para que o exame não fosse acusado de “peça de propaganda”. Essa neutralidade seria alcançada, conforme o enunciado,

pelo equilíbrio ideológico dos autores citados. No entanto, de acordo com o artigo, em um terço da prova de ciências humanas, observou-se viés ideológico de esquerda. Não há esclarecimentos quanto aos outros dois terços quanto à percepção de que houve neutralidade e/ou tendência a outra ideologia. Sendo assim, instaura-se uma contradição, uma instabilidade no que se refere à noção de equilíbrio abordada no texto.

No EM04 SD6, em “a reação da mesma esquerda seria completamente histórica se fosse o contrário”, tem-se que as mesmas pessoas que aprovam as temáticas do exame de 2015 mostrariam extremo descontrole emocional caso acontecesse de a direita difundir suas ideologias, em “um viés tão evidente”. Nota-se aqui, mais uma vez, a estereotipação do comportamento da esquerda, além de uma justificativa para o protesto de um possível representante da direita contrário às abordagens do exame. Além disso, o enunciado sugere a possibilidade de um ideal de discurso neutro, tendo em vista que o apagamento de temas ou autores de esquerda pode não fazer emergir outro viés ideológico. A conjunção subordinativa condicional aponta para uma possibilidade de devir, embora a situação análoga seja apenas ilustrativa, e não expectativa da IES.

Nos enunciados EM04-SD7 e EM04-SD9 fica nítida a representação da esquerda como totalitária e a possibilidade de um exame imparcial e neutro ideologicamente. Não se considera, entretanto, que a seleção ou os apagamentos de temas fazem parte de posturas ideológicas se atenderem a interesses conservadores, por exemplo. Em razão disso, há uma discursividade que alerta para um projeto de hegemonia cultural pela doutrinação e, desse modo, o exame seria uma ferramenta ideológica de seleção dos candidatos para as vagas das universidades.

No EM04-SD10, existe a manifestação do temor de uma doutrinação gerar consequências caso não haja uma intervenção da sociedade. A expressão “esse tipo de coisa” dá continuidade ao caráter de protesto e de crítica ao modo como a esquerda atuaria na sociedade.

Pelo EM06 SD4 observamos como a IES ilustra a doutrinação que teria ocorrido no exame de 2015. Em “A resposta E, a correta segundo o Enem, é risível. Não, globalização não provoca desemprego – provoca prosperidade.”, a ideologia de esquerda se revelaria ao citar o desemprego como consequência da globalização, porém, ao dizer o contrário, não haveria doutrinação, mas discurso de neutralidade. Do ponto de vista da análise do discurso, há uma



contradição que refrata a neutralidade do discurso de manutenção do *status quo* ou o apagamento da ideologia conservadora.

A proposta de redação também pertenceu ao rol de questões acusadas de doutrinação na prova, pois teria sido “inspirada na pensadora feminista”; porém a proposta não trazia Simone de Beauvoir, mas textos de apoio que sustentavam a tese de persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira. Embora a IES tenha discursivizado sobre a inspiração na pensadora feminista, a filósofa teve o nome citado apenas em uma questão da prova de Ciências Humanas.

Os dizeres a seguir não discursivizam sobre a necessidade de isenção de ideologia política no exame, mas aludem à polêmica da abordagem da condição da mulher.

EM04 SD8 “ela e seu amante Sartre eram propagandistas dos mais nefastos regimes da época, aqueles que trucidavam minorias dissidentes.”

EM06 SD3 “Os alunos não precisavam concordar com a frase ‘Ninguém nasce mulher: torna-se mulher’, apenas assinalar qual movimento a ideia acima inspirou nos anos 1960 (resposta certa: ‘igualdade de gênero’; fácil). Dando um desconto para a primeira frase (é claro que várias pessoas nascem mulheres) e à definição de mulher como um ‘macho castrado’ (se eu usasse essa definição me chamariam de machista, misógino e opressor), o trecho de Simone de Beauvoir não é de todo ruim.”

EM10 SD4 “Nunca me ocorreu que também minhas opiniões tivessem pênis, mas não descarto essa possibilidade por uma questão de rigor intelectual. Confesso, no entanto, que parece estranho procurar a vagina dos textos de Hannah Arendt, de Ayn Rand, de Safo de Lesbos –nesse caso, então, pra quê?”

EM10 SD5 “A verdade profunda dessa sentença se revela assim: ‘Ninguém nasce homem, torna-se homem’. No mais, encerro: ‘Vós que leveis tantas raças/ Nos corpos firmes e crus:/ Meninas, soltai as alças/ Bicicletai seios nus!’.”

No EM04 SD8, há escolhas lexicais como “comunista”, “amante”, “propagandista”, “nefastos” e “trucidavam” com carga semântica que visa a desqualificar a autora e, no contexto em que se apresentam, relacionar o exame aos eventos descritos no texto, apagando a historicidade e a relevância para os estudos de gênero no século XX. O recorte para uma abordagem da relação Sartre e Simone, não contemplando seus projetos nas áreas da filosofia e antropologia e reforçando seus posicionamentos políticos de esquerda, valoriza a tese do viés ideológico e os riscos levantados de suas ideias, enquanto “propagandistas” do regime comunista, virem à tona na sociedade brasileira. Essa percepção se mostra como um alerta para as “sérias consequências” para o país, conforme argumentos defendidos no artigo.

No EM06 SD3, “dando um desconto” é uma expressão que ironiza a polêmica frase de Simone de Beauvoir, que, para a IES, traria uma afirmação óbvia. Além dessa ironia, percebe-se outra ao atribuir incoerência na reação de feministas (tendo em vista a escolha vocabular recorrentemente atribuídas a elas “machista, misógino e opressor”) no que diz respeito à interpretação da expressão “macho castrado”. No entanto, tal expressão não compõe o fragmento que fez parte da questão da prova. Mas o feminino qualificado como “produto intermediário entre o macho e o castrado”.

O EM10 SD4 apresenta uma percepção da IES de que, por seu “rigor intelectual”, suas ideias tivessem pênis. O órgão genital masculino estaria então relacionado à capacidade produtiva, intelectual. A escolha por Hannah Arendt, Ayn Rand e Safo de Lesbos evidencia que, pela força enunciativa de seus dizeres, seria estranho procurar a fragilidade representada pelo órgão genital feminino nos textos produzidos por elas.

A confissão revela o atravessamento discursivo machista, que relaciona fragilidade à mulher, além do tom de ironia ao desconsiderar o órgão feminino em Safo de Lesbos. O contraponto apresentado entre “pênis” e “vagina” reforça a separação cultural existente entre os sexos. Apesar de, no início do texto, se chamar atenção para o fato de as ideias não terem sexo, depois há que se considerar o rigor com que elas se apresentam e esse rigor estabelece relação com aspectos de gênero.

No EM10 SD5, atendendo à força da condição de homem, construído em sociedade, a IES recorre aos imperativos às mulheres, para que mostrem, para o seu “regalo”, os seios nus, reforçando a construção cultural do homem interessado na sensualidade feminina, tendo em vista o arremate com os versos do poema de Vinicius de Moraes. A naturalização da construção social do homem e da mulher em uma sociedade machista revela-se na paráfrase da polêmica frase de Simone de Beauvoir justificada pelos versos ‘Vós que leveis tantas raças/ Nos corpos firmes e crus:/ Meninas, soltai as alças/ Bicicletai seios nus!’.

Após a análise desses enunciados, que fizeram referência à questão que trazia um fragmento da obra de Simone de Beauvoir, destacamos, dos textos que não qualificam a escolha do tema mulher no Enem 2015, dizeres relacionados à ideia de consequência da proposta de redação. Vejamos a seguir.

M08- SD5 Ora, nenhum dos candidatos pode ser punido ou beneficiado por possuir ou expressar sua opinião. Ninguém pode ser obrigado a dizer o que não pensa para poder entrar numa universidade. O exemplo demonstra, em

todo caso, que, além de ferir a liberdade de consciência e de crença dos candidatos, a exigência do INEP, na prática, transforma a prova de redação do Enem num imenso filtro ideológico de acesso ao ensino superior. No fim das contas, Simone de Beauvoir era apenas o boi de piranha do Enem.”

EM08 SD5 “Basta pensar no possível desfecho das seguintes situações: o candidato A sustenta, em sua redação, que a proibição do aborto é uma forma de violência contra as mulheres; e apresenta como proposta de intervenção a descriminalização dessa prática. Já o candidato B relativiza o problema da violência contra as mulheres; identifica, entre suas causas, o comportamento das próprias mulheres; e propõe como solução a mudança desse comportamento. Como serão corrigidas essas redações? Se a legislação brasileira fosse aplicada, o candidato A deveria receber zero, pois a Convenção Americana sobre Direitos Humanos estabelece que o direito à vida deve ser protegido pela lei ‘desde o momento da concepção’. Mas, se prevalecerem os clichês do politicamente correto, não só isso não vai acontecer, como quem pode acabar levando zero é o candidato B, embora sua proposta de intervenção não desrespeite a legislação relativa aos direitos humanos.” (...) “além de ferir a liberdade de consciência e de crença dos candidatos, a exigência do INEP, na prática, transforma a prova de redação do Enem num imenso filtro ideológico de acesso ao ensino superior.”

EM12 SD5 “É mais fácil ficar exercitando feminismo retórico do que qualificar a educação, não é mesmo? Uma coisa se faz apenas com saliva; a outra requer competência.”

No EM08 SD5, a IES apresenta duas situações a fim de corroborar seus argumentos sobre as questões ideológicas que perpassam a elaboração da redação do Enem.

A apresentação dessas duas situações, representadas pelas abordagens do candidato A e do candidato B em relação ao aborto, seriam as seguintes: o candidato A proporia a descriminalização do aborto, e o candidato B, a mudança do comportamento das mulheres.

Desse modo, silencia-se a possibilidade de se problematizar a lei de criminalização do aborto e a possibilidade de uma proposta de intervenção que não se restrinja à responsabilização exclusiva da mulher.

A argumentação se estabeleceu por imagens simbólicas de dois comportamentos conflituosos do ponto de vista ideológico. Porém, apesar dessa oposição, a justificativa da nota zero pelo modo como foi abordado o respeito aos direitos humanos foi formulada sob uma ótica falaciosa. O problema do aborto, para o candidato B, não é uma questão social, mas provocada pelo comportamento da mulher, logo a violência contra ela deve ser relativizada. Por outro lado, o candidato A propõe como intervenção a descriminalização do aborto, o que naturalmente passaria pela reformulação da lei, embora essa proposta de reformulação não esteja contemplada no enunciado da IES.

O interdiscurso jurídico é trazido à argumentação com vistas a promover uma estabilização dos discursos relacionados à mulher na sociedade contemporânea, como se observa no contraponto estabelecido entre o que diz a Convenção Americana sobre Direitos Humanos e “clichês do politicamente correto”, ou seja, entre a lei e o discurso da esquerda.

Nessa perspectiva, o Enem seria um “imenso filtro ideológico” que feriria a liberdade de consciência dos candidatos e promoveria o apagamento de responsabilização da mulher em situações de gravidez não planejada. A isenção do exame dependeria, portanto, da manutenção do *status quo*, que, para a IES, não teria viés ideológico.

No EM12 SD5, os pares antitéticos “feminismo retórico”/“qualificar educação” e “saliva”/“competência” reforçam a falta de capacidade do governo da presidenta Dilma Rousseff de melhorar a educação e sua tentativa de ludibriar a população com apelos emocionais. O “feminismo retórico” é, portanto, discutir a situação atual da mulher no Brasil seja por meio da proposta do tema da redação ou em pronunciamentos da presidenta nas redes sociais. Fazer isso seria mais fácil para a presidenta que melhorar a educação no país, pois isso requer competência, o que os argumentos apresentados no enunciado-operador indicam não existir na figura de Dilma Rousseff.

A desqualificação da postura da presidenta silencia a discussão acerca do problema da violência contra a mulher - o qual o exame nacional trouxe à tona no contexto midiático, educacional e familiar - e silencia o impacto social positivo que a proposta de redação pôde trazer para a sociedade, oportunizando reflexão, debates e denúncias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo maior deste trabalho foi o de analisar inscrições filosóficas, históricas, políticas e culturais que emergem das discursividades em textos que discutiram a escolha do tema da redação do Enem 2015. E, para alcançá-lo, busquei, antes, descrever as materialidades linguísticas, levantar as regularidades recorrentes nessas materialidades e, finalmente, analisar as inscrições que se manifestam na constituição dos sentidos nos acontecimentos discursivos. A macroanálise, de onde emergiram as regularidades, permitiu-nos o mapeamento do *corpus*, e foi possível a análise das regularidades em conjunto, pelo recorte delineado na síntese das percepções, no momento da microanálise.

A hipótese deste trabalho, de que as inscrições discursivas midiáticas sobre a abordagem temática da mulher no Enem de 2015 se comportam conforme posicionamentos ideológicos das instâncias enunciativas sujeitacionais, pôde ser confirmada pelos textos selecionados, tendo em vista a relação que identificamos entre a posição das instâncias enunciativas com o modo como o tema foi abordado e as inscrições em discursos relacionados a posições político-ideológicas.

Ao longo do texto, destaquei *o modo como o tema foi abordado* e não simplesmente o tema, porque se confirmaram críticas à escolha de um fragmento da autora Simone de Beauvoir para uma questão objetiva, já que ela difundiria o feminismo – tomado nas discussões, em alguns textos, como ideologia de esquerda. Além disso, houve críticas às possíveis represálias a escolhas de argumentos dos candidatos para sustentarem a ideia de persistência da violência contra a mulher na proposta de redação. É sabido que, na proposta, havia dados que confirmaram a persistência da violência contra a mulher e que, desde que não ferissem os direitos humanos, qualquer argumento poderia ser utilizado, sem que se prejudicasse a nota do candidato. Vale lembrar que o comprometimento da avaliação por esse critério sempre existiu nas propostas de produção de texto do exame. Não obstante, vimos que abarcar a condição da mulher, seja em uma evolução sócio-histórica ou na contemporaneidade é tocar também em aspectos políticos e ideológicos, que sobrepõem as posições dos sujeitos à ideia prevista na constituição, de igualdade de direitos, e, por consequência, é (des)construir a relevância de medidas de um órgão representante do governo, no caso, um governo de uma mulher de esquerda.

Ancorada, principalmente, na análise de discurso francesa de Pêcheux (1997, 2008, 2014) e na extensão teórica de sua teoria, proposta por Santos (2009), observei a relação entre discurso e ideologia discutida nesse referencial. Esses autores, conforme mostrei na abordagem teórica do trabalho, consideram discurso e ideologia processos indissociáveis. Atingi, assim, o objetivo do trabalho ao analisar como se apresentaram os dizeres sobre a questão acerca das ideias de Simone de Beauvoir e sobre o tema da proposta de redação Enem 2015, “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, buscando os sentidos construídos a partir de inscrições discursivas dos sujeitos que enunciaram sobre o tema.

Sendo o objeto discursivo investigado nesta pesquisa os efeitos do tema do exame de 2015 na mídia, o estudo reforçou a capacidade midiática de promover um embate ideológico acerca de vários assuntos, inclusive sobre assuntos que não são do campo de conhecimento da maioria dos autores, levando a sociedade a discutir o assunto e a se posicionar sobre ele. Observei que a desqualificação da temática da mulher nas duas situações do exame – seja apontando para a construção de seu papel social, seja discutindo a violência de que ainda é vítima – e a ausência de problematização de sua realidade atual substituíram debates que poderiam unir posicionamentos político-ideológicos e promover uma sociedade mais justa e unívoca, no sentido da promoção dos direitos iguais para todos. Portanto, a perda é imensurável, tendo em vista que, ao se ideologizar politicamente situações que abordam temas importantes como a promoção de igualdade, podem-se silenciar aspectos sociais relevantes. Apagar a relevância da visibilidade de questões de gênero acarreta a manutenção das diferenças, do preconceito e da violência. Por isso, não acredito na neutralidade dos dizeres, mas na reflexão e na promoção de mudanças sociais necessárias à construção da justiça social.

As memórias que se revelaram nos dizeres, pelo fenômeno que Pêcheux chamou paráfrase, tanto em textos que qualificam a proposta como em textos que não a qualificam, confirmam a necessidade de reconhecimento e atenção das esferas sociais sobre a violência, para que seja possível, então, surgir um outro panorama, o de enfrentamento do problema. Tal mudança de paradigma passa pela discussão, reflexão e mudança de atitude da sociedade brasileira – na minha percepção, independente de posicionamentos políticos-partidários – já que visa a um posicionamento justo do ponto de vista da preservação dos direitos humanos, relacionados à liberdade e à igualdade resguardadas perante a lei.

A defesa de argumentos que, do ponto de vista ético, parecem-nos desestabilizáveis, mostrou-se também consoante à identificação ideológica dos sujeitos, já que estes, além de desconstruírem abordagens que negligenciaram o problema da mulher na sociedade, também (d)enunciaram posicionamentos políticos que as sustentavam. Desse modo, percebo, na relação entre os textos, um binarismo, na maioria dos casos, entre ataque e defesa, alicerçados em discursos políticos que – em um momento de acirramento ideológico com início na reeleição da presidenta Dilma Rousseff e, ao mesmo tempo, antecedendo ao seu impedimento – deram continuidade ao embate que se instaurou em vários espaços midiáticos, como, por exemplo, no jornalismo difundido pelos mais diversos suportes e nas redes sociais.

Alguns dados da análise serão agora trazidos à guisa de conclusão, a fim de sistematizar a relação proposta pelo trabalho, entre os dizeres que qualificam e os que não qualificam a temática da mulher como abordada no exame, em cada uma das três recorrências observadas. Essas relações permitiram a confirmação de que posicionamentos ideológicos – além de interferirem na educação, tendo em vista práticas promovidas pelos discursos – podem repercutir diretamente na cultura de uma sociedade, estabilizando ou desestabilizando práticas sociais, pela pseudo-inscrição em um discurso da neutralidade ou pela problematização da manutenção do *status quo*.

Na macroanálise, nos textos que não qualificam a abordagem, notei um apelo a neutralidade discursiva e a condução dos argumentos pela perspectiva ideologizante do exame, diferente do que ocorre nos textos que qualificam a abordagem, em que se observam, sobretudo, reação aos questionamentos daqueles que não a qualificam.

A princípio, pude observar que os dizeres que qualificam a escolha do tema da mulher para a edição do Enem de 2015 têm regularidades discursivas acerca da situação de persistência da violência e acerca do devir que se delineia em outra perspectiva de educação, a qual contempla questões de gênero e discursividades respaldadas pela ideologia de atualização educacional, com vistas a mudanças sociais que protejam a mulher da violência, conforme descrito pelo axioma 01: “*Os dizeres que qualificam o tema da mulher como abordado no Enem recorrem ao interdiscurso jurídico e ao educacional*”.

Nas sequências analisadas nessa seção do trabalho, pude perceber o comprometimento das IES com a valorização do exame, que tem assumido o papel de promover mudanças em paradigmas educacionais, deslocando seu foco da perspectiva tradicional, que afasta os candidatos, mas, sobretudo, os cidadãos de seus papéis sociais.



Das sequências selecionadas na macroanálise, identifiquei singularidades que me permitiram então uma análise dos enunciados, os quais se aproximaram não só pelo tópico argumentativo, mas também pela maneira como foi abordado. Assim, percebi discursividades que sustentaram a persistência da violência contra a mulher, enfatizando sua história de vítima da sociedade patriarcal; discursividades que revelaram a disposição das IES em resistir à violência e promover mudanças sociais que passam pela formação do jovem na educação formal; além de discursividades que se empenharam na promoção de mudanças que dariam conta de um novo cenário educacional, que fosse capaz de promover uma sociedade menos desigual.

Já nos dizeres que não qualificam a escolha do tema da mulher para a edição do Enem de 2015, há regularidades discursivas pautadas no confronto ideológico com a abordagem feita no exame, afastando as discussões da promoção da igualdade ou da discussão do tema, uma vez que a ênfase se deu nas inscrições partidárias, em uma abordagem jocosa que, muitas vezes, ridicularizou o exame e silenciou a discussão acerca da relevância do tema, silenciando, também, a possibilidade de outra abordagem ou de sugestões capazes de agregar ideias que tivessem em comum o propósito de promover, para então podermos pensar em consolidar, uma sociedade mais justa. Dessas percepções, obtivemos o axioma 02: *“Os dizeres que não qualificam o tema da mulher como abordado no Enem recorrem ao interdiscurso político atravessado pela ironia”*.

Nos enunciados-operadores analisados nessa seção do trabalho, pude perceber o objetivo de denúncia que as discussões buscaram alcançar, aliando a imagem do exame à propaganda política de orientação marxista, em linguagem irônica, inferiorizando o processo de avaliação e questionando sua competência para a seleção de candidatos às universidades do país. Embora a relevância do tema tenha sido considerada em algumas situações, foi assunto tangencial nos textos argumentativos.

Mais uma vez, identifiquei semelhanças de tópicos nas recorrências identificadas na macroanálise. Essas semelhanças permitiram, então, uma análise desses enunciados. Nesse sentido, emergiram discursividades que sustentaram o propósito doutrinário do exame; discursividades que manifestaram desprezo pelo exame nacional, que estaria promovendo ideários de esquerda como o feminismo; discursividades que silenciaram pontos positivos da abordagem do tema da mulher no exame, como a reflexão, atribuída também à educação em

todos os âmbitos, sobre a necessidade da promoção da igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Após a retomada de alguns aspectos da análise de discursividades que qualificam ou não qualificam o tema da mulher conforme se apresentou no Enem de 2015, passo à segunda das três regularidades observadas na macroanálise, que é a relação entre a temática da mulher no Enem de 2015 e a ideologia. Percebi um embate quanto às perspectivas, pois, em discursividades que qualificam a temática, identificam-se respostas, na maioria das vezes indignadas, a discursividades que manifestaram acusações ao cunho ideológico e doutrinário de esquerda do exame.

Em dizeres que qualificam a abordagem do tema da mulher na edição do Enem de 2015, é possível identificar muitas referências às IES que se posicionaram publicamente contrárias a aspectos da abordagem temática do Enem de 2015, com vistas a desconstruir os sentidos difundidos por suas discursividades. Notam-se, nos enunciados-operadores selecionados para essa seção do trabalho, a (re)ação a práticas discursivas que não valorizaram a importância do tema no exame e, de certo modo, possibilitaram leituras de resistência a outras abordagens na educação, como as que contemplam aspectos sociais. Essa (re)ação identificada nas sequências analisadas revela-se em síntese no axioma 03: *“Os dizeres que qualificam o tema da mulher como abordado no Enem revelam-se ideologicamente filiados ao interdiscurso da contestação”*.

Nos enunciados-operadores analisados, as IES revelam sua preocupação com os caminhos da educação e da sociedade, pois, além de reconhecerem o discurso do ódio na ideologização do exame nacional, reconhecem a dificuldade da promoção de temas relevantes à sociedade ao patamar da formação dos educandos nas escolas. Ainda, concomitante à observação do fortalecimento das críticas à abordagem do exame no Enem de 2015, essas IES observam a necessidade do envolvimento da sociedade para contestar tal ideologização, tendo em vista que, sendo um problema histórico da sociedade brasileira, não pode ser negligenciado por ninguém, independente de posições políticas.

Selecionei percepções advindas de certas identificações discursivas em enunciados-operadores, os quais permitiram identificar como se construiu o caráter contestatório apontado no axioma. Assim, vieram à tona discursividades que protestaram sobre o fato do tema ser atribuído a ideologia de esquerda; discursividades que (d)enunciaram a falta de envolvimento da sociedade e de intelectuais com a emergência do problema social abordado no exame;

além de discursividades que rechaçaram a atribuição do tema a agenda de interesses do governo vigente.

Já nos dizeres que não qualificam a escolha do tema da mulher para a edição do Enem de 2015, identifica-se o propósito de denunciar a atitude panfletária do governo ao difundir temas caros à esquerda. Além disso, em tom acusatório, há uma generalização do comportamento da esquerda, materializado pela abordagem do exame nacional no Enem de 2015 e nas posturas dos chamados esquerdistas diante o tema proposto. Em um cenário político favorável a determinadas ideias, a dissimulação seria fundamental para que os candidatos obtivessem êxito na avaliação. Dessas percepções, obtivemos o axioma 04: *“Os dizeres que não qualificam o tema da mulher como abordado no Enem revelam-se ideologicamente filiados ao discurso da denúncia”*.

Nos enunciados-operadores analisados nessa seção do trabalho, pude perceber que a denúncia passa por considerar a construção social da mulher – abordada na questão objetiva que trouxe um fragmento da obra de Simone de Beauvoir – e a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira – tema da redação – ideias associadas a fim de propor a milhões de candidatos sua inscrição em pautas de agenda feminista. No entanto, é importante considerar que a questão objetiva fez uma interpelação ao candidato acerca de um pensamento que existiu histórica e filosoficamente, portanto estaria no rol de possíveis questionamentos aos candidatos, e que, independentemente, a persistência da violência contra a mulher é um problema social sobre o qual deve haver reflexão.

As semelhanças de tópicos identificados nas recorrências levantadas na macroanálise permitiram a seleção de enunciados que revelaram discursividades que construíram e reforçaram estereótipos de um comportamento de esquerda, apontado nos textos como desprezíveis e dignos de ironia; discursividades que caracterizaram a abordagem da temática da mulher, na questão objetiva e na redação, conjuntamente, como atitude acintosa do governo; além de discursividades que apontaram para a inevitável dissimulação de muitos candidatos para atender à expectativa de corretores que agiriam movidos por apelo à ideologia de esquerda na correção dos textos.

Na terceira e última das três regularidades, objetivei mostrar como se comportam discursividades e apagamentos de temas relativos à pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade brasileira em abordagens que qualificam a temática e em abordagens que não a qualificam. Observei um contraste na expressão das tomadas de posição das IES nos textos de

opinião no que diz respeito a essa regularidade, pois ora se percebe como objetivo do texto a crítica à manutenção de práticas sociais que tornam a mulher vulnerável a discriminações e ora o objetivo do texto consiste em enfatizar o viés doutrinário do exame nacional, muitas vezes, apagando a situação de vulnerabilidade da mulher na sociedade contemporânea, conforme comprovam dados apresentados no próprio exame.

Em dizeres que qualificam a abordagem do tema da mulher como ocorre na edição do Enem de 2015, é nítida a inscrição das IES em um discurso de proposta de reação da sociedade à diferença que ainda se estabelece entre homens e mulheres, com vistas a problematizar a desigualdade de gênero e a construir uma outra realidade no que se refere à percepção de gênero na sociedade brasileira. Tal problematização e, ainda, propostas de intervenção identificadas nos enunciados-operadores analisados revelam-se, em síntese, no axioma 05: *“Os dizeres que qualificam o tema da mulher como abordado no Enem pertencem ao campo discursivo da crítica à manutenção do status quo”*.

Nos enunciados-operadores analisados nessa seção, pode-se perceber a discussão acerca da urgente necessidade dos brasileiros, mas, principalmente das mulheres brasileiras, de se unirem para a reflexão sobre as posturas conservadoras, que refletem resistência a outros cenários que se delineiam na sociedade. Essa resistência pode ser identificada em discursividades que (d)enunciam uma proposta de silenciamento, forjada em argumentações que, de alguma maneira, desqualificaram o exame. As discursividades que revelaram necessidade de resistência, em tom de ironia, criticaram posturas machistas e aquelas que não valorizaram o tema no exame nacional e, além disso, propuseram a manifestação efetiva em torno do tema, a fim de que uma mudança em prol da igualdade de gêneros realmente se estabeleça.

As percepções levantadas a partir da análise dos enunciados-operadores destacam as relações parafrásticas que permitiram verificar a síntese das percepções em um axioma. Assim, entre as discursividades que permitiram a descrição dos movimentos enunciativos acerca de escritas e apagamentos no que concerne à pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea, foram levantadas neste trabalho discursividades que criticaram posicionamentos que não referendaram a problematização da mulher na sociedade atual; discursividades que, atravessadas pela ironia, combateram a naturalização da violência, além de discursividades que propõem e impõem as mulheres a assumirem uma postura engajada.

Em dizeres que não qualificam a escolha do tema da mulher na edição do Enem de 2015, observam-se regularidades discursivas pautadas na denúncia de que o exame, em vez de avaliar de forma isenta e imparcial, difunde uma ideologia de esquerda e não cumpre o papel educacional a que se propõe. Os dizeres acerca desse fato revelaram, nas análises das recorrências, alguns apagamentos, como a ausência de discussão sobre o papel social da mulher, sobre a persistência da violência em relação às mulheres e sobre a pertinência de um tema como esse ser levado à problematização de milhões de jovens. Além disso, desvelou-se uma insatisfação e o desejo de apagamento do pensamento de Simone de Beauvoir, filósofa do século XX, cujas percepções marcaram historicamente aspectos da evolução do pensamento ocidental. Das análises das recorrências, obtivemos o axioma 06: *“Os dizeres de textos que não qualificam o tema da mulher como abordado no Enem pertencem ao domínio discursivo da desqualificação do exame nacional e do apagamento da discussão sobre o lugar social da mulher”*.

Foi possível perceber nos enunciados-operadores analisados nessa seção do trabalho que, recorrentemente, a proposta de um exame em que se verifique a neutralidade revela uma insatisfação e uma denúncia de parcialidade na avaliação. Embora a manutenção de uma realidade não seja observada como ideológica nessas discursividades – apenas sua desestabilização – verifiquei uma preocupação com a ideologia maior que a preocupação com um problema social sério, que persiste e se intensifica na sociedade, que adentra o século XXI com números cada vez maiores de casos desse tipo de violência, como já mostrava a proposta de redação do exame.

Os movimentos parafrásticos identificados nos enunciados-operadores revelaram discursividades que sustentaram interesses ideológicos na avaliação; discursividades que propuseram uma avaliação ideologicamente neutra, em que se não propusessem problematizações de tal ordem; além de discursividades que apagaram a relevância do tema e possíveis formas de abordá-lo pela, então, proposta de neutralidade.

Como professora da educação básica, espero que este trabalho contribua para que todos nós, dotados da capacidade de leitura discursiva, percebamos os sentidos que se sobressaem a estratégias argumentativas. Após a retomada de aspectos da análise, concluo este trabalho com a expectativa de que ele possa ajudar leitores de todos os campos de conhecimento a buscarem nos discursos seus propósitos ideológicos, avaliando a pertinência

dos argumentos que sustentam seus interesses de qualificação ou de desqualificação sem perder de vistas a promoção da cidadania.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO NETTO, M. I. *Novas Tecnologias na Discursividade do Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa*. Uberlândia: PPGEL/ILEEL/UFU. Dissertação de mestrado. 2012.
- FERNANDES, C. & SANTOS, J. B. C.(orgs). *Análise do discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: Editora Entremeios, 2004.
- FIGUEIRA, L. F. B. *Atravessamentos polêmicos em estudos literários*. Uberlândia: PPGEL/ILEEL/UFU. Dissertação de mestrado. 2007.
- FRANÇA, T. M. *Os sentidos do “dízimo” no jornal “Folha Universal”*. Uberlândia: PPGEL/ILEEL/UFU. Dissertação de mestrado. 2009.
- GUILHERME, M. F. F. *Competência oral-emunciativa em língua estrangeira (inglês): fronteiras e limites*. São Paulo: LAELE/PUC-SP. Tese de Doutorado. 2008.
- PÊCHEUX M. *O Discurso – Estrutura ou Acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Análise Automática do discurso*. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-162.
- \_\_\_\_\_. *Análise do discurso três épocas*. (1983). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 311-319.
- PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. (org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5ª ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- SANTOS, J. B. C. *A Instância Emunciativa Sujeitucional*. In: Santos, J. B. C. (org.) *Sujeito e subjetividade – Discursividades contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU. Série Linguística in Focus, 2009. p. 73-90
- \_\_\_\_\_. *Entremeios da Análise do Discurso com a Linguística Aplicada*. In: FERNANDES, C. A. e SANTOS, J. B. C. (orgs.) *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz. 2007. p. 187-206.
- \_\_\_\_\_. *Dispositivo Matricial de Regularidades (Relações Descritivas)* In: SANTOS, J. B. C. *Funcionamentos Discursivos*. (no prelo)
- SZYNBORSKA, W. *Poemas*. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 77-78.

## **APÊNDICE**



## APÊNDICE

### Matriz 01

#### A violência natural contra as mulheres e a administração da ignorância

Márcia Tiburi para a revista Cult (Novembro de 2015)

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	M01- SD1 “Dias atrás, jovens brasileiros escreveram sobre “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, tema da redação do ENEM/2015. O assunto é dos mais importantes no contexto da naturalização da violência contra as mulheres. Essa violência que se tornou uma constante cultural e que é assunto de todos. Não há no Brasil mulher que não tenha sofrido violência, que não tenha alguma mulher na família ou não conheça quem tenha sofrido violência. Não há quem não seja ou não conheça um sujeito ativo da violência contra as mulheres.”	O artigo tem início referendando a escolha do tema da redação do Enem 2015, já que o considera um dos mais importantes para discussão em sociedade. As expressões “naturalização da violência contra as mulheres”, “constante cultural” e “sujeito ativo da violência contra as mulheres” ratificam a ideia de persistência presente no tema: “ A persistência da violência contra a mulher”.	A importância atribuída ao tema passa, na perspectiva da IES, pela observação da nossa contemporaneidade. Sendo, portanto, a violência contra a mulher um “assunto de todos”. Ao ampliar o alcance do tema nessa expressão, observa-se a alusão à polêmica sobre o tema da redação ter viés de esquerda.  As percepções da IES revelam-se em assertivas seguras de uma IES que observa a mulher enquanto vítima da cultura machista da sociedade brasileira.
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia	M01- SD2 “Na mesma prova, jovens do Brasil todo responderam questões de filosofia envolvendo filósofos como Hobbes e Nietzsche.  Entre esses nomes, Simone de Beauvoir causou espanto a alguns. Políticos fascistas e oportunistas (os mesmos de sempre e alguns novos que se reúnem ao coro que cospe no rosto infantil da democracia brasileira) aproveitaram o momento para destilar	Hobbes, defensor do governo monárquico inglês, e Nietzsche, filósofo niilista, foram citados como exemplificação para aqueles autores que, quando presentes na prova, não sofrem críticas da mídia por comporem a prova do Enem. A autora, nesses exemplos, aponta	O viés ideológico, para a IES, emergiu de um fragmento de uma obra da filósofa francesa no exame nacional. Aproveitando disso, políticos repudiaram o pensamento da filósofa e manifestaram seu desejo de estabelecer limites às discussões propostas nas avaliações nacionais. Esse controle é criticado no momento em que a IES desperta a memória de uma,

	seu veneno ideológico fazendo moções contra Beauvoir (como os vereadores de Campinas!) ou falando asneiras vergonhosas na imprensa em geral – imprensa, aliás, que lhes dá todo apoio, da qual são, em muitos sentidos, os donos.”	para a intolerância em relação a temáticas que não são da agenda de determinado grupo de interesses. A crítica se manifesta aos “políticos fascistas oportunistas” e, também, à mídia que lhes dá apoio.	ainda frágil, democracia brasileira. A imprensa não se estabelece favorável a temas que contemplam a diversidade de pensamento, tendo em vista que o comportamento de políticos “fascistas e oportunistas” são difundidos por ela; também porque, como seus donos (em sentido amplo), defendem seus interesses.
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	M01- SD3 “O machismo estrutural é análogo ao fascismo, ambos fundados na ode à ignorância. O machismo exacerbado e espetacularizado (esse que grita contra as mulheres como gritam os fascistas contra quem eles odeiam) é a continuação do machismo estrutural. A violência simbólica e física contra as mulheres tem tudo a ver com isso. Ela está autorizada na cultura da desfaçatez machista cujos sacerdotes atuais são os administradores da ignorância, que espargem em sua cusparada ideológica a naturalização da violência.”	Machismo estrutural e fascismo são fundados na ignorância. Logo, pela interpretação silogística, o fascista não se mobiliza pelo fim do machismo. Além disso, por questões ideológicas, se, para a IES, estes detêm os veículos midiáticos, eles disseminam suas crenças tornando a cultura machista alicerce social.	Mais uma vez a IES reforça seus argumentos pelo interdiscurso com a cultura machista, contundente com a preservação da ignorância garantida pela mídia, que contribui mantendo a diferença instituída entre homens, mulheres. A causa da persistência, para a IES, está na administração do pensamento da sociedade brasileira pela cultura de massa, que resguarda a violência contra a mulher ao ignorar agressões de toda ordem, acabando por naturalizá-las.

Matriz 02			
Ideologia no Enem			
Hélio Schwartzman para a Folha de São Paulo (outubro de 2015)			
Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	M02- SD1 “Há algum exagero na acusação de que o governo transformou o Enem numa prova doutrinária, que só aprova candidatos com bons conhecimentos de marxismo-leninismo. Deve-se reconhecer, porém, que o exame, notadamente a parte de ciências humanas, dá generoso espaço a tópicos e autores caros à esquerda. Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos.”	Na SD1, observa-se que “algum exagero” e a oração adjetiva que compõe o primeiro período antecipam a crítica em tom irônico que se arrolará nos parágrafos seguintes. A seguir, em referência ao Enem, as expressões “dá generoso espaço” e “perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas” observam-se informalidades que suscitam dúvidas no leitor quanto à seriedade do exame, já que facilmente poderia ser identificado seu objetivo doutrinário, o qual se observa usando “critérios bem frouxos”.	A ideia apresentada inicialmente, “um pouco de exagero”, embora pareça paradoxal, revela-se como ironia, pois os enunciados mostram a percepção do excesso de ideologia de esquerda nas questões que selecionam os candidatos. Desse modo, o tema da redação justifica-se pelo propósito doutrinário, pois os candidatos teriam de mostrar “bons conhecimentos de marxismo-leninismo” para, portanto, obterem um bom desempenho na avaliação. Nota-se aqui a aproximação dos temas da prova às ideologias de Marx e Lenin, provocando uma relação entre o exame e a propagação do pensamento comunista, desestabilizando, por conseguinte, sua credibilidade enquanto avaliação nacional.
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a	M02- SD2 “Admitindo um toque de cinismo, eu diria até que o viés ideológico da prova é útil para os candidatos, já que, em caso de emergência, podem recorrer a cálculos mentais de segunda ordem: na	A SD2 apresenta a expressão “cálculos mentais de segunda ordem” como a possibilidade de o	O tom jocoso percebido pelo cinismo confessado na SD2 remete, mais uma vez, à falta de responsabilidade do exame com a seleção de jovens melhor

ideologia	dúvida entre duas alternativas, opte sempre pela que tem a resposta mais ‘esquerdista’, pois é maior a chance de que seja essa a que consta como correta no gabarito.”	candidato poder recorrer a uma estratégia para conseguir o acerto na questão: buscar pela ideologia de esquerda.	preparados para a universidade, tendo em vista a possibilidade de se acertar uma questão apenas por identificação ideológica com a “prova doutrinária”.
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	M02- SD3 “Seria muito melhor, porém, que o Inep, o instituto que elabora a prova, buscasse ativamente uma certa neutralidade ideológica no conjunto das questões. Por mais pantanoso e traiçoeiro que seja esse terreno – a rigor, a neutralidade é menos do que uma quimera –, vale a pena procurar um equilíbrio no ‘pedigree’ dos autores citados justamente para que o exame não seja acusado de ser uma peça de propaganda. O compromisso do Inep não deve ser com correntes de pensamento, mas sim com a qualidade e a reputação da prova.”	A palavra “pedigree” marcou as diferenças ideológicas perceptíveis na prova. Essa escolha lexical revela a divisão, a separação de tipos de autores pela identificação com a direita ou a esquerda, e não com o que pensam ou propõem.  Já a construção sintática de “o compromisso do Inep não deve ser com correntes de pensamento, mas sim com a qualidade e a reputação da prova.” leva à conclusão de que o Inep tem compromisso com tais correntes, e não com “a qualidade e a reputação da prova”. A negativa “não deve” em contraposição ao par conjuntivo “Mas sim” reforça a ideia de que o exame visa propaganda política e não cumpre com sua principal função.	A SD3 aponta a busca pela neutralidade como solução para que o exame não seja acusado de “peça de propaganda”. Essa neutralidade seria alcançada pelo equilíbrio ideológico dos autores citados. No entanto, se, em um terço da prova de ciências humanas, observou-se viés ideológico de esquerda, nos outros dois terços nota-se a percepção de que houve neutralidade ou de que houve tendência a outra ideologia. Sendo assim, instaura-se uma contradição: ou o equilíbrio já existe ou a neutralidade é possível e dispensa a divisão das questões entre as ideologias dos autores. A última assertiva da sequência acusa e adverte indiretamente a conduta do Inep quanto à credibilidade do exame nacional, que estaria sendo peça de propaganda para os ideais políticos de determinado grupo.

**Matriz 03**

**Enem 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”**

**Márcia Pinna Raspanti para o site *historiahoje.com* (outubro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	<p>M03- SD1 “O tema da redação do Enem deste ano foi ‘A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’. Isso é um grande avanço, pois, levou sete milhões de estudantes a parar para pensar cuidadosamente no assunto e organizar suas ideias em um texto. Acho que já passou da hora de tratarmos da violência (sexual ou não) contra a mulher com a seriedade que ela merece. É preciso combater as ideias e tradições que incentivam a inferiorização do sexo feminino.”</p> <p>M03- SD2 “A mulher sempre foi vista como objeto do desejo na maioria das culturas e, em pleno século XXI, ainda não conseguimos nos desvencilhar dessa amarra.”</p> <p>M03- SD3 “Lutamos contra séculos de inferiorização e dominação. Não é uma batalha fácil, mas não podemos mais nos acovardar e esperar que as coisas melhorem por si.”</p>	<p>Na SD1 apresenta-se o apoio ao tema da mulher no Enem e, ainda, expõe uma crítica: o fato de ter passado da hora de o tema ser discutido na sociedade brasileira. A palavra “cuidadosamente”, nesta sequência, revela que o candidato deve dirigir-se atenta e ponderadamente para o tema a fim de atingir um bom desempenho no exame. Na SD2, as expressões “sempre foi vista” e “em pleno século século XXI” mostram-se em contraste temporal, mas revelam manutenção do <i>status quo</i>, apesar disso. Na SD3, “lutamos”, “batalha” e “acovardamos” pertencem ao campo lexical da resistência, do empenho à promoção da mudança.</p>	<p>A justificativa para a temática da mulher no exame apresenta-se claramente na SD1: “combater as ideias e tradições que incentivam a inferiorização do sexo feminino” e vem seguida de dois argumentos, nas SD2 e SD3: o fato de a mulher não conseguir se livrar do estigma de objeto de desejo e a necessidade de reação à inferiorização e dominação que dura anos. A partir dessas sequência, nota-se que a temática no exame nacional, ao levar sete milhões de candidatos a refletirem sobre a violência, contribuiu para a percepção da sociedade para a mudança de paradigmas seculares que persistem ainda no século XXI. A temática da mulher no exame nacional mostra-se, aqui, como uma possibilidade de resistência, tendo em vista o papel da educação, ou ainda, da reflexão para mudanças na sociedade.</p>

<p>A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia</p>	<p>M03- SD4 “As mulheres devem se mobilizar, independente de suas posições ou simpatias políticas, para combater esse mal. E sensibilizar os homens em relação ao problema, mostrando que uma ‘inocente’ brincadeira ou ironia é ofensiva, nos incomoda e serve para minimizar a seriedade deste tipo de crime.”</p> <p>M03- SD5 Lutamos contra séculos de inferiorização e dominação. Não é batalha fácil, mas não podemos mais nos acovardar e esperar que as coisas melhorem por si.</p>	<p>Mais uma vez, o campo semântico dos termos “mobilizar”, “combater” e “crime” remetem à resistência. As aspas indicam que não há inocência nas brincadeiras, mas preservação da cultura machista, a qual deve ser combatida. Além disso, a SD evidencia a necessidade de uma postura engajada e crítica das mulheres em relação a práticas de alguns homens, as quais podem suavizar a gravidade de abordagens ofensivas.</p>	<p>Nesta SD, fica evidente a tentativa de se desvincular a discussão do tema de posicionamentos políticos. O mal a ser combatido é a violência contra a mulher e, por isso, a postura a se tomar diante discussões relacionadas a essa questão não deve levar em conta qualquer afinidade político-ideológicas. A SD mostra que há maneiras de se ocultar a agressão, a violência (físicas ou não), promovendo as ofensas a brincadeiras; entretanto, na ressalva, observamos a advertência às mulheres, que também devem estar vigilantes a manipulações discursivas amistosas, pelo viés da descontração.</p>
<p>Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea</p>	<p>M03- SD6 “Para a historiadora Mary del Priore, as mulheres devem liderar esta movimentação. ‘Precisamos de uma mobilização que agrupe grupos de mães, feministas, profissionais organizadas em sindicatos, vereadoras e deputadas, professoras e estudantes, religiosas, enfim, de mulheres de todos os segmentos para dizer, diariamente, não à violência; e para pressionar, sem tréguas e por todos os meios, as autoridades. Mulheres dispostas a lembrar-lhes, incansavelmente, que qualquer forma de constrangimento físico viola um valor sagrado de nossa sociedade: a integridade do indivíduo’, destaca”</p>	<p>Em “grupos de mães, feministas, profissionais organizadas em sindicatos, vereadoras e deputadas, professoras e estudantes, religiosas, enfim, de mulheres de todos os segmentos”, nota-se a necessidade do engajamento de todas as mulheres. Os termos “diariamente”, “sem tréguas” e “incansavelmente” indicam a necessidade da constância, da persistência para que mudanças possam ser</p>	<p>Os dizeres de Mary del Priori, nessa SD, representam uma interdiscursividade que reforça a defesa da luta pelo fim da violência contra as mulheres. A defesa do argumento da liderança das mulheres na luta pela não-violência é reforçado pela ideia de que mulheres com ideais, religiões, posicionamentos políticos, lugares sociais diferentes devem se unir para que se instaure a mudança na sociedade. Somente pela perseverança e pela busca por direitos por diferentes meios é possível ver a mulher liberta do preconceito e da violência. O interdiscurso religioso, ao atribuir valor de sagrado à integridade do</p>

		observadas na sociedade.	indivíduo, persuade, independentemente da religião daquele que é interpelado pelo discurso.
--	--	--------------------------	--

**Matriz 04**

**A ideologia do Enem: como a esquerda reagiria se fosse o contrário?**

**Rodrigo Constantino para o *site* rodrigoconstantino.com (outubro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	M04- SD1 “O tema da redação da prova do Enem desse ano, sobre feminismo, ganhou as redes sociais. Muita gente aplaudindo, muito ‘intelectual’ celebrando, muito artista engajado comemorando. Todos, claro, apelando para o monopólio da virtude, como se somente feministas defendessem as mulheres ou condenassem o machismo e a agressão às mulheres. Nada mais falso.”	A expressão “sobre feminismo” foi empregada no texto para indicar o tema da redação do Enem, embora o tema tenha sido “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Os pronomes indefinidos muita/muito e todos, na sequência em que se manifestam, revelam uma percepção de gradação daqueles que apelam para “o monopólio da virtude” e se identificam como feministas. As aspas na palavra intelectual indicam um deslocamento de sentido que, no contexto em que se apresenta, pode ser compreendida como ironia.	Conforme a exposição no texto, para a IES, demonstrar apoio ao tema da redação do Enem 2015 é apelar para o monopólio da virtude, é ser feminista, além de considerar que pessoas que não são feministas não defendam as mulheres e condenam o machismo. Observa-se que a adesão às discussões sobre a violência contra a mulher na sociedade atual traz consigo, de acordo com o texto, outras posturas ideológicas. A rivalidade é instaurada e, depois, desconstruída por um posicionamento que é posto em contradição por aquele que não sendo feminista defende as mulheres e condena o machismo. As aspas na palavra intelectual coloca em evidência a necessidade de problematização da intelectualidade atribuída àquele que, considerado um intelectual, celebra o tema da redação.
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação	M04- SD2 “As coisas andam tão bizarras em nosso país que até um esquerdista como Netinho de Paula veio comemorar a escolha (do tema),	As palavras esquerda e esquerdista, na SD2, foram usadas para desqualificar o	Os fragmentos das SD3 e SD4 revelam que a crítica ao tema acontece porque este é posto como uma das situações no Enem que



<p>com a ideologia</p>	<p>ele que foi processado por ter batido na própria mulher. Quando apontaram para a incoerência, ele se defendeu alegando ser vítima de racismo. É o que a esquerda costuma fazer sempre.”</p> <p>M04- SD3 “Mas a redação inspirada na pensadora feminista não foi tudo. O Enem contou com várias outras questões com claro viés esquerdista, como uma envolvendo Simone de Beauvoir, e aquela absurda em que a globalização é responsabilizada pela perda de empregos.”</p> <p>M04- SD4 “Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos.”</p> <p>M04- SD5 “Ora, o que ele queria, socialismo nas contas de matemática? Comunismo nas questões de física? Feminismo nas fórmulas químicas? Parece um tanto complicado, não é mesmo? O que está mais do que evidente é o fato de que onde é possível, a esquerda enfia doutrinação ideológica na prova. Isso está claro, é conhecido e notório, e os alunos esclarecidos já vão para a prova preparados para mentir. Se quiserem tirar notas boas precisam “esquerdar”, ou seja, bancar o boboca por algumas horas.”</p>	<p>posicionamento de pessoas que apoiaram a escolha do tema da redação. Em “até um esquerdista como Netinho de Paula”, a força expressiva recai sobre a relação entre a atitude de violência praticada pelo cantor e seu posicionamento político, de esquerda. O mesmo ocorre em “é o que a esquerda costuma fazer”.</p> <p>Na SD3, observa-se que - se o tema da redação não foi tudo, e que a prova contou com várias outras questões com claro viés esquerdista, - o tema da redação é de viés esquerdista. A expressão “inspirada na pensadora feminista” é uma percepção individual, tendo em vista que a inspiração não se revela na proposta, mas dados reais e atuais sobre a violência contra a mulher. As SD4 e 5 evidenciam uma tentativa de denúncia da doutrinação ideológica no Enem. A ironia pode ser observada tanto pela expressão “conexões neuronais esquerdistas nos</p>	<p>reforçam o proselitismo no exame. Se o tema da redação, conforme a SD4, é capaz de disparar conexões neuronais esquerdistas nos candidatos, o texto revela uma incoerência, tendo em vista que, conforme o primeiro parágrafo, “nada mais falso” que pensar que somente esquerdistas defendem as mulheres ou condenem o machismo e a violência contra as mulheres. Nas sequências apresentadas, observa-se ironia na desqualificação do exame e do tema da redação do Enem. “Esquerdar” ou “bancar o boboca por algumas horas”, conforme a SD5, é, por exemplo, no caso da redação do Enem - já que este também dispararia “conexões neuronais esquerdistas” – discutir a persistência da violência contra a mulher, respeitando os direitos humanos. A palavra persistência no tema da redação não abriria espaço para os candidatos argumentarem sobre a presença ou não da violência contra a mulher, mas, o candidato deveria reconhecer a violência como um problema social da sociedade brasileira. Sendo assim, conforme o texto, “bancar o boboca” é dissimular, os candidatos deveriam ir “preparados para mentir”, se quisessem obter sucesso na redação ou nas questões objetivas do exame.</p>
------------------------	--	---	---

		candidatos” como pelas perguntas retóricas apresentadas com a finalidade de persuasão do leitor.	
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	<p>M04- SD6 “O que o educado Schwartzman não parece notar é que a reação da mesma esquerda seria completamente histórica se fosse o contrário, se um governo liberal ou conservador adotasse um viés tão evidente na prova.”</p> <p>M04- SD7 “O viés ideológico do Enem não deveria ser suavizado. Não devemos fazer pouco caso disso, pois é absurdo, vem aumentando e faz parte de uma estratégia deliberada de doutrinação ideológica inspirada em Gramsci. A hegemonia cultural é uma meta evidente da esquerda totalitária, e ela não admite o contraditório, a busca da neutralidade, a imparcialidade como meta.”</p> <p>M04- SD8 “Nivaldo Cordeiro gravou um vídeo de desabafo sobre a escolha da autora comunista para a redação do Enem, lembrando que ela e seu amante Sartre eram propagandistas dos mais nefastos regimes da época, aqueles que trucidavam minorias dissidentes.”</p> <p>M04- SD9 “A ideologia do Enem, portanto, não deve ser tratada como coisa menor por nós, como algo normal, banalizado. Aceitamos calados por tempo demais esse controle cultural e educacional por parte da esquerda revolucionária, e o estrago está aí, bem visível para quem quiser</p>	<p>Na SD6, observa-se a crítica ao viés ideológico do exame, em “a reação da mesma esquerda seria completamente histórica se fosse o contrário”, tem-se que as mesmas pessoas que aprovam as temáticas do exame de 2015 seriam completamente históricas, caso acontecesse de a direita difundir suas ideologias, em “um viés tão evidente”. As SD7 e SD9 trazem a certeza de doutrinação no exame e a caracterização de tal postura como “absurda” e parte da “estratégia deliberada” inspirada em Gramsci. Desse modo, “o estrago” da esquerda revolucionária que difunde sua ideologia no Enem estaria visível.</p> <p>Se, conforme o texto, fora o tema da redação, 14 perguntas “usando critérios bem frouxos” poderiam “disparar, ainda que levemente, conexões</p>	<p>A SD6 revela a presença de um ideal de discurso neutro, tendo em vista que o apagamento de temas de esquerda não faria emergir temas de qualquer outro viés ideológico. A histeria completa sugerida como reação da esquerda a uma situação semelhante também, nesse contexto, justifica o protesto de um representante da direita, conforme o texto, contrária às temáticas apresentadas no exame. Na SD7 e na SD9, fica nítida a representação da esquerda como totalitária e a possibilidade um exame imparcial e neutro ideologicamente, ainda que não se considere que a seleção e os apagamentos fazem parte de posturas ideológicas. A hegemonia cultural pela doutrinação ideológica, desse modo, tem como uma ferramenta a seleção e afunilamento das discussões no exame nacional. Na SD8, há escolhas lexicais como “comunista”, “amante”, “propagandista”, “nefastos” e “trucidavam” com forte carga semântica que visa a desqualificar a autora e, no contexto em que se apresentam, servem à identificação que pode se estabelecer entre o</p>

	<p>ver.”</p> <p>M04- SD10 “Chega de tanta doutrinação nas escolas, nas universidades e nas provas do Enem. Esse tipo de coisa tem sérias consequências para o país.”</p>	<p>neurais esquerdistas nos candidatos”, ter como meta o contraditório, a busca pela neutralidade e a imparcialidade seria o abandono de determinadas temáticas, como a do tema da redação do Enem.</p> <p>Na SD8, SD9 e SD10, as expressões “escolha da autora comunista para a redação do Enem”, “seu amante Sartre”, “eram propagandistas dos mais nefastos regimes da época, aqueles que trucidavam minorias dissidentes” revelam um léxico que desqualifica a escolha da autora, assim como “comunista”, “amante”, “controle cultural e educacional” e “esse tipo de coisa” para uma sociedade conservadora, apagando a historicidade e a relevância para os estudos de gênero no século XX.</p>	<p>exame e a ideologia difundida no Enem e os eventos descritos no texto, a fim de desqualificar o Enem. O recorte para a descrição de Sartre e Simone não contempla seus projetos nas áreas da filosofia e antropologia, e reforça seus posicionamentos políticos de esquerda, valorizando a tese do viés ideológico e os riscos de suas ideias, enquanto “propagandistas” do regime comunista, virem à tona na sociedade brasileira. Essa percepção se mostra como um alerta para as “sérias consequências” para o país, conforme a SD10. Na SD10, existe a manifestação do temor de a doutrinação, ou “esse tipo de coisa”, gerar consequências caso não haja uma intervenção da sociedade.</p>
--	--	---	--

**Matriz 05**

**A redação do Enem e o papel das empresas para o fim da violência contra a mulher**

**Margaret Groff para o site [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br) (novembro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	<p>M05- SD1 “Houve outras perigosas e dolorosas reprovações ao tema e, portanto, por extensão, contrárias às conquistas da mulher nas últimas décadas. O lado positivo é que a maioria dos professores e estudantes aprovou o tema, considerado atual, já que a violência contra a mulher é, infelizmente, uma prática da qual ainda não conseguimos nos livrar.</p> <p>Outro fator positivo é que a redação exigiu do aluno uma posição favorável à mulher, já que seria simplesmente impensável alguém defender a violência.</p> <p>E, assim, 6 milhões de jovens, pelo menos, pararam para pensar na situação da mulher brasileira. Ponto para o Enem.”</p>	<p>Na SD 1, “outras perigosas e dolorosas reprovações” refere-se à citação do protesto de um deputado nas redes sociais. Os adjetivos que caracterizam as reprovações tornam claro o posicionamento a ser exposto ao longo do texto. Em “a maioria dos professores e estudantes aprovou o tema”, tem-se a interdiscursividade com o argumento de autoridade a fim de ressaltar a importância da proposta. Além disso, se defender a violência é algo “impensável”, não há por que para a polêmica que se instaurou na mídia brasileira. O interdiscurso manifesta-se mais uma vez como um atravessamento ideológico.</p>	<p>A SD1 mostra que a reprovação ao tema proposto na redação do Enem é, por consequência, favorável ao discurso machista, que não permite as conquistas das mulheres no que diz respeito à libertação das limitações impostas ao gênero. Levar mais de seis milhões à reflexão sobre o tema é valorizado no texto, principalmente em razão de a proposta exigir do candidato posição favorável à emancipação da mulher, o que se pôde observar em situações de confronto ao Inep, que teria permitido tal abordagem no exame em questão. A justificativa para o tema consta no fato de nós, sociedade do século XXI, ainda não termos conseguidos superar a violência contra os direitos das mulheres. Assim, conforme o texto, levar jovens à reflexão sobre esse tema do cotidiano é algo que valoriza, enobrece a proposta do exame nacional.</p>
A temática da mulher no	M05- SD2 “Parece incrível, mas a reação conservadora de certos setores	A expressão “parece incrível” revela a	O texto se manifesta como contrário a qualquer discurso que

Enem 2015 e sua relação com a ideologia	<p>da política e da sociedade brasileira pode e tenta prejudicar a secular luta das mulheres por equidade de gênero.</p> <p>A redação deste último Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que teve como tema ‘A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’, provocou alguns disparates, como a manifestação de um deputado nas redes sociais, dizendo que a teoria de gênero é ‘um fétido cadáver, que já deveria estar sepultado’.”</p>	<p>indignação no que tange à reações contrárias à luta “secular” das mulheres pela igualdade de gênero. As manifestações contrárias são tidas como “disparates”, justificadas como tais com citações como, por exemplo, a fala do deputado: “teoria de gênero é ‘um fétido cadáver, que já deveria estar sepultado’”. A afirmativa do deputado mostra sua expectativa pelo abandono de discussões acerca do tema abordado no Enem.</p>	<p>se manifeste contrário ao tema proposto para discussão no Enem 2015. Propor ou ironizar o tema é absurdo e tal atitude é problematizada no texto a partir de justificativas como o fato de reações contrárias atrapalharem uma luta que é secular. A citação do deputado federal pastor Marco Feliciano (PSC-SP), escolhida para a exemplificação do disparate, revela a questão político ideológico se sobrepondo à problematização de uma questão social histórica do Brasil, que é a violência contra a mulher.</p>
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	<p>M05- SD3 “A realidade é que o Brasil ocupa o 121º lugar no ranking de participação das mulheres na política. No mercado de trabalho, elas recebem o equivalente a 70% do que ganham os homens. E apenas oito em cada cem profissionais de alto escalão nas companhias são do sexo feminino.”</p> <p>M05- SD4 “Os jovens que fizeram o Enem logo estarão às portas das empresas para buscar uma oportunidade de trabalho. E será que ali encontrarão um ambiente onde haja mais equidade entre homens e mulheres profissionais?”</p>	<p>Os números relacionados à posição no ranking de participação da mulher na política e ao percentual relativo ao que ganham os homens no mercado de trabalho justificam, a partir de uma descrição objetiva, a emergência da discussão. A abordagem pelo viés da objetividade afasta a discussão de questões políticas e ideológicas aproxima-a de um problema social a ser combatido pela sociedade brasileira.</p>	<p>A SD3 mostra uma constatação a partir de dados que revelam a desvalorização da mulher no mercado de trabalho e a SD4 a necessidade de uma proposta de intervenção para que a realidade não permaneça tal como está, pois esses mesmos estudantes se deparariam, nesse caso, após o término dos estudos acadêmicos, com uma realidade como a que descreveram e problematizaram nas redações.</p>

**Matriz 06**

**Há um erro grave no Enem deste ano – mas ele não tem nada a ver com feminismo**

**Leandro Narloch para o *site* <http://veja.abril.com.br> (outubro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	M06- SD1 “Muita gente reclamou da dose de feminismo do Enem de 2015. Não costumo concordar com a maioria das feministas, mas nesse caso não vi nada errado. O tema da redação foi violência doméstica – não é preciso ser feminista para reconhecer a relevância desse problema.”	“Muita gente” é uma expressão generalizante da SD1, mas que logo é caracterizada como um grupo de feministas. O termo traz consigo uma carga semântica política, a qual não é, costumeiramente, apoiada pela IES. A “dose de feminismo” tende a ser neutralizada quando se reconhece a relevância do problema, embora a expressão remeta a ironia ou desqualificação do exame.	O texto inicia uma abordagem generalizante que põe em xeque a seriedade do exame, tendo em vista que, na expressão “dose de feminismo”, há princípios ideológicos que afastam o exame de seu propósito. Feminismo não é um termo relacionado a práticas educacionais ou previsto nas diretrizes e bases da educação, por exemplo. E embora outros termos que dessem conta do respeito e direito a igualdade das mulheres pudessem ter sido referenciados no texto foram silenciados. Além disso, sob o pretexto de criticar a “dose de feminismo”, chama atenção para a percepção que, de fato, acaba divulgando.
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia	M06- SD2 “O problema do Enem não foi o toque de feminismo, mas o habitual anticapitalismo. Uma questão, inspirada no geógrafo Milton Santos, está evidentemente errada.”	Em SD2, “toque de feminismo” reforça a expressão “dose de feminismo”, presente na SD1. As palavras “dose” e “toque” distanciam o exame de sua seriedade e objetividade e a palavra “feminismo” remete a doutrinação de esquerda,	Observa-se que, em um momento de repercussão polêmica após o Enem 2015, utilizou-se da temática da mulher a fim de introduzir a crítica que, realmente, se evidenciaria como propósito no texto: ao anticapitalismo. Sendo assim, a problematização da temática da mulher foi pretexto para trazer à tona uma outra

		tendo em vista o imaginário político em torno da palavra e as ideias que se apresentam, a seguir, no texto.	discussão, a qual também tinha como objetivo desqualificar o exame.
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	<p>M06- SD3 “Além da redação, uma questão reproduzia o seguinte trecho de Simone de Beauvoir:</p> <p><i>Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.</i> (...) Os alunos não precisavam concordar com a frase, apenas assinalar qual movimento a ideia acima inspirou nos anos 1960 (resposta certa: ‘igualdade de gênero’; fácil). Dando um desconto para a primeira frase (é claro que várias pessoas nascem mulheres) e à definição de mulher como um ‘macho castrado’ (se eu usasse essa definição me chamariam de machista, misógino e opressor), o trecho de Simone de Beauvoir não é de todo ruim. Mesmo o mais adepto da evolução natural como forma de explicar o comportamento humano há de concordar que a biologia escreve parte do livro – que é completado pela cultura e pelas relações sociais.”</p> <p>M06- SD4 Uma questão, inspirada no geógrafo Milton Santos, está evidentemente errada. Deveria render processos de estudantes pedindo sua anulação. (...) A resposta E, a correta segundo o Enem, é risível. Não, globalização não provoca desemprego – provoca prosperidade.</p>	Na SD3, “Além da” tem valor de soma, ou seja, o feminismo se manifestou na redação e na questão que trouxe o fragmento de um texto de Simone de Beauvoir, o qual foi reproduzido para a discussão com vistas a interpretações, as quais reforçam a escolha como propósito de difundir ideologia de esquerda. Na interpretação, usa-se “dando um desconto”, expressão que remete a uma situação muito mais emblemática, que será apresentada: o fato de a mulher ser definida como “macho castrado”, o que não ocorre no fragmento da filósofa. As ponderações entre parênteses são ressalvas para o leitor sobre a prática da “patrulha” de esquerda. Apesar do “desconto” a partes do fragmento, reconhece-se que o trecho “não é de todo ruim”, já que se reconhece a influência da	O texto apresenta dois fragmentos do exame, o trecho do texto de Simone de Beauvoir e a questão relacionada ao tema da globalização. Os três primeiros parágrafos, dedicados à questão do feminismo na prova, expõem, respectivamente, a introdução do tema, o fragmento do texto da filósofa e a interpretação desse fragmento, o qual está clara a crítica ao viés ideológico e a desqualificação da escolha do tema e da autora para a prova. Do quarto parágrafo em diante, há a ressalva de que o feminismo ainda não foi problema, tendo em vista que os alunos tinham que se posicionar sobre a globalização em uma questão objetiva e que a alternativa correta estaria errada quanto a outras possíveis interpretações do tema. A sugestão de anulação da questão, apresentada no artigo, não cabe, uma vez que o enunciado propõe que o candidato interprete o fragmento, e não explicita sua visão particular de globalização. Assim, por dois vieses distintos, houve a aproximação do exame a propaganda ideológica de esquerda e distanciamento do compromisso em avaliar imparcial e seriamente o

		cultura e de relações sociais no comportamento humano.	ensino médio brasileiro e possibilitar o acesso, de forma justa confiável e competente, às universidades públicas federais ou promovendo academicamente os estudantes nas formas previstas pelo Inep.
--	--	--	---



**Matriz 07**

**Parabéns, atingimos a burrice máxima**

**Eliane Brum para o site <http://brasil.elpais.com> (novembro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	M07- SD1 “Como sugeriu o crítico de cinema Inácio Araújo em seu blog, se defender que a mulher tenha o direito de andar sem ser perturbada, agredida e chutada é tema de esquerda, isso só pode significar que a direita vai muito mal.”	A oração conformativa que inicia o período apresenta os dizeres de Inácio de Araújo como significativa na argumentação que começa a ser desenvolvida no texto: o distanciamento necessário do tema da redação do Enem 2015 de ideias político-ideológicas.	De acordo com o texto, defender a mulher da violência não pode ser postura apenas de pessoas que se manifestam de esquerda. O fato de a voz de Inácio Araújo ser trazida ao texto, “a direita vai muito mal”, revela coincidência entre os dois posicionamentos, ou seja, crítica à direita que, caso promova e/ou tolere esse tipo de violência, vai mal. A justificativa, implícita no fragmento, diz respeito à necessidade de defesa dos direitos básicos das mulheres.
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia	M07- SD2 “Como o tema da redação do ENEM era ‘a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’, houve gente que estudou em colégios caros afirmando que este era um tema de esquerda, e portanto um sinal inequívoco de uma conspiração ideológica por parte do governo federal.” M07- SD3 “Compreender o confronto atual como um confronto entre direita e esquerda, desenvolvimentistas e ecologistas, governistas e oposicionistas, machistas e feministas é, segundo ela, uma redução. O	O texto traz a voz de quem estudou em “colégios caros” como aquela que, também, propaga a conspiração ideológica do governo federal. Ao usar a oração conclusiva, mostra que, se esses falam, portanto constitui um imaginário inequívoco. O objetivo das ideias manifestadas na SD2 ficam mais claras na SD3, quando os dizeres de Márcia Tiburi,	A IES alude a pessoas que estudaram em colégios caros como aquelas capazes de propagar a lucidez, porém logo fica evidente para o leitor que a ironia está no fato de os colégios caros, restritos a uma parte restrita parcela da população, difundir a ideologia criticada ao longo do texto. A conspiração a que texto faz referência diz respeito a inúmeras manifestações de que o tema da mulher no exame nacional fez parte de conspiração ideológica. A redução explicitada na SD3 reflete

	confronto atual seria mais profundo e também mais dramático: entre os que pensam e os que não pensam.”	na obra discutida no artigo, permite que o leitor perceba a ironia, na separação, não pela perspectiva da ideologia, mas simplesmente entre os que pensam e os que não pensam.	a percepção de que a leitura dos questionamentos não reflete quaisquer questões ideológicas, mas de forma jocosa, a capacidade ou não de pensar das pessoas que se manifestaram. Ser contrário às discussões de gênero na contemporaneidade reflete, assim, distanciamento da capacidade crítica, por limitações das faculdades mentais.
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	<p>M07- SD4 “O que acontece com a fogueira de Simone de Beauvoir num contexto em que aqueles que a jogaram no fogo possivelmente sequer a leram? Que restos dos discursos vazios sobre a filósofa permanecerão na memória de uma população que não tem seus livros na estante e que tipo de eco produzirão?”</p> <p>M07- SD5 “Episódios semelhantes à “moção de repúdio” à Simone de Beauvoir ocorriam esporadicamente em rincões afastados, e logo eram ridicularizados. Hoje, acontecem na Câmara de Vereadores de uma das maiores e mais ricas cidades do estado de São Paulo, no sudeste do Brasil, uma cidade que abriga várias universidades, entre elas a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), uma das mais respeitadas do país. E cadê os intelectuais? Rindo dos burros nas cantinas universitárias?”</p>	<p>Em “jogaram no fogo” remete à situação de crítica e desqualificação ao pensamento da filósofa e à escolha de um fragmento de seus textos para uma questão do exame. A citação de lugares políticos e discursivos elencados pelo suposto desenvolvimento, “câmara dos vereadores”, “sudeste do Brasil”, “universidades” sinalizam para as perguntas retóricas ao final da SD5, as quais revelam a massificação dos discursos e a falta de resistência de parte daqueles que poderiam coibir o escárnio.</p>	No texto percebe-se intolerância com a postura de intelectuais que permitiram os “discursos vazios sobre a filósofa” que ecoarão na memórias das pessoas que presenciaram o episódio. A indignação acontece pois o comportamento que poderia ser observado em locais distantes do conhecimento e do progresso, em “rincões afastados”, hoje se observa em locais de onde saem as leis e o conhecimento científico. A descrição do episódio, além do caráter expositivo, persuade, argumenta, mostrando que, se os intelectuais não se manifestarem, a ignorância ocupará todos os lugares, levando ao estado de completa desorientação, sugerida pelo título do artigo.

**Matriz 08**

**O boi de piranha do Enem**

**Miguel Nagib para o site <http://veja.abril.com.br> (outubro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	<p>M08- SD1 “No último domingo, enquanto milhares de pessoas denunciavam o despudorado viés ideológico das questões do Enem, o músico Roger Moreira chamava a atenção, no Twitter, para um problema ainda mais grave e preocupante: ‘Ganham zero [as] ideias que desrespeitem os direitos humanos. Ué? Não é prova de redação? Ou é controle do pensamento?’”</p> <p>M08- SD2 “No fim das contas, Simone de Beauvoir era apenas o boi de piranha do Enem. Aguardemos para ver se o Ministério Público Federal vai tomar alguma providência contra mais essa afronta à Constituição perpetrada pelo governo petista.”</p>	<p>Na SD1, o “despudorado viés ideológico” no Enem de 2015 só é menos revoltante, para a IES (em conformidade com Roger Moreira), que serem atribuídas notas zero a ideias que desrespeitem direitos humanos. As perguntas retóricas ao final da SD1 levam à conclusão de que o critério de respeito aos direitos humanos seja uma forma controle de pensamento.</p> <p>A expressão metafórica boi de piranha” (SD2) indica que a filósofa francesa sofreu expiação, já que se instalou, na mídia, logo após o domingo de exame, uma polêmica em torno de seu pensamento, bem como em torno da ideologia feminista que teria sido difundida no exame nacional.</p>	<p>As sequências apresentadas mostram que, nesse texto, a temática da violência contra a mulher no Enem 2015 foi embasada na difusão de ideologia da esquerda petista (SD2), o que seria ultrajante à constituição, tendo em vista a relativização levantada sobre os direitos humanos. Essa relativização aponta para o desconhecimento do manual do candidato, que já trazia o desrespeito aos direitos humanos como uma das situações para a atribuição da nota zero à redação, desde edições anteriores. Nesse caso, especialmente, causa desconforto o fato de a seleção do candidato passar pela sua postura sociopolítica.</p> <p>De acordo com a SD2, o governo petista afronta recorrentemente a constituição, de modo que a expectativa é a de que o MP se manifeste favorável às denúncias ao viés ideológico no Enem de 2015.</p>

<p>A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia</p>	<p>M08- SD3 “Ora, nenhum dos candidatos pode ser punido ou beneficiado por possuir ou expressar sua opinião. Ninguém pode ser obrigado a dizer o que não pensa para poder entrar numa universidade.”</p> <p>M08- SD4 “Para piorar a situação, os candidatos e os corretores das provas não estão familiarizados com a legislação brasileira sobre direitos humanos – o que de resto não é exigido pelo INEP. Assim, o mais provável é que todos considerem como ‘direitos humanos’ um punhado de clichês politicamente corretos consagrados na academia e nos meios de comunicação. É o que sugere aliás o INEP, ao falar vagamente em ‘cidadania, solidariedade e diversidade cultural’, expressões que remetem de forma inequívoca ao discurso da esquerda. Este ano, mais de 7 milhões de estudantes tiveram de escrever uma redação sobre a violência contra a mulher na sociedade brasileira. Cuidava-se, é claro, de uma provocação ideológica, e é de supor-se que muitos candidatos tenham ficado temerosos de expressar seu pensamento.”</p>	<p>A SD3, tal como foi construída, leva à interpretação de que os candidatos ao Enem 2015 foram beneficiados ou punidos exclusivamente pelas opiniões que expressaram no texto. Embora esse não fosse o único critério avaliado, houve um apagamento dos outros critérios pela IES, assim como um apagamento dos direitos humanos que poderiam ser considerados para a construção do texto e da relevância do tema na atualidade.</p> <p>Nos dizeres “Para piorar a situação” a IES mostrar seu interesse em delatar para o leitor o caos instalado na avaliação nacional, cuja magnitude se manifesta na SD4 (sete milhões de candidatos).</p> <p>Na SD4, fica clara a aproximação do tema à pauta de esquerda e não de toda a sociedade brasileira. A expressão “clichês politicamente corretos” remete a uma formação imaginária construída pelas discursividades sobre os</p>	<p>A IES, além de desqualificar a proposta de redação, desqualifica o Inep e os corretores das redações, uma vez que julga que se embasarão em um “punhado” de clichês sobre o que ouviram no ambiente acadêmico e no midiático para a atribuição das notas. Seu posicionamento político fica claro à medida que levanta o dualismo direita/esquerda. Ironizar a última com a expressão “clichês politicamente corretos”, por exemplo, é manifestar-se contra a esquerda e colocar-se noutro lugar de identificação. A proposta sobre a persistência da violência contra a mulher a um número expressivo de candidatos se revelou para a IES uma provocação ideológica da esquerda, tendo em vista a limitação que se apresentou, ao se chamar atenção no enunciado, para a nota zero quando se desrespeitassem os direitos humanos. Desse modo, para IES, candidatos que não se simpatizem (ou não dissimulem simpatizar) com a esquerda podem se prejudicar, pois poderiam desrespeitar a orientação da proposta. Ser “politicamente correto” remete, no imaginário popular - já que esta é uma expressão informal da oralidade -, a neutralidade em relação às diferenças raciais, sexistas, religiosos, entre outros. No texto, é</p>
--	---	---	---

		dizeres da esquerda, conforme anunciado pela IES, que também tece críticas à superficialidade das conceituações do Inep.	uma posição “clichê”, que deve ser considerada pelos avaliadores, por isso surge a necessidade de dissimulação. A ênfase do argumento recai, ironicamente, na esperteza do candidato para o bom desempenho no exame.
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	<p>M08- SD5 “Basta pensar no possível desfecho das seguintes situações: o candidato A sustenta, em sua redação, que a proibição do aborto é uma forma de violência contra as mulheres; e apresenta como proposta de intervenção a descriminalização dessa prática. Já o candidato B relativiza o problema da violência contra as mulheres; identifica, entre suas causas, o comportamento das próprias mulheres; e propõe como solução a mudança desse comportamento.</p> <p>Como serão corrigidas essas redações? Se a legislação brasileira fosse aplicada, o candidato A deveria receber zero, pois a Convenção Americana sobre Direitos Humanos estabelece que o direito à vida deve ser protegido pela lei “desde o momento da concepção”. Mas, se prevalecerem os clichês do politicamente correto, não só isso não vai acontecer, como quem pode acabar levando zero é o candidato B, embora sua proposta de intervenção não desrespeite a legislação relativa aos direitos humanos.” Ora, nenhum dos candidatos pode ser punido ou beneficiado por possuir ou expressar</p>	A IES apresenta duas situações a fim de corroborar com seus argumentos sobre as questões ideológicas que perpassam a elaboração da redação do Enem. No entanto, não se observa espelhamento ou paralelismo entre elas. Na primeira situação, a IES poderia ter mostrado que o candidato A sustenta, em sua redação, a manutenção da proibição do aborto e apresentar uma proposta de intervenção que respeitasse os direitos humanos, o que não passaria pela responsabilização exclusiva da mãe, conforme se anuncia na segunda situação. O problema do aborto, para o candidato B, não é uma questão social, mas provocada pelo comportamento da mulher, logo a violência	A argumentação se estabeleceu por imagens simbólicas de dois comportamentos conflituosos do ponto de vista ideológico. Porém, a aproximação com vistas a justificar a nota zero pelo critério do respeito aos direitos humanos foi formulada sob uma ótica falaciosa, conforme descrevemos nesta matriz. A acusação da IES de o Enem ser um “imenso filtro ideológico” que fere a liberdade de consciência dos candidatos torna patente a ideologia dominante de apagamento das questões de gênero e naturalização da violência contra a mulher. O interdiscurso jurídico é trazido à argumentação com vistas a promover estabilização dos discursos relacionados à mulher na sociedade contemporânea: a lei diz, assim se faz (mesmo irrefletidamente). A manutenção do <i>status quo</i> se manifesta também no apagamento do filtro ideológico, inevitavelmente, imposto. A IES manifesta como sua maior preocupação que a ideologia na abordagem do tema da redação provoque danos acadêmicos aos candidatos, tendo em vista a

	<p>sua opinião. Ninguém pode ser obrigado a dizer o que não pensa para poder entrar numa universidade. O exemplo demonstra, em todo caso, que, além de ferir a liberdade de consciência e de crença dos candidatos, a exigência do INEP, na prática, transforma a prova de redação do Enem num imenso filtro ideológico de acesso ao ensino superior.</p> <p>No fim das contas, Simone de Beauvoir era apenas o boi de piranha do Enem.</p>	<p>contra ela deve ser relativizada. Para o candidato B, há uma justificativa para a violência contra a mulher: seu comportamento, e, para a IES, não há desrespeito à legislação, tendo em vista a possível relativização dessa violência. Se o candidato A propõe como intervenção a descriminalização da violência, não receberia zero, pois a descriminalização passaria pela reformulação da lei.</p>	<p>fragilidade da definição de direitos humanos. As apresentações dos posicionamentos dos candidatos no fragmento explicitam a insatisfação como tema problematizado na prova. O texto não contempla, porém, a perspectiva ideológica possível de ser avaliada (questionada) em qualquer exame, como em um vestibular estadual, por exemplo, a partir de qualquer tema proposto.</p>
--	---	--	--

**Matriz 09**

**“Há resistência de admitir a violência específica contra a mulher”, diz pesquisadora**

**Michele Escoura em entrevista para o *site* <http://educacao.estadao.com.br> (novembro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	<p>M09- SD1 “Eu fiquei muito feliz. No início do ano, a presença dos termos de gênero nos planos municipais e estaduais de Educação transformou o tema em uma grande polêmica e as menções foram retiradas. Menções a essa preocupação já existiam há muito tempo em orientações curriculares, sem que houvesse polêmica. Mesmo assim, nenhuma política havia sido colocada de maneira forte nesse sentido. As políticas nunca deram muita importância para isso. Mas como, hoje em dia quem de fato pauta a currículo é o Enem, é uma transformação. Por mais que haja as diretrizes curriculares, as escolas se pautam muito mais pelo Enem, os professores direcionam as aulas partindo dos pressupostos do que vai cair na prova.”</p> <p>M09- SD2 “De alguma forma, falar sobre isso ainda é considerado uma militância mesmo. Porque boa parte das reações contrárias, inclusive dos adolescentes, é de desmerecimento da questão. O que mais se ouve é que o ‘homem também morre’. Quando houve a aprovação da Lei Maria da</p>	<p>Ao ser questionada por Paulo Saldaña sobre o que achou da escolha do tema da redação, a pesquisadora Michele Escoura manifesta-se primeiramente de forma subjetiva, e logo justifica sua opinião, apresentando a percepção de uma polêmica: a da retirada das menções sobre gênero dos planos municipais e estaduais de educação. Ainda na SD1, observa-se a relação entre a abordagem do currículo e os temas pertinentes ao Enem. A opção pela oração concessiva, revela a força do exame nacional, ainda que haja diretrizes curriculares.</p> <p>Na SD2, há argumentos que visam a comprovar a assertiva inicial, de que falar sobre o tema é considerado “militância mesmo”, a pesquisadora</p>	<p>Observa-se que o atravessamento discursivo do conhecimento sustenta a argumentação da pesquisadora, que revela satisfeita com a proposta do tema da redação tendo em vista a necessidade de desnaturalizar a violência contra a mulher na sociedade brasileira. A observação de que o Enem orienta a prática de professores nas salas de aula de todo o Brasil sinaliza que o tema polêmico da redação não deverá ser esquecido, apesar de, naquele mesmo ano, menções sobre questões relacionadas a identidade de gênero tivessem sido retiradas dos planos municipais e estaduais. Na SD2, há uma tentativa de explicação para que a muitas pessoas ainda considerem militância falar sobre a violência contra a mulher. Os exemplos trazidos para o textos são interdiscursividades que remontam às práticas sociais de preservação da naturalização da violência por um processo de apagamento. Devido à manutenção da cultura sexista, observa-se, ainda no século XXI, a dificuldade de se</p>

	<p>Penha, falavam em tom de brincadeira que faltava uma ‘Lei João da Penha’. O problema é que existe uma hierarquia de gêneros muito naturalizada na sociedade. Ainda existe muita resistência de admitir uma violência específica contra a mulher, uma violência específica de gênero.”</p>	<p>reconhece essa tendência, que será explicada a seguir. A presença do discurso direto na fala da pesquisadora aproxima o leitor de uma situação real, na qual se identifica a depreciação da desigualdade entre gêneros.</p>	<p>reconhecer a diferença de gênero e a consequente violência contra a mulher.</p>
<p>A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia</p>	<p>M09- SD3 “Todos os dados que o Enem colocou como subsídio para que o candidato escrevesse a redação estão para comprovar que existe uma questão por trás. Falar sobre isso ainda requer algumas posturas políticas, que não necessariamente passa pela esquerda. Muitos debates femininas vêm de liberais dos Estados Unidos.”</p> <p>M09- SD4 “Nos Estado Unidos, o movimento feminista sempre esteve acima de qualquer posição política e econômica. Você encontra discussões de liberais e socialistas sobre o mesmo tema. Já na França, o feminismo esteve sim mais associado ao socialismo. A própria Simone de Beauvoir era uma militante socialista. Mas, no contexto desta semana, com o Enem, a discussão acabou se confundindo com a instabilidade do governo federal por causa da institucionalidade que tem o Enem, exame realizado pelo Ministério da Educação. De alguma forma, acabou-se entrando na dança das polaridades da política brasileira. O que, no final das contas, é uma grande</p>	<p>O pronome indefinido “todos”, na SD3, atribui irrevogável pertinência à discussão proposta ao candidato. Já o pronome em “algumas posturas políticas” apresenta o posicionamento do candidato como postura política, independente de ser ou não postura política de esquerda. A SD4 apresenta a maneira como o movimento feminista é interpretado de forma diferente em dois países: Estados Unidos, em que não existe relação como ideais socialistas, e França, em que está associado ao movimento socialista. De forma que a polaridade no Brasil se justificou principalmente pelo acirramento no contexto político.</p>	<p>A IES revela a necessidade de se discutir o tema proposto tendo em vista textos de apoio que apresentaram objetivamente o problema. Além disso, a IES distancia a abordagem do tema de um posicionamento de esquerda, aludindo à polêmica de doutrinação ideológica no exame nacional, já que as posturas políticas se revelarão, independente de serem ou não de esquerda. Observa-se na SD4 uma discursividade regulada pela objetividade da revelada pela observação de fatos históricos, os quais contribuem para a percepção de que relacionar ou não o tema da mulher com o socialismo ou a esquerda não é regra. Desse modo, a IES recorre a exemplos de situações diferentes e ressalta que é possível desvincular o assunto de questões políticas e que a polarização política denegou a relevância da temática pelo fato de o exame ser realizado pelo governo federal.</p>



	falsidade. A reivindicação dos direitos das mulheres ultrapassa qualquer posicionamento político e econômico.”		
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	<p>M09- SD5 “As escolas não estão separadas do que a sociedade pensa. O muro da escola é alto, mas não bloqueia tudo. A escola não é um espaço imparcial, acima da sociedade. Muito pelo contrário, são as mesmas pessoas da sociedade que circulam na escola. Se você não faz um tipo de ação de política pública para combater a desigualdade, é certo de que todos os estereótipos da sociedade vão estar na escola. Principalmente porque você tem uma questão séria na formação de professores. Eles saem da universidade sem discutir as questões de gênero e os reflexos desse tema. E quando não tem política pública intencional, é lógico que vai acabar se perpetuando dentro da escola as visões e estereótipos da sociedade.”</p> <p>M09- SD6 “Pensando na conjuntura dos planos municipais e estaduais, em que se retirou as questões de gênero, o Estado brasileiro está se desresponsabilizando de fazer qualquer ação de igualdade de gênero dentro das escolas.”</p> <p>M09- SD7 “Tenho a impressão de que existem grupos que têm misturado questões morais com política, religião com política. E são grupos muito diversos. Muitos grupos religiosos tentam normatizar a moral, por meio do poder legislativo, partindo do</p>	<p>A SD5 apresenta o substantivo muro relacionado ao limite de espaço, mas não de pensamento. De forma simplificada, por meio de comparação, a IES sintetiza o argumento de que a escola reflete a sociedade e vice-versa. A causa apresentada nessa SD para os estereótipos sociais está relacionada à formação de professores, que, muitas vezes, não saem preparados da universidade para discutir questões de gênero nas escolas. Na SD6, a IES trás para a reflexão as consequências da retirada das questões de gênero dos planos municipais e estaduais, reforçando, assim, os argumentos apresentados na SD5. A SD7, introduzida por uma expressão subjetiva “tenho a impressão”, traz como interdiscurso a laicidade do estado, a qual deveria distanciar ideologias religiosas da educação dos brasileiros. No entanto, grupos</p>	<p>Essa discursividade aponta para um equívoco, o de que a escola está de alguma maneira imune a questões ideológicas de determinada sociedade. A preservação da desigualdade e a dificuldade de se reconhecerem as diferenças entre os gêneros ocorrem, principalmente, porque há falhas na formação de professores e, conseqüentemente, na relação que se estabelece com o tema nas escolas, já que, desse modo, perpetuam-se as visões e os estereótipos da sociedade. A IES atribui, assim, o reconhecimento da violência contra a mulher à educação e jovens e adultos. Ainda d(enunciando) as causas da dificuldade de se perceber a violência relacionada ao gênero, a SD6 atribui ao estado responsabilidade pela manutenção dos estereótipos. Na SD7, a IES considera a existência de grupos religiosos que tentam normatizar a moral pelo poder legislativo, apesar do estado laico. Dessa forma, impedem que discussões que resvalam em seus valores sejam temas de debate nas escolas, universalizando, assim, suas concepções, a despeito do que é educacionalmente ou socialmente melhor para a extinção das</p>

	pressuposto da própria moral. É uma tentativa de universalizar suas próprias concepções, como a de família, por exemplo.”	religiosos reverberam sua moral em textos reguladores da prática docente.	diferenças de gênero e do preconceito.
--	---	---	--

**Matriz 10**

**Meninas, bicicletai seios nus!**

**Reinaldo Azevedo para o site [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br) (novembro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	<p>M10- SD1 “Começo pedindo perdão aos decepcionados por eu não ceder esta coluna a uma mulher. Meu feminismo não deixa. Quando a <b>Folha</b> me contratou, entendi que não era em razão de eu ser dotado daquilo a que o ex-ministro do Supremo Ayres Britto, em veredito já célebre, chamou um ‘plus, um bônus, um regalo da natureza’. (...) E, bem, pedindo as devidas vênias, entendo que mulheres são mais do que homens sem ‘plus’. Sem contar que constituem a minha melhor hipótese de regalo específico mesmo quando me interesse por suas ideias.”</p> <p>M10-SD2 “A recente prova do Enem levou o tema do feminismo para a redação. Uma das questões citava Simone de Beauvoir como referência do movimento – ainda que ela tenha sido de um servilismo a Sartre às vezes constrangedor, até quando ia pra cama com outros homens. Estava lá: ‘Ninguém nasce mulher, torna-se mulher’.”</p>	<p>Na SD1, apresenta-se uma justificativa para que a coluna não seja cedida a uma mulher. A sequência traz argumentos que sustentam tal afirmativa: não é o sexo masculino que torna a IES apta à produção do texto, a ocupar o espaço na coluna, mas sua capacidade intelectual. O atravessamento do discurso de Ayres Brito se justifica pela sequência conclusiva de que as mulheres “são mais que homens sem plus”, já que proporcionam regalo, prazer, contentamento.”</p> <p>Na SD2, percebe-se a desqualificação da escolha do texto de Simone de Beauvoir para o exame nacional à medida que apresenta o discurso da filósofa incoerente com as experiências de vida que</p>	<p>Ao discursivizar sobre as diferenças entre os sexos, percebe-se que a IES manifesta uma percepção intelectual e outra cultural de percepção de gênero. No caso da intelectual, não haveria diferenças: o espaço para a produção de artigos no jornal não se deve ao fato de se ter ou não o órgão reprodutor masculino, mas pela capacidade de exercer sua função com sucesso. A percepção cultural de que a mulher ocupa um lugar de não equidade se revela no momento em que elas constituem “melhor hipótese de regalo específico”, mesmo quando há interesse por “suas ideias” - aqui, as ideias são das mulheres, ou sob a égide da perspectiva feminina, configurando, assim, uma contradição. Apontando uma posição de subserviência de Simone de Beauvoir em relação a Sartre, a SD2 é atravessado pelo interdiscurso da moralidade machista ao trazer à luz sua possível relação com outros homens como neutralizadora de</p>

		se diz que ela teve.	seus dizeres.
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia	M10- SD3 “As novas esquerdas ou as ‘feminázis’ não inovam nesse particular. Nas suas táticas, há sempre a inspiração de um bigodudo ou de um bigodinho homicidas – machos, é preciso dizer.”	O pronome anafórico “nesse” retoma [recorrer a uma falácia se for por uma "boa causa"]. As escolhas lexicais “feminázis”, “táticas”, “de um bigodudo ou de um bigodinho homicidas” e “machos” revelam visão estrategista de homens que usam do movimento para a difusão de uma ideologia.	Na SD3, a IES manifesta sua percepção de que por trás das ideias das feministas, há inspirações de homens, corroborando as discursividades que atribuem fragilidade à intelectualidade da mulher. A desqualificação de pautas feministas por consequência contribuem para a construção da crítica à escolha do tema para o Exame Nacional do Ensino Médio.
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	M10- SD4 “Nunca me ocorreu que também minhas opiniões tivessem pênis, mas não descarto essa possibilidade por uma questão de rigor intelectual. Confesso, no entanto, que parece estranho procurar a vagina dos textos de Hannah Arendt, de Ayn Rand, de Safo de Lesbos –nesse caso, então, pra quê?” M10- SD5 “A verdade profunda dessa sentença se revela assim: "Ninguém nasce homem, torna-se homem". No mais, encerro: ‘Vós que levais tantas raças/ Nos corpos firmes e crus:/ Meninas, soltai as alças/ Bicicletai seios nus!’.”	A SD4 apresenta uma percepção da IES de que, por seu “rigor intelectual”, suas ideias tivessem pênis. O pênis estaria então relacionado à capacidade produtiva, intelectual. A confissão revela o atravessamento discursivo machista, da fragilidade relacionada a vagina e a ironia ao desconsiderar o órgão sexual feminino em Safo de Lesbos. A SD5 reforça a construção cultural do homem, interessado, portanto, na sensualidade feminina, tendo em vista o arremate com os versos do poema de Vinicius de Moraes.	O contraponto apresentado entre pênis e vagina reforça a separação cultural existente entre os sexos. Apesar de, no início do texto, as ideias não terem sexo, aqui, as ideias podem ter se se considerar o rigor com que elas se apresentam. A escolha por Hannah Arendt, Ayn Rand e Safo de Lesbos evidenciam que, pela força enunciativa de seus dizeres, seria estranho procurar a fragilidade representada pela vagina nos textos produzidos por elas. Na SD5, atendendo à força da condição de homem, construído em sociedade, a IES recorre aos imperativos às mulheres, para que mostrem para o seu “regalo” os seios nus. Observa-se, ao longo do artigo, que a construção social da mulher e as diferenças de gênero são naturalizadas.

**Matriz 11**

**Sobre o ENEM e a tal Ideologia de Gênero**

**Cassia R. Gonçalves para o site [www.revistaforum.com.br](http://www.revistaforum.com.br) (outubro de 2016)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	<p>M11 – SD1 “Como mulher, muito pouco me vi representada nos conteúdos que aprendi na escola. Nos livros didáticos, me lembro, sempre aparecia no papel de mãe, de filha ou de esposa. Sempre vinculada a profissões consideradas secundárias e/ou femininas, o que para muitos é a mesma coisa.”</p> <p>M11 – SD2 “A prova do ENEM 2015 foi o resultado de muita luta, muito grito e muito sofrimento. Estamos há tempos aos berros afirmando quantas pessoas são mortas, violentadas, estupradas e são excluídas diariamente no Brasil.”</p> <p>M11 – SD3 “Ser contra a ‘ideologia’ de gênero é ser a favor da desigualdade social, da violência, do silenciamento, do assassinato e da exclusão de pessoas.”</p>	<p>Na SD1, ela se coloca enquanto mulher para, a partir de sua vivência, denunciar a ideologia difundida na Educação brasileira. O advérbio ‘sempre’ revela certeza de que não havia outra percepção de mulher à época em que era estudante. As palavras ‘luta’, ‘grito’, ‘sofrimento’ e ‘berros’ salientam um protesto já desesperado por mudanças. A presença do verbo ser na SD3 traz ao posicionamento dos sujeitos a ideia de inevitabilidade.</p>	<p>A IES se apresenta no artigo como pesquisadora das Ciências Sociais, embora os materiais didáticos em que ela estudou não lhe tivessem mostrado essa possibilidade, já que privilegiavam a mulher esposa ou desempenhando funções específicas. Sendo assim, o tema da redação do Enem em 2015 transgrediu padrões culturais que repercutem na Educação brasileira.</p> <p>A discursividade instaurada na SD3 mostra que a IES, por identificação ou por desidentificação, distingue os papéis sociais dos sujeitos conforme seus posicionamentos acerca da escolha do tema da pertinência da violência contra a mulher na sociedade brasileira para a redação do Enem.</p>
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a	<p>M11 – SD4 “Desde que se começou a polêmica moralista sobre o ensino da “ideologia” de gênero nas escolas, não pude deixar de sentir vergonha alheia. Quem estuda a linguagem, o discurso e a educação, como eu, sabe que o</p>	<p>Em SD4, os adjetivos “moralista” e alheia”, que qualificam, respectivamente, polêmica e vergonha, refletem a posição</p>	<p>A IES, colocando-se na posição de estudiosa da linguagem, do discurso e da educação ressalva que a ideologia está presente em todo material didático, por isso o silenciamento de qualquer tema</p>

ideologia	currículo escolar, os conteúdos ensinados, os livros didáticos e as provas padronizadas – como o ENEM – por serem <b>discursos criados por pessoas</b> são <b>inevitavelmente</b> ideológicos. O que isso quer dizer? Quer dizer que as ciências sociais e humanas nos últimos anos chegaram à conclusão de que imparcialidade e neutralidade científica são as maiores <b>ingenuidades</b> já vividas pela humanidade.	contrária da IES à problematização sobre se discutir ou não gênero na escola. As aspas em ideologia provocam o leitor para a desestabilização dos sentido usual da palavra na expressão, tendo em vista a inevitabilidade da presença da ideologia em qualquer discurso.	também atende a interesses de um grupo. Ao enunciar que a imparcialidade científica e a neutralidade são as maiores ingenuidades vividas pela humanidade, observa-se a justificativa para o fato de sentir “vergonha alheia”, que seria a vergonha que as pessoas que não percebem a ideologia presente nas discursividades e apagamentos, silenciamentos deveriam sentir.
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	M11 – SD5 “Quem estuda a linguagem, o discurso e a escola sabe que há bem mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia. Por exemplo, o currículo escolar é um dos instrumentos que organizam os saberes considerados importantes de serem estudados pelos alunos em idade escolar e é o instrumento <b>Fundamental</b> no processo conservação dos conhecimentos historicamente acumulados, isto é, os <b>valores sociais dominantes</b> . Contudo, o que são <i>valores sociais dominantes</i> ? São os valores que por séculos foram tratados como neutros e imparciais. Valores sociais que englobavam e ainda englobam uma lógica masculina, branca, heterossexual, cisgênera e monogâmica.”	A expressão idiomática está presente na SD2 para mostrar que a leitura do discurso neutro é puro, inocente ou ignorante. Para a IES, o currículo preserva valores sociais dominantes, portanto tem caráter ideológico: o de manutenção da cultura que exclui a diferença/os diferentes do padrão normatizador. A palavra “conservação”, no contexto em que se insere, alude a uma memória discursiva que, para a IES, precisa ser superada na educação.	O atravessamento discursivo pela IES nessa SD provoca a reflexão ao problematizar a leitura superficial do problema em questão. As questões ideológicas, inerentes a toda situação discursiva, ganham saliência na desconstrução da imparcialidade, colocando-a como um silenciamento oportuno à classe dominante. A reflexão sobre o uso da expressão “valores sociais dominantes”, nesse artigo, reforça a necessidade da percepção dos interesses de quem aplaudiu ou rechaçou o tema da violência contra a mulher no Enem, tendo em vista ter sido proposta a discussão de um tema que não está inserido na pauta dos assuntos tradicionais na educação.

**Matriz 12**

**Dilma, a Dona Doida: a redação do Enem e o suposto país de molestadores e estupradores**

**Reinaldo Azevedo para o *site* [www.abril.com.br](http://www.abril.com.br) (janeiro de 2016)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	M12 SD1 “O Brasil está sendo tragado pela demagogia e pela incompetência. Depois de bater um papinho com Aloizio Mercadante, ministro da Educação, a presidente Dilma Rousseff resolveu apelar ao Twitter para tecer comentários sobre a prova de redação do Enem, cujo tema foi ‘a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira’. Importante? Sem dúvida! E fala aqui, além do indivíduo, o pai de duas filhas, o marido e o filho.”	Na SD 1, a locução verbal “está sendo”, que remete ao momento atual, restringe a crítica ao governo da presidenta Dilma. O léxico “demagogia”, “papinho” e apelar ao Twitter” desmerecem o conteúdo das interações e desqualificam o governo em sua capacidade de decidir os caminhos para a educação no país. A resposta à pergunta elaborada apaga a justificativa da relevância do tema da redação.	A IES inicia sua argumentação com a tese de que o governo federal manipula o povo brasileiro ao comentar sobre os casos de violência relatados nos textos dos candidatos e não o deixa perceber os problemas que existem na Educação em seu país. O reconhecimento da relevância do tema é expresso de forma subjetiva e individualista, silenciando a situação da mulher na sociedade atual. Embora deixe claro a preocupação com as mulheres da família, as causas da preocupação e a necessidade se debater o tema são apagadas da discussão.
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia	M12 SD2 “Depois de tecer alguns autoelogios, a governanta mandou ver: ‘Muitas redações preocuparam os avaliadores c/ depoimentos de pessoas que foram assediadas, estupradas ou testemunharam violência’. Pois é... Muitas? Precisamente, houve 55 casos. Vamos fazer algumas contas. Inscreveram-se para fazer a prova 7,7 milhões de pessoas. Não achei o número de mulheres, que costumam ser maioria. Se forem 52%, estamos	Na SD2, após revelar sua interpretação da leitura do que escreveu a presidenta em uma rede social, a IES usa da expressão “mandou ver”, que, nesse contexto, cria expectativa de algo totalmente inesperado. A expressão governanta, substituindo presidenta, revela o distanciamento	Nessa SD, a crítica recai principalmente sobre o discurso da presidenta acerca dos depoimentos de pessoas assediadas, estupradas ou vítimas de violência. A relação estabelecida com os números leva o leitor a interpretar o número como ínfimo, porém, a relação poderia ter sido outra: por exemplo, as situações de catarse em redações de exames anteriores, em comparação a este. É o

	<p>falando de 4 milhões de estudantes.”</p> <p>M12 SD3 “Mas cabe a pergunta: estamos falando de “muitas redações”? O número é de tal sorte pequeno que, infelizmente, a realidade deve ser bem pior do que isso. Inaceitável é que a presidente se pronuncie nesses termos, como se estivéssemos a falar de um país de molestadores e estupradores. Isso não é feminismo, não! É mistificação. O que disse, no entanto, a gestora Dilma Rousseff sobre os 53 mil candidatos que tiraram nota zero na redação? E olhem que alguma coisa aconteceu de 2014 para 2015. No exame anterior, houve 529.374 zeros. Não é preciso ser muito bidu para perceber que houve alguma mudança de critério na correção.”</p>	<p>do trabalho de Dilma com o de um representante de Estado. As perguntas retóricas, seguidas das respostas da própria IES, coloca em relevo, desde o início, sua posição política, e os dados apresentados aproximam sua percepção sobre o pronunciamento a uma objetividade referencial. Na SD3, a IES usa dos termos “molestadores” e “estupradores” para protestar contra o comentário da presidenta sobre os 55 casos. Em “Isso não é feminismo, não!”, a IES coloca a questão sobre a violência contra a mulher como pauta feminista, e não como de emergência no país. Mais uma vez os dados apresentados desqualificam o governo e o Enem, pois a redução do número de zeros nas redações revelariam a tentativa do governo de mascarar a péssima qualidade da educação brasileira na atualidade.</p>	<p>referencial que torna o número representativo ou não. Na SD3, o discurso político demagogico surge como uma maneira de silenciar os problemas educacionais no país. Embora no texto a IES relate saber que o número de pessoas violentadas seja bem maior, não fez reverberar a continuação do comentário da presidenta na rede social, de que a redação propiciou a reflexão não só dos estudantes, mas também em toda a sociedade. Conforme a SD, a presidenta engana, ilude, porque o número de textos de candidatos que relataram situações de violência contra a mulher não foi suficientemente representativo, porque teria havido mascaramento do número de zeros no último ano e também porque os comentários sobre os zeros é que deveriam ser salientados. Nesta SD, há argumentos que justificam a tese apresentada no início do texto. Sendo assim, se o número é irrelevante tendo em vista a quantidade de candidatos e a quantidade de notas zero, o assunto deveria ter sido silenciado e/ou substituído por outro. Essa postura revela que as discussões sobre a violência contra a mulher na sociedade contemporânea não têm de estar entre as prioridades.</p>
Escritas ou apagamentos: discursividades	M12 SD4 Dilma e todos nós temos o dever moral de nos compadecer com as 55 pessoas que fizeram relatos	No M12 SD5, os pares antitéticos “feminismo retórico” / “qualificar	O “feminismo retórico” é, para a IES, discutir a situação atual da mulher no Brasil seja por meio da



acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	<p>pessoais, de lamentar os eventuais abusos ocorridos e, cada um segundo a sua possibilidade, amparar os que sofrem. Mas a presidente e seu ministro se perdem na demagogia quando tratam a extrema exceção como se fosse uma regra e sintoma de uma patologia social.</p> <p>M12 SD5 “É mais fácil ficar exercitando feminismo retórico do que qualificar a educação, não é mesmo? Uma coisa se faz apenas com saliva; a outra requer competência.”</p>	<p>educação” e “saliva” / “competência”</p> <p>apresentados na SD reforçam a falta de capacidade do governo da presidenta, na percepção da IES, de melhorar a educação e sua tentativa de ludibriar a população com apelos emocionais.</p>	<p>proposta do tema da redação ou em pronunciamentos nas da presidenta nas redes sociais. Fazer isso seria mais fácil para a presidenta que melhorar a educação no país, pois isso requer competência, o que os argumentos apresentados no texto revelam não existir na figura de Dilma.</p>
---	---	--	--

**Matriz 13**

**Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites de Feliciano e Gentili**

**Djamila Ribeiro para o *site* [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br) (novembro de 2015)**

Ocorrências	Dizeres	Potencialidades das materialidades	Síntese das percepções
Justificativa para a temática da mulher no Enem 2015	<p>M13 SD1 “Debater temas como violência contra a mulher é importante para a sociedade, há inúmeras pesquisas sérias que comprovam o alto índice de mortes de mulheres por seus companheiros.”</p> <p>M13 SD2 “É urgente que temas como esses sejam debatidos e ensinados, se estão incomodando é porque talvez estejamos no caminho da mudança.”</p>	<p>Na SD1, a IES expõe a necessidade de se discutir o tema da mulher na sociedade brasileira, pois a violência se comprova em pesquisas sérias. A expressão “alto índice”, apesar de não ser comprovada com dados, ancora-se em um saber prévio, instituído socialmente. Na SD2, a expressão “caminho da mudança” remonta à desestabilização da abordagem tradicional do ensino, a qual silencia pautas e debates sobre determinados temas.</p>	<p>Na SD1, o verbo no infinitivo indica a necessidade do debate sobre a violência contra a mulher, apesar de diferentes afinidades políticas, tendo em vista as pesquisas que comprovam que a mulher é vítima, muitas vezes fatal, de seus companheiros. Na SD2, apresentada ao final do artigo, o emprego do verbo na primeira pessoa do plural mostra a percepção da autora de que a defesa do debate do tema passa por questões políticas, já que, ao longo do artigo, mostra discursividades que, alinhadas, resistem a temas que um outro grupo, do qual a IES faria parte, defende como urgentes e necessários dentro das escolas.</p>
A temática da mulher no Enem 2015 e sua relação com a ideologia	<p>M13 SD3 “<a href="#">Marco Feliciano</a>, em sua página de Facebook, desaprovou a questão. Disse se tratar de tentativa de doutrinação e completou: ‘A primeira pergunta apresentado na prova do Enem (<i>sic</i>) deste sábado versa sobre um assunto em que em todas as esferas legislativas de nosso país foi vencida e jogada no lixo, a teoria de gênero, algo que sutilmente tentaram</p>	<p>A IES abre em seu texto espaço para as reações contrárias à temática da mulher no Enem de 2015. Inicia com a posição de Marco Feliciano em uma rede social, que protesta sobre a escolha do tema, já que a discussão sobre a temática de gênero nas</p>	<p>A IES mostra reações de IES contrárias a propostas de discussão sobre persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira e contrárias a textos no exame que apresentem a mulher enquanto gênero construído socialmente - tendo em vista que a questão não pediu o posicionamento do candidato, mas</p>

	<p>nos inculcar de forma sorrateira e rechaçada pelos parlamentares eleitos democraticamente pela maioria da população e que todas as pesquisas apontam como maioria de fé Cristã e conservadora’, opinou. ‘Essa frase da Filósofa Simone de Beauvoir é apenas opinião pessoal da autora, e me parece que a inserção desse texto, uma escolha adrede, artilosa e discrepante do que se tem decidido sobre o que se deve ensinar aos nossos jovens.’</p> <p>O promotor de Justiça de Sorocaba, Jorge Alberto de Oliveira Marun, também sobre Beauvoir escreveu em sua página de Facebook: ‘Exame Nacional-Socialista da Doutrinação Sub-Marxista. Aprendam jovens: mulher não nasce mulher, nasce uma baranga francesa que não toma banho, não usa sutiã e não se depila. Só depois é pervertida pelo capitalismo opressor e se torna mulher que toma banho, usa sutiã e se depila’, escreveu.”</p> <p>M13 SD4 “Já escrevi sobre como o humor não está descolado dos valores da cultura, e o convidado descerebrado de Imbecili, Leo Lins, só comprovou isso ao dizer coisas do tipo: ‘Eu já li que a cada 12 segundos uma mulher sofre violência no Brasil, mas estou escrevendo a redação há 30 e não vi nenhuma apanhando’. ‘Também é preciso ver quem fez a pesquisa... como saber se o sangue é de violência ou ciclo menstrual? Afinal, o sangue que sai de um corpo é o mesmo, não importa o buraco.’”</p>	<p>escolas já foi “vencida e jogada no lixo” pelas “esferas legislativas”, de que é um dos representantes. O fragmento apresenta a sigla Enem escrita de forma errada, revelando desconhecimento sobre o exame. Além disso, o argumento de que o tema vai de encontro à rejeição de parlamentares representantes da “fé cristã e conservadora”, mostra como questões religiosas interferem na educação. A segunda interdiscursividade trazida para o texto, ainda no Facebook, são os dizeres do promotor que abrevia a sigla do Enem, atribuindo ao exame caráter doutrinário. Marun hostiliza a filósofa, seu pensamento e ironiza a crítica ao capitalismo, pelo fato de considerar o exame difusor de ideias socialistas. Finalmente, a repercussão do tema no humor, que, para a IES, reflete “valores de cultura”, comprovados em fragmentos da redação que o humorista</p>	<p>a interpretação de um fragmento da obra de uma filósofa do século XX. As interdiscursividades apontadas evidenciam que a crítica à temática da mulher no exame nacional está diretamente relacionada a questões político-ideológicas e que a acusação de o exame difundir ideias marxistas surge como tentativa de fragilizar o exame, pelo fato de ser uma iniciativa do governo federal. Embora a questão da mulher seja, na sociedade brasileira, uma questão de saúde pública, o assunto, apresentado no exame provocou a ira de muitas pessoas não qualificadas para a discussão de assuntos relacionados a educação. A IES mostra três reações ao tema, a fim de asseverar a necessidade de se refletir sobre o fato de que a violência contra a mulher na atualidade é interpretada pelo viés ideológico e, portanto, não é abordada com vistas a promover segurança e equidade de direitos, como prevê a constituição brasileira. Interesses políticos e religiosos atravessam a problematização, desmerecendo a abordagem do tema e, adiando, assim, a consequente ação conjunta entre a sociedade e os três poderes para reduzir casos apontados pelas pesquisas. Além disso, tais protestos refletem uma tentativa de fragilizar o exame, tirando dele a</p>
--	--	---	--

	M13 SD5 “Tanto Feliciano como Marum podem discordar do pensamento dela, mas que tenham competência crítico-argumentativa para fazê-lo em vez de destilarem machismo e burrice.”	Léo Lins leu no programa do apresentador Danilo Gentili As palavras “descerebrado” e “imbecil”, formada pela fusão de Gentili e imbecil, revelam o protesto da IES à inconsequência do que apresentaram na mídia, pois, além de desqualificar a discussão no exame, banaliza, naturaliza a violência.	capacidade de avaliar de forma justa e responsável os candidatos concluintes do ensino médio e tornando-o um estandarte de promoção de ideologia marxista, que atenderia aos interesses do governo federal.
Escritas ou apagamentos: discursividades acerca da pertinência da reflexão sobre a mulher na sociedade contemporânea	M13 SD5 “O que Beauvoir quis dizer com a frase ‘Não se nasce mulher, torna-se’ não é de difícil entendimento. Explico: ao dizer que ‘não se nasce mulher, torna-se’, a filósofa francesa distingue entre a construção do ‘gênero’ e o ‘sexo dado’ e mostra que não seria possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados. Simples, não é? E faz todo sentido, o ser mulher se impõe; há uma imposição social de como as mulheres devem se comportar.”	Na SD5, a IES visa a desmistificar a frase que foi motivo de ironia na mídia. Em “não é de difícil entendimento” e “simples, não é?!”, observa-se a falta de interesse de entenderem esse fragmento da obra da autora. A explicação, ao final dessa sequência, sintetiza a reflexão, salientando as imposições da sociedade ao gênero.	A descrição pormenorizada dos dizeres da filósofa na SD5 mostra a necessidade de se pensar a educação desvinculada de religião ou posicionamento político. A IES propõe um olhar analítico para a reflexão de Beauvoir. Desse modo, evidencia a pertinência do tema com base na objetividade das pesquisas e nas observações de todas as pessoas, distanciando o assunto do interesse de alguns para o lugar de atenção de toda a sociedade.

## **ANEXOS**

## ANEXOS

### Anexo 1: Questão objetiva que apresentou um fragmento da obra *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir

#### QUESTÃO 42

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a)

- ☐ A ação do Poder Judiciário para criminalizar a violência sexual.
- ☐ B pressão do Poder Legislativo para impedir a dupla jornada de trabalho.
- ☐ C organização de protestos públicos para garantir a igualdade de gênero.
- ☐ D oposição de grupos religiosos para impedir os casamentos homoafetivos.
- ☐ E estabelecimento de políticas governamentais para promover ações afirmativas.

[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/provas/2015/CAD\\_ENEM%202015\\_DIA%201\\_01\\_AZUL.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2015/CAD_ENEM%202015_DIA%201_01_AZUL.pdf)

## Anexo 2: Proposta de redação sobre o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”

### PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa do seu ponto de vista.

#### TEXTO I

Nos 30 anos decorridos entre 1980 e 2010 foram assassinadas no país acima de 92 mil mulheres, 43,7 mil só na última década. O número de mortes nesse período passou de 1.353 para 4.455, que representa um aumento de 230%, mais que triplicando o quantitativo de mulheres vítimas de assassinato no país.

BRASIL. IPEA. *A. Mapa da Violência 2012: Assassinatos de mulheres no Brasil*. Disponível em: [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br). Acesso em: 8 jun. 2015.

#### TEXTO II

##### TIPO DE VIOLÊNCIA RELATADA



BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Balanco 2014. Central de Atendimento à Mulher: Disque 190*. Brasília, 2015. Disponível em: [www.gov.br/pam](http://www.gov.br/pam). Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

#### TEXTO III



Disponível em: [www.cartazantidiscriminacao.org.br](http://www.cartazantidiscriminacao.org.br). Acesso em: 24 jun. 2015 (reprodução).

#### TEXTO IV

##### O IMPACTO EM NÚMEROS

Com base na Lei Maria da Penha, mais de 330 mil processos foram instaurados apenas nos juizados e varas especializadas.

**332.216** processos que envolvem a Lei Maria da Penha chegaram, entre setembro de 2006 e março de 2011, nos 52 juizados e varas especializadas em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher existentes no País. O que resultou em:



**58 mulheres e 2.777** homens enquadrados na Lei Maria da Penha estavam presos no País em dezembro de 2010. Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul não estavam desse levantamento feito pelo Departamento Penitenciário Nacional.



**237 mil** relatos de violência foram feitos ao Ligue 190, serviço telefônico da Secretaria de Políticas para as Mulheres.



**Sete** de cada **dez** vítimas que telefonaram para o Ligue 190 afirmaram ter sido agredidas pelos companheiros.

Fontes: Conselho Nacional da Justiça, Departamento Penitenciário Nacional e Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Disponível em: [www150.com.br](http://www150.com.br). Acesso em: 24 jun. 2015 (adaptado).

#### INSTRUÇÕES:

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Deverá ser lido, em qualquer das situações expostas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada “texto ininteligível”;
- fugir ao tema ou que não atenda ao tipo dissertativo-argumentativo;
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos;
- apresentar parte do texto deliberadamente desconsiderada do tema proposto.

LC - 2º dia | Caderno 7 - AZUL - Página 2

### Anexo 3: Textos de opinião selecionados para a análise proposta neste trabalho

Texto referente à matriz 01

#### A violência natural contra as mulheres e a administração da ignorância

Marcia Tiburi

Dias atrás, jovens brasileiros escreveram sobre “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, tema da redação do ENEM/2015. O assunto é dos mais importantes no contexto da naturalização da violência contra as mulheres. Essa violência que se tornou uma constante cultural e que é assunto de todos. Não há no Brasil mulher que não tenha sofrido violência, que não tenha alguma mulher na família ou não conheça quem tenha sofrido violência. Não há quem não seja ou não conheça um sujeito ativo da violência contra as mulheres.

Na mesma prova, jovens do Brasil todo responderam questões de filosofia envolvendo filósofos como Hobbes e Nietzsche.

Entre esses nomes, Simone de Beauvoir causou espanto a alguns. Políticos fascistas e oportunistas (os mesmos de sempre e alguns novos que se reúnem ao coro que cospe no rosto infantil da democracia brasileira) aproveitaram o momento para destilar seu veneno ideológico fazendo moções contra Beauvoir (como os vereadores de Campinas!) ou falando asneiras vergonhosas na imprensa em geral – imprensa, aliás, que lhes dá todo apoio, da qual são, em muitos sentidos, os donos. Aqui não vou citar nomes, porque, evidentemente, tudo o que querem é também ocupar os nossos espaços. Esses políticos oportunistas sabem que é preciso administrar a ignorância do povo, com a qual lucram. Sabem que é preciso aparecer o tempo todo. O povo que concorda com eles, ou está com o pescoço preso às patas da ignorância administrada, ou, tendo luzes para ver mais longe, opta pela má fé mesmo. (Lembro de uma pessoa que era muito próxima a mim, uma pessoa muito bem formada academicamente, dizendo sobre um dos personagens mais fascistóides da política espetacularizada de nossa época: “X um cara legal”.)

O machismo estrutural é análogo ao fascismo, ambos fundados na ode à ignorância. O machismo exacerbado e espetacularizado (esse que grita contra as mulheres como gritam os fascistas contra quem eles odeiam) é a continuação do machismo estrutural. A violência simbólica e física contra as mulheres tem tudo a ver com isso. Ela está autorizada na cultura da desfaçatez machista cujos sacerdotes atuais são os administradores da ignorância, que espargem em sua cusparada ideológica a naturalização da violência.

Um político carioca que bateu em sua mulher há alguns anos, tornando-se mais um caso de polícia “esquecido” nos armários do Estado, veio a público nesses dias com um discurso curioso a compor o grande coro da naturalização:

*“Eu cometi um erro. Eu trai minha mulher. Você imagina a dificuldade e o calor dessa discussão. Associar isso a um ato de violência doméstica, de um comportamento violento, isso em hipótese alguma eu posso admitir. Porque isso não é minha atitude, eu não tenho qualquer comportamento parecido com o que prevê a lei Maria da Penha”.*

O discurso da naturalização no texto acima citado separa estrategicamente o “erro” (que qualquer bom menino ou aspirante a cargo público pode cometer) da “violência doméstica”, do “comportamento violento”. Reduzir seu ato, confessado, de evidente violência, a um mero erro, é uma bela estratégia discursiva quando se trata de convencer a opinião pública de que, na verdade, não se fez um grande mal. Grande parte da opinião pública provavelmente vai concordar porque a violência contra as mulheres foi naturalizada a tal ponto que muitas das próprias mulheres violentadas reduzem a violência sofrida à vergonha de terem sido espancadas e retiram sua reclamação e sua voz da cena.

A naturalização é o texto. Desfaçatez, o subtexto.



Questionar isso tudo, não se deixar levar por naturalizações, eis o desafio do momento.

<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/11/a-violencia-natural-contra-as-mulheres-e-a-administracao-da-ignorancia/>

## A ideologia do Enem

Helio Schwartzman – 27/10/2015 02h00

Há algum exagero na acusação de que o governo transformou o Enem numa prova doutrinária, que só aprova candidatos com bons conhecimentos de marxismo-leninismo. Deve-se reconhecer, porém, que o exame, notadamente a parte de ciências humanas, dá generoso espaço a tópicos e autores caros à esquerda.

Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos. Detalhe importante, a maioria delas não exige que o estudante concorde com a tese para acertar o exercício. São assuntos como globalização, movimentos sociais, feminismo, defesa do meio ambiente. Entre os autores, destacam-se nomes como Simone de Beauvoir, Karl Mannheim, Slavoj Zizek, Agostinho Neto e Paulo Freire. Esse "pot-pourri" representa 31% da prova de ciências humanas –o que não é pouco–, mas mais modestos 7,8%, se considerarmos todas as 180 questões do teste.

Admitindo um toque de cinismo, eu diria até que o viés ideológico da prova é útil para os candidatos, já que, em caso de emergência, podem recorrer a cálculos mentais de segunda ordem: na dúvida entre duas alternativas, opte sempre pela que tem a resposta mais "esquerdista", pois é maior a chance de que seja essa a que consta como correta no gabarito.

Seria muito melhor, porém, que o Inep, o instituto que elabora a prova, buscasse ativamente uma certa neutralidade ideológica no conjunto das questões. Por mais pantanoso e traiçoeiro que seja esse terreno –a rigor, a neutralidade é menos do que uma quimera–, vale a pena procurar um equilíbrio no "pedigree" dos autores citados justamente para que o exame não seja acusado de ser uma peça de propaganda. O compromisso do Inep não deve ser com correntes de pensamento, mas sim com a qualidade e a reputação da prova.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2015/10/1698820-a-ideologia-do-enem.shtml>

**Enem 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”**

Publicado em 25 de outubro de 2015 por Marcia – Educação

O tema da redação do Enem deste ano foi “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Isso é um grande avanço, pois, levou sete milhões de estudantes a parar para pensar cuidadosamente no assunto e organizar suas ideias em um texto. Acho que já passou da hora de tratarmos da violência (sexual ou não) contra a mulher com a seriedade que ela merece. É preciso combater as ideias e tradições que incentivam a inferiorização do sexo feminino. As mulheres devem se mobilizar, independente de suas posições ou simpatias políticas, para combater esse mal. E sensibilizar os homens em relação ao problema, mostrando que uma “inocente” brincadeira ou ironia é ofensiva, nos incomoda e serve para minimizar a seriedade deste tipo de crime.

Para a historiadora Mary del Priore, as mulheres devem liderar esta movimentação. “Precisamos de uma mobilização que agrupe grupos de mães, feministas, profissionais organizadas em sindicatos, vereadoras e deputadas, professoras e estudantes, religiosas, enfim, de mulheres de todos os segmentos para dizer, diariamente, não à violência; e para pressionar, sem tréguas e por todos os meios, as autoridades. Mulheres dispostas a lembrar-lhes, incansavelmente, que qualquer forma de constrangimento físico viola um valor sagrado de nossa sociedade: a integridade do indivíduo”, destaca.

A mulher sempre foi vista como objeto do desejo na maioria das culturas e, em pleno século XXI, ainda não conseguimos nos desvencilhar dessa amarra. Claro que queremos ser atraentes, mas não podemos mais ser tratadas como objeto ou mercadoria. Historicamente, a beleza e a sensualidade femininas sempre foram valorizadas e, ao mesmo tempo, temidas:

“Sexo belo ou sexo frágil, tais denominações vinculam-se às imagens que nossa sociedade fez deles, de sua beleza ou de sua saúde. No passado, o corpo da mulher era visto com as marcas da exclusão e da inferioridade. Cristalizada pelas formas de pensar de uma sociedade masculina, a evocação das imagens do corpo e da identidade feminina, na pluma de diferentes autores, refletia apenas subordinação: ele era menor, os ossos pequenos, as carnes moles e esponjosas, e o caráter, débil. A subordinação expressava-se, ainda, na capacidade de reproduzir, quando solicitada pelos homens. Contudo, na outra ponta dessa submissão, a mulher era senhora de beleza e sensualidade – aliás, beleza considerada perigosa, pois capaz de perverter os homens; sensualidade mortal, pois se comparava a vagina a um poço sem fundo, no qual o sexo oposto naufragava. As noções de feminilidade e corporeidade sempre estiveram, portanto, muito ligadas em nossa cultura”, diz Mary del Priore.

Lutamos contra séculos de inferiorização e dominação. Não é uma batalha fácil, mas não podemos mais nos acovardar e esperar que as coisas melhorem por si. – Texto de Márcia Pinna Raspanti.

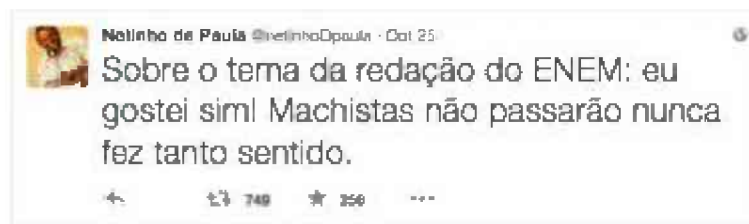
<http://historiahoje.com/enem-2015-a-persistencia-da-violencia-contra-a-mulher-na-sociedade-brasileira/>

### A ideologia do Enem: como a esquerda reagiria se fosse o contrário?

27 de outubro de 2015, Rodrigo Constantino

O tema da redação da prova do Enem desse ano, sobre feminismo, ganhou as redes sociais. Muita gente aplaudindo, muito “intelectual” celebrando, muito artista engajado comemorando. Todos, claro, apelando para o monopólio da virtude, como se somente feministas defendessem as mulheres ou condenassem o machismo e a agressão às mulheres. Nada mais falso.

As coisas andam tão bizarras em nosso país que até um esquerdista como Netinho de Paula veio comemorar a escolha, ele que foi processado por ter batido na própria mulher:



Quando apontaram para a incoerência, ele se defendeu alegando ser vítima de racismo. É o que a esquerda costuma fazer sempre.

Mas a redação inspirada na pensadora feminista não foi tudo. O Enem contou com várias outras questões com claro viés esquerdista, como uma envolvendo Simone de Beauvoir, e aquela absurda em que a globalização é responsabilizada pela perda de empregos. Talvez a Coreia do Norte, isolada e “protegida” da malvada globalização, esteja em situação melhor do que os países asiáticos, os mais abertos do mundo. Pobre povo de Hong Kong...

A ideologia do Enem foi tema da coluna de Hélio Schwartsman hoje na Folha. O colunista, com sua postura de lorde britânico, condenou o viés ideológico, mas com luva de pelica, cheio de dedos e cuidado. Começou já afirmando que havia “algum exagero na acusação de que o governo transformou o Enem numa prova doutrinária”. Sério mesmo?

Depois da grande assoprada, uma leve mordida: “Deve-se reconhecer, porém, que o exame, notadamente a parte de ciências humanas, dá generoso espaço a tópicos e autores caros à esquerda”. Generoso espaço é eufemismo para domínio total, hegemônico. Pelos cálculos do próprio jornalista, quase um terço da prova de humanas, onde há flexibilidade para incutir ideologia, teve viés de esquerda, mas ele parece achar quase normal:

Fora o tema da redação, que foi a violência contra a mulher, eu contei, usando critérios bem frouxos, 14 perguntas capazes de disparar, ainda que levemente, conexões neuronais esquerdistas nos candidatos. Detalhe importante, a maioria delas não exige que o estudante concorde com a tese para acertar o exercício. São assuntos como globalização, movimentos sociais, feminismo, defesa do meio ambiente. Entre os autores, destacam-se nomes como Simone de Beauvoir, Karl Mannheim, Slavoj Žižek, Agostinho Neto e Paulo Freire. Esse “pot-pourri” representa 31% da prova de ciências humanas –o que não é pouco-, mas mais modestos 7,8%, se considerarmos todas as 180 questões do teste.

Ora, o que ele queria, socialismo nas contas de matemática? Comunismo nas questões de física? Feminismo nas fórmulas químicas? Parece um tanto complicado, não é mesmo? O que está mais do que evidente é o fato de que onde é possível, a esquerda enfia doutrinação ideológica na prova. Isso está claro, é conhecido e notório, e os alunos esclarecidos já vão para a prova preparados para mentir. Se quiserem tirar notas boas precisam “esquerdar”, ou seja, bancar o boboca por algumas horas.

O que o educado Schwartsman não parece notar é que a reação da mesma esquerda seria completamente histérica se fosse o contrário, se um governo liberal ou conservador adotasse um viés

tão evidente na prova. Imaginem se só pensadores conservadores fossem citados, por exemplo, se gente que a esquerda adora odiar sem jamais ter lido fosse onipresente nessas provas. Qual seria a reação da esquerda?

O viés ideológico do Enem não deveria ser suavizado. Não devemos fazer pouco caso disso, pois é absurdo, vem aumentando e faz parte de uma estratégia deliberada de doutrinação ideológica inspirada em Gramsci. A hegemonia cultural é uma meta evidente da esquerda totalitária, e ela não admite o contraditório, a busca da neutralidade, a imparcialidade como meta. Ela quer tudo de um só lado, mesmo que por meio de mentiras escancaradas, de inversão de fatos.

Nivaldo Cordeiro gravou um vídeo de desabafo sobre a escolha da autora comunista para a redação do Enem, lembrando que ela e seu amante Sartre eram propagandistas dos mais nefastos regimes da época, aqueles que trucidavam minorias dissidentes:



<https://youtu.be/m02XdE3SxgM>

A ideologia do Enem, portanto, não deve ser tratada como coisa menor por nós, como algo normal, banalizado. Aceitamos calados por tempo demais esse controle cultural e educacional por parte da esquerda revolucionária, e o estrago está aí, bem visível para quem quiser ver. Chega disso!

Chega de tanta doutrinação nas escolas, nas universidades e nas provas do Enem. Esse tipo de coisa tem sérias consequências para o país. A degradação de valores morais que vemos hoje e a própria permanência de um partido como o PT no poder comprovam isso. É hora de reagir!

<http://rodrigoconstantino.com/artigos/a-ideologia-do-enem-como-a-esquerda-reagiria-se-fosse-o-contrario/>

## **A redação do Enem e o papel das empresas para o fim da violência contra a mulher**

MARGARET GROFF 03/11/2015 11h45

Parece incrível, mas a reação conservadora de certos setores da política e da sociedade brasileira pode e tenta prejudicar a secular luta das mulheres por equidade de gênero.

A redação deste último Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que teve como tema "A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira", provocou alguns disparates, como a manifestação de um deputado nas redes sociais, dizendo que a teoria de gênero é "um fétido cadáver, que já deveria estar sepultado".

Houve outras perigosas e dolorosas reprovações ao tema e, portanto, por extensão, contrárias às conquistas da mulher nas últimas décadas.

O lado positivo é que a maioria dos professores e estudantes aprovou o tema, considerado atual, já que a violência contra a mulher é, infelizmente, uma prática da qual ainda não conseguimos nos livrar. Outro fator positivo é que a redação exigiu do aluno uma posição favorável à mulher, já que seria simplesmente impensável alguém defender a violência. E, assim, 6 milhões de jovens, pelo menos, pararam para pensar na situação da mulher brasileira. Ponto para o Enem.

A reação contrária à questão de gênero, mesmo sendo de uma minoria, apenas revela o quanto a sociedade brasileira precisa avançar para atingir o estágio em que se encontram os países desenvolvidos, onde já se busca a equidade nos detalhes, e não para que a mulher tenha respeitados os direitos mínimos.

E é aí que entram não somente o poder público, que no Brasil tem alavancado uma série de conquistas, como também as nossas empresas. Muitas delas já dão exemplos de equidade de gênero, mas ainda há muito por fazer.

A realidade é que o Brasil ocupa o 121º lugar no ranking de participação das mulheres na política. No mercado de trabalho, elas recebem o equivalente a 70% do que ganham os homens. E apenas oito em cada cem profissionais de alto escalão nas companhias são do sexo feminino.

Nossas empresas têm o dever e a missão de dar uma resposta positiva, de reconhecimento ao empoderamento da mulher. Os jovens que fizeram o Enem logo estarão às portas das empresas para buscar uma oportunidade de trabalho. E será que ali encontrarão um ambiente onde haja mais equidade entre homens e mulheres profissionais? Ou verão ali reproduzido o que há de pior na nossa sociedade, em que o machismo ainda dita regras e leis?

As empresas, além de importantes atores na transformação da sociedade e do país, têm a obrigação de dar uma resposta a estes jovens universitários, para um Brasil de mais equidade, com menos discriminação e violência contra a mulher.

A empresa que busca praticar no dia a dia a equidade de gênero deve levar isso a público, para incentivar a que outras façam o mesmo: de seus fornecedores a seus clientes, independentemente do ramo em que atue.

É com esse fim que foi criado o Prêmio WEPs Brasil, para reconhecer os esforços das empresas que promovem práticas, programas e ações de promoção da cultura da equidade de gênero e empoderamento da mulher.

WEPs vem da sigla em inglês para Princípios de Empoderamento das Mulheres, uma iniciativa lançada pela ONU Mulheres e Pacto Global da ONU em 2010, para promover a equidade de gênero nas empresas, no ambiente de trabalho e na comunidade.

Até 10 de novembro estão abertas inscrições para empresas de todo o Brasil participarem da premiação. Conheça mais sobre os Princípios de Empoderamento das Mulheres das Nações Unidas e faça a inscrição da sua empresa no [site do prêmio](#).

Nossas empresas precisam se comprometer com o empoderamento das mulheres para avançarmos na equidade de gênero no Brasil e contribuímos positivamente para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável aprovados nas Nações Unidas no início de outubro.

**MARGARET GROFF**, 56, é diretora financeira executiva da Itaipu Binacional, uma das empresas pioneiras na adoção de programas de equidade de gênero no Brasil e no Paraguai.

<http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/2015/11/1701567-a-redacao-do-enem-e-o-papel-das-empresas-para-o-fim-da-violencia-contra-a-mulher.shtml>

**Há um erro grave no Enem deste ano – mas ele não tem nada a ver com feminismo**  
***Nem mesmo economistas de esquerda concordariam com a resposta da questão sobre globalização e desemprego***

Por: **Leandro Narloch** 26/10/2015 às 10:04

Muita gente reclamou da dose de feminismo do Enem de 2015. Não costumo concordar com a maioria das feministas, mas nesse caso não vi nada errado. O tema da redação foi violência doméstica – não é preciso ser feminista para reconhecer a relevância desse problema. Além da redação, uma questão reproduzia o seguinte trecho de Simone de Beauvoir:

*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada...*

Os alunos não precisavam concordar com a frase, apenas assinalar qual movimento a ideia acima inspirou nos anos 1960 (resposta certa: “igualdade de gênero”; fácil). Dando um desconto para a primeira frase (é claro que várias pessoas nascem mulheres) e à definição de mulher como um “macho castrado” (se eu usasse essa definição me chamariam de machista, misógino e opressor), o trecho de Simone de Beauvoir não é de todo ruim. Mesmo o mais adepto da evolução natural como forma de explicar o comportamento humano há de concordar que a biologia escreve parte do livro – que é completado pela cultura e pelas relações sociais.

O problema do Enem não foi o toque de feminismo, mas o habitual anticapitalismo. Uma questão, inspirada no geógrafo Milton Santos, está evidentemente errada. Deveria render processos de estudantes pedindo sua anulação. É esta:

*No final do século XX e em razão dos avanços da ciência, produziu-se um sistema presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema uma presença planetária. Um mercado que utiliza esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa.*

SANTOS, M. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2008 (adaptado).

*Uma consequência para o setor produtivo e outra para o mundo do trabalho advindas das transformações citadas no texto estão presentes, respectivamente, em:*

- a) Eliminação das vantagens locacionais e ampliação da legislação laboral.*
- b) Limitação dos fluxos logísticos e fortalecimento de associações sindicais.*
- c) Diminuição dos investimentos industriais e desvalorização dos postos qualificados.*
- d) Concentração das áreas manufatureiras e redução da jornada semanal.*
- e) Automatização dos processos fabris e aumento dos níveis de desemprego.*

A resposta E, a correta segundo o Enem, é risível. Não, globalização não provoca desemprego – provoca prosperidade. A autossuficiência, como David Ricardo mostrou há quase 200 anos, é a receita mais testada e comprovada para a pobreza. Leva pessoas e países a gastar tempo demais em atividades que não dominam tão bem. A vida é mais fácil se cada um se especializar no que faz melhor (ou com menor custo de oportunidade) e depois trocar o resultado. Paul Krugman, um dos economistas preferidos pela turma da esquerda, tem um excelente texto sobre isso.

O comércio internacional pode provocar um remanejamento do trabalho – mas para atividades mais produtivas. Se algum dia existiram vinícolas na Escócia, elas foram à falência quando vinhos franceses apareceram por lá. Milton Santos diria que o desemprego nas vinícolas escocesas foi provocado pela globalização. Prefiro acreditar que os escoceses perceberam ser mais fácil deixar com os franceses a produção de vinho e se dedicar a algo que eles dominavam melhor – o whisky.



As últimas décadas têm provas gigantescas dos benefícios da globalização e do perigo da autossuficiência. Países da América Latina, da Ásia e da África que se fecharam ao comércio internacional empobreceram terrivelmente. Ao contrário, aqueles que se globalizaram estão entre os mais ricos do mundo.

A Índia, inspirada nas ideias de Gandhi, que insistia em fabricar as próprias roupas e queimar produtos ingleses, achou que poderia se virar com grandes indústrias estatais. Conseguiu ficar ainda mais pobre que quando era colônia britânica. Cingapura, Hong Kong e Coreia do Sul fizeram o contrário: se abriram para o mundo. Nos anos 1960, tinham renda per capita similar à dos indianos. Hoje olha só para eles. São os países mais ricos – e globalizados – do mundo.

O Brasil também é um exemplo. Desde 2011 o governo Dilma impõe barreiras de importação, exige cotas de produtos nacionais e faz cara feia a acordos internacionais de livre comércio. Tudo para “preservar empregos ameaçados pela globalização”. Não há notícia de que tenha dado certo. Pelo contrário, o desemprego só aumenta. O protecionismo tirou o Brasil de cadeias globais de produção e evitou que muitas vagas fossem criadas por aqui.

@lnarloch

<http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/economia/ha-um-erro-grave-na-prova-do-enem-mas-ele-nao-tem-nada-a-ver-com-feminismo/comment-page-2/>

### **Parabéns, atingimos a burrice máxima**

A “baranga” Simone de Beauvoir e a importância de um livro que ensina a conversar com fascistas

Eliane Brum

A fogueira de Simone de Beauvoir a partir da questão do ENEM mostrou que a burrice se tornou um problema estrutural do Brasil. Se não for enfrentada, não há chance. Hordas e hordas de burros que ocupam espaços institucionais, burros que ocupam bancadas de TV, burros pagos por dinheiro público, burros pagos por dinheiro privado, burros em lugares privilegiados, atacaram a filósofa francesa porque o Exame Nacional de Ensino Médio colocou na prova um trecho de uma de suas obras, *O Segundo Sexo*, começando pela frase célebre: “Uma mulher não nasce mulher, torna-se mulher”. Bastou para os burros levantarem as orelhas e relincharem sua ignorância em volumes constrangedores. Debater com seriedade a burrice nacional é mais urgente do que discutir a crise econômica e o baixo crescimento do país. A burrice está na raiz da crise política mais ampla. A burrice corrompe a vida, a privada e a pública. Dia após dia.

Recapitulando alguns espasmos do mais recente surto de burrice. O verbete de Simone de Beauvoir (1908-1986) na Wikipedia, conforme mostrou uma reportagem da BBC, foi invadido para tachar a escritora de “pedófila” e “nazista”. A Câmara de Vereadores de Campinas, no estado de São Paulo, aprovou uma “moção de repúdio” à filósofa. O deputado Marco Feliciano (PSC-SP), da Bancada da Bíblia, descobriu na frase “uma escolha adrede, ardilosa e discrepante do que se tem decidido sobre o que se deve ensinar aos nossos jovens”. Em sua página no Facebook, o promotor de justiça do município paulista de Sorocaba, Jorge Alberto de Oliveira Marum, chamou Beauvoir de “baranga francesa que não toma banho, não usa sutiã e não se depila”. Como o tema da redação do ENEM era “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, houve gente que estudou em colégios caros afirmando que este era um tema de esquerda, e portanto um sinal inequívoco de uma conspiração ideológica por parte do governo federal. Como sugeriu o crítico de cinema Inácio Araújo em seu blog, se defender que a mulher tenha o direito de andar sem ser perturbada, agredida e chutada é tema de esquerda, isso só pode significar que a direita vai muito mal.

A única arma capaz de derrotar a burrice é o pensamento

Está cada vez mais difícil fazer humor no Brasil. Como nada do que foi relatado acima é piada, somos submetidos cotidianamente a uma experiência de perversão. Também não tem sido fácil escrever quando não se é humorista, por que o que se pode dizer, seriamente, diante de uma moção de repúdio à Simone de Beauvoir? Mas é preciso tratar com seriedade, porque talvez não exista nada mais sério do que a boçalidade que atravessa o país. Torna-se urgente, prioritário, fazer um esforço coletivo e enfrentar a burrice com o único instrumento capaz de derrotá-la: o pensamento.

Esta é a potência e a generosidade de um livro lançado pela filósofa Marcia Tiburi, escritora e professora universitária. O título vai direto ao ponto, afinal os tempos são graves demais para papinhos de salão: *Como conversar com um fascista – reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro* (Record). Nas 194 páginas, Marcia enfrenta as várias faces do cotidiano atual com profundidade, mas de forma acessível a quem não está familiarizado com os conceitos. Faz o mais difícil: escrever simples sem simplificar. É um livro que se pretende para todos, e não para os seus pares. Quem acompanha a trajetória da filósofa conhece a sua coragem. E este é um livro de coragem, já que é tão difícil quanto arriscado escrever sobre o que está em movimento, sem a proteção assegurada pelo distanciamento histórico. Poucos são os intelectuais que se arriscam a sair do conforto de seus feudos para enfrentar o debate público com suas dúvidas. E por isso aqueles que se arriscam de forma honesta, sem ficar arrotando suas certezas e suas credenciais, ou usando-as para massacrar aqueles que já são massacrados, são tão preciosos.

O confronto atual não é entre direita e esquerda, mas entre os que pensam e os que não pensam

“Eu queria saber por que dialogar é impossível”, conta Marcia Tiburi, sobre a pergunta que a moveu nessa busca. Para enfrentar a ausência do pensamento, a filósofa propõe a resistência pelo diálogo. Este é um esforço de cada um – e de todos. Arriscar-se a deixar o “isolamento em comunidade”, a forma atual da vida social e política, para confrontar o que ela chama de “consumismo da linguagem”. Compreender o confronto atual como um confronto entre direita e esquerda, desenvolvimentistas e ecologistas, governistas e opositores, machistas e feministas é, segundo ela, uma redução. O confronto atual seria mais profundo e também mais dramático: entre os que pensam e os que não pensam.

O exercício que faço, deste parágrafo em diante, é buscar compreender a fogueira em que Simone de Beauvoir foi jogada nos últimos dias, entre outros fatos recentes, a partir das ideias deste livro. Para começar, a seriedade do episódio do ENEM pode ser demonstrada neste trecho tão agudo: “Se levarmos em conta que falar qualquer coisa está muito fácil, que falamos em excesso e falamos coisas desnecessárias, um novo consumismo emerge entre nós, o consumismo da linguagem. O problema é que ele produz, como qualquer consumismo, muito lixo. E o problema de qualquer lixo é que ele não retorna à natureza como se nada tivesse acontecido. Ele altera profundamente nossas vidas em um sentido físico e mental. O que se come, o que se vê, o que se ouve, numa palavra, o que se introjeta, vira corpo, se torna existência”.

Vale perguntar. Num país em que a preocupação com a educação é uma flatulência, em que a não educação é a regra, para onde vai o lixo e que tipo de impacto ele produz na tessitura do cotidiano, nos corações e mentes de quem o consome? O que acontece com a fogueira de Simone de Beauvoir num contexto em que aqueles que a jogaram no fogo possivelmente sequer a leram? Que restos dos discursos vazios sobre a filósofa permanecerão na memória de uma população que não tem seus livros na estante e que tipo de eco produzirão?

Como dimensionar a gravidade de um vereador eleito, pago com dinheiro público para legislar e, portanto, para decidir destinos coletivos, dizer que a escolha da frase de Simone de Beauvoir para uma prova do ENEM é algo “demoníaco”, como afirmou Campos Filho (DEM)? E como enfrentá-la com a seriedade necessária?

Com a palavra, o autor da “moção de repúdio”: “Foram buscar lá Simone de Beauvoir, lá pro ano de mil *trocentos e pôco*.... (...) A grande maioria é favorável à lei da natureza. Homem é homem. Mulher é mulher. (...) Cuidado com essa pulsão, essa pulsão pode levar à cadeia. O senhor pode passar na frente do caixa eletrônico e ter uma pulsão de vontade de roubar e vai preso. Pode ter uma pulsão de vontade de estuprar e vai preso. Então, tomem cuidado com essa pulsão, ah, hoje de manhã sou menina, agora à noite eu sou homem....”.

O vazio de pensamento não é silencioso, mas repleto de clichês, frases prontas e repetições

O vereador nem sequer sabe em que século Simone de Beauvoir nasceu, viveu e produziu pensamento – “mil *trocentos e pôco*”. Nem sequer tentou compreender o que a frase citada no ENEM significa. Não é engraçado. É a ruína causando mais ruína. O que interessa é fazer barulho, porque o barulho encobre o vazio de ideias. O que importa é perverter a palavra, usando o que sequer tentou entender para enclausurar o pensamento e reafirmar a certeza em nome de uma suposta “lei da natureza” que jamais existiu. A perversão do fascista é a de acusar o outro de manipulação ideológica quando é ele o manipulador. É acusar o outro de impor um pensamento quando é ele que empreende todo os esforços para barrar qualquer pensamento. É impedir o diálogo denunciando o outro pelo ato que ele próprio cometeu. É nessa repetição de boçalidades que seguem os discursos de outros vereadores, invocando clichês bíblicos, lembrando de Sodoma e Gomorra e Adão e Eva, abusando de Deus.

Para perverter a realidade, o fascista conta com o consumismo da linguagem. Trata-se, como aponta Marcia Tiburi, de um vazio repleto de falas prontas. Não é um vazio silencioso, espaço aberto para buscar o outro, o inusitado, o surpreendente. Mas sim um vazio barulhento, abarrotado de clichês, de frases repetidas e repetitivas, usadas para se proteger do pensamento. Os lugares-comuns, neste caso específico a constante invocação de Deus e de leis bíblicas, são usados como um escudo contra a

reflexão. Todo o esforço é empreendido para não existir qualquer chance de pensamento, ainda que um bem pequenino.

Neste vazio, a filósofa acredita que os meios tecnológicos e a mídia desempenham um papel crucial. Repete-se o que é dito na TV, no rádio. Fala-se, muito, sem pensar no que se diz. No gesto do mero “compartilhar” sem ler, tão fácil quanto comprar com um clique pela internet, foge-se do pensamento analítico e crítico, trocando-o pelo vazio consumista da linguagem e da ação repetitiva. É assim que a burrice se multiplica em cliques, propagando-se em rede. O título deste artigo é esperançoso, mas não corresponde à realidade: a burrice não tem limites, ela sempre pode atingir patamares ainda mais extremos.

Se não houver limites para a idiotice, resta isolar-se e estocar alimentos

Episódios semelhantes à “moção de repúdio” à Simone de Beauvoir ocorriam esporadicamente em rincões afastados, e logo eram ridicularizados. Hoje, acontecem na Câmara de Vereadores de uma das maiores e mais ricas cidades do estado de São Paulo, no sudeste do Brasil, uma cidade que abriga várias universidades, entre elas a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), uma das mais respeitadas do país. E cadê os intelectuais? Rindo dos burros nas cantinas universitárias? Será? Não era de se esperar mais iniciativas de busca do diálogo, de criação de oportunidades para explicar quem é Simone de Beauvoir e refletir sobre sua obra, ou mesmo a ocupação da Câmara, para produzir reação e movimento que permitisse o conhecimento e combatesse a ignorância?

Talvez o polêmico livro *Submissão* (Alfaguara), do francês Michel Houellebecq, possa ter alguma ressonância maior por aqui. Nele, só para lembrar, o protagonista é um acadêmico desencantado que se depara com a vitória de um partido islâmico nas eleições da França. Depois de assistir ao desenrolar dos acontecimentos pela TV, já que não se sente motivado a participar de nenhum debate que não seja sobre a sua própria tese acadêmica (ou nem mesmo sobre ela), se choca com o resultado eleitoral. É o protagonista que não protagoniza –ou só protagoniza por omissão (ou submissão). Aos poucos, os novos donos do poder lhe acenam não só com a manutenção dos privilégios, mas com uma considerável ampliação dos privilégios. E ele, afinal, conclui que aderir pode não ser tão ruim assim.

Os burros estão por toda parte e muitos deles estudaram nas melhores escolas e, o pior, muitos ensinam nas melhores escolas. A “moção de repúdio” à Simone de Beauvoir foi aprovada pela Câmara de Campinas por 25 votos a cinco. Assim, os burros são a maioria. É preciso enfrentá-los com pensamento, fazer a resistência pelo diálogo. Ou, como diz Marcia Tiburi: “Sem pensamento não há diálogo possível nem emancipação em nível algum. Se não houver limites para a idiotice, resta isolar-se e estocar alimentos”.

O promotor e professor universitário que reduziu Simone de Beauvoir a “uma baranga”, ao comentar a questão do ENEM em sua página no Facebook, fez o seguinte comentário: “Exame Nacional-Socialista da Doutrinação Sub-Marxista. Aprendam jovens: mulher não nasce mulher, nasce uma baranga francesa que não toma banho, não usa sutiã e não se depila. Só depois é pervertida pelo capitalismo opressor e se torna mulher que toma banho, usa sutiã e se depila”. Depois da repercussão negativa, o que incluiu uma nota de repúdio por parte da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Jorge Alberto de Oliveira Marum apagou os posts e defendeu-se, em outra postagem, alegando que pretendia ter sido irônico: “Ironia, para quem não sabe, é uma figura de linguagem que consiste em afirmar o contrário do que se pensa”. Interprete-se.

A burrice, tanto como categoria cognitiva quanto moral, venceu

“Distorcer é poder” é o título de um dos capítulos do livro em que a filósofa enfrenta a prática amplamente difundida de esvaziar as palavras pela distorção. Como transformar a vítima em culpada, como se faz rotineiramente com as mulheres no falso debate do aborto, por exemplo, ou no tratamento do estupro. Ou distorcer para que aquele que detém os privilégios pareça ser o que têm seus direitos ameaçados: o branco, por exemplo, quando se apresenta como prejudicado pelo sistema de cotas

raciais que busca reparar injustiças históricas cometidas contra os negros, ocultando assim que sempre foi o privilegiado; ou quando se invoca um suposto “orgulho heterossexual” na tentativa de mascarar a violência contra os homossexuais, alegando que querem privilégios, quando todos sabem que a heterossexualidade jamais foi contestada ou atacada, nem em sua expressão nem em seus direitos. E também é por essa conversão que os manifestantes de junho de 2013 foram tachados de “vândalos” por parte da mídia e, hoje, uma lei em discussão no Congresso ameaça converter quem protesta em “terrorista”.

A própria “democracia” pode ser vista a partir da prática da distorção, já que há aquela, mais difundida, que é vendida pelo mercado. “De um lado, há uma democracia que deve parecer como realizada, contra outra democracia, que está na ordem do desejo e do sonho e que não teria preço”. O capitalismo sequestra a democracia também como palavra, que passa a ser consumida, junto com outras: felicidade, ética, liberdade, oportunidade, mérito. Palavras que a filósofa chama de “mágicas”, invocadas a serviço do ocultamento da opressão. “Antidemocrático, o capitalismo precisaria ocultar sua única democracia verdadeira: a partilha da miséria e, hoje em dia, cada vez mais, a matabilidade”, afirma Marcia Tiburi.

Quando se invade o verbete de Simone de Beauvoir na Wikipedia é também disso que se trata: distorcer e replicar até virar “verdade”. Aliena-se os fatos de seu contexto histórico para produzir rótulos. Assim, após o ENEM, a filósofa foi tachada de “pedófila” e de “nazista”. Ambas as afirmações já foram retiradas da página pelo responsável, avisando que a manteria fechada até “que o furor acabasse e as pessoas perdessem o interesse em danificar o artigo”. Entre as dezenas de distorções do verbete, segundo a matéria da BBC, um usuário disse que a filósofa havia escrito um “livro de estupro”. Outro informou que Beauvoir era uma “antifeminista”. Um terceiro disse ainda que ela era “muito conhecida por seu comodismo e pela luta na justiça por uma lei que proibia o trabalho das mulheres fora de casa”.

Se a linguagem nos tomou seres políticos, a destruição da linguagem nos tomará o quê?

As distorções servem à reprodutibilidade da burrice. Ao converter a filósofa no que é interpretado como o mais monstruoso – “pedófila” e “nazista” – o objetivo é tornar impossível refletir sobre o que ela escreveu: “uma mulher não nasce mulher, torna-se mulher”. A ampla distorção das palavras serve, de novo, ao vazio do pensamento. Pede-se aos burros que a repliquem à exaustão em cliques históricos. A linguagem, como escreve Marcia Tiburi, tem sido rebaixada à distribuição da violência – também pelos meios de comunicação e pelas redes sociais. “Vivemos no império da canalhice, onde a burrice, tanto como categoria cognitiva quanto moral, venceu”, afirma. “Ela se transformou no todo do poder.”

Aderir é viver. Esta parece ser a frase deste momento de orgulho da ignorância e exaltação da burrice. Aqui, a pergunta se impõe: “se a linguagem nos tornou seres políticos, a destruição da linguagem nos tornará o quê?”.

Na semana passada, foi divulgado na página da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República um estudo que reuniu pesquisadores de diversas instituições, apresentado como o mais completo já feito no Brasil sobre os efeitos da mudança climática. Refletir seriamente sobre a mudança climática é urgente, mas há muito menos pensamento e ação do que o momento exigiria, apesar de estarmos às vésperas da Conferência do Clima em Paris. Assim, a divulgação de um estudo com as conclusões a que se chegou poderia ser uma oportunidade excelente para promover participação e diálogo. Mas, entre as tantas previsões que apontaram para um possível drama climático daqui a 25 anos, em 2040 – doenças, calor extremo, falta d’água e de energia etc –, uma foi destacada por diferentes veículos da imprensa: a possível perda de uma área imobiliária avaliada em R\$ 109 bilhões no Rio de Janeiro, devido à elevação do nível do mar causada pelo aquecimento global.

Não as perdas humanas, não a corrosão da vida, não o aniquilamento dos mais pobres e dos mais frágeis. Não. O que se destaca é aquilo que se monetariza, é a perda do patrimônio material, no caso imobiliário. O que merece título é o cifrão. O episódio evoca um dos capítulos mais interessantes de *Como conversar com um fascista*: “O capitalismo é a redução da vida ao plano econômico. (...) O pensamento está minado pela lógica do ‘rendimento’. Viver torna-se uma questão apenas econômica.

A economia torna-se uma forma de vida administrada com regras próprias, tais como o consumo, o endividamento, a segurança pela qual se pode pagar. Tudo isso é sistêmico e, ao mesmo tempo, algo histórico. (...) As palavras funcionam como estigmas ou como dogmas que sustentam ideias orientadoras de práticas”. Se a ordem do discurso capitalista é basicamente teológica, é porque ele funciona como uma religião no âmbito das escrituras e das pregações (em geral no púlpito tecnológico da televisão)”. Se depois de tanto calarmos sobre a mudança climática, falarmos dela a partir da lógica monetária, estamos todos (mais) perdidos.

Precisamos resistir em nome de um diálogo que tome o ódio impotente

Mas é em outro episódio destes últimos dias que a perversão do Brasil atual se revelou em toda a sua monstruosidade: a Divisão de Homicídios da Polícia Civil do Rio de Janeiro concluiu em inquérito que o policial que matou um menino de dez anos agiu em “legítima defesa”. Eduardo de Jesus brincava na porta da sua casa, numa das favelas do Complexo do Alemão, quando teve a cabeça atingida por um tiro de fuzil. Sua mãe encontrou parte do seu cérebro na sala. O inquérito isentou de qualquer responsabilidade os policiais envolvidos, por estarem supostamente em confronto com narcotraficantes. Eles teriam apenas “errado” o tiro.

Eduardo estava a cinco metros do policial que o matou. Terezinha de Jesus, a mãe do menino, afirma que não havia tiroteio naquele dia. “Eu parti para cima do policial. Gritei que tinha matado meu filho e ele me respondeu, com seu fuzil na minha cabeça, que igual que tinha matado ele poderia também me matar, porque o menino era filho de bandido. Nunca vou esquecer aquilo. Posso estar em qualquer lugar do mundo, que nunca esquecerei a cara daquele policial”. Ao ser informada por jornalistas que a polícia concluiu que seu filho foi morto em legítima defesa, Terezinha disse que sentia vontade “de quebrar tudo”.

Quando a perversão supera tal limite é porque estamos quase no ponto de não retorno. “Não acabaremos com o ódio pregando o amor”, diz Marcia Tiburi. “Mas agindo em nome de um diálogo que não apenas mostre que o ódio é impotente, mas que o torne impotente.”

Em *Como conversar com um fascista*, a filósofa defende a necessidade de começar a tentar falar de outro modo. O diálogo não como salvação, mas como experimento, como ativismo filosófico para enfrentar a antipolítica. A política, lembra a autora, “é laço amoroso entre pessoas que podem falar e se escutar não porque sejam iguais, mas porque deixaram de lado suas carapaças de ódio e quebraram o muro de cimento onde suas subjetividades estão enterradas”.

Num país de antipolítica e antieducação generalizada como o Brasil é preciso se mover. É urgente aprender a conversar com um fascista, mesmo que pareça impossível. Expor ao outro aquele que não suporta a diferença. Revelar suas contradições e confrontá-lo pelo diálogo é um ato de resistência. Enfrentar a burrice com a única arma que ela teme: o pensamento.

É isso ou não vai adiantar nem estocar alimentos.

[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/09/opinion/1447075142\\_888033.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/09/opinion/1447075142_888033.html)

### O boi de piranha do Enem

Miguel Nagib, 30 de outubro de 2015

No último domingo, enquanto milhares de pessoas denunciavam o despudorado viés ideológico das questões do Enem, o músico Roger Moreira chamava a atenção, no Twitter, para um problema ainda mais grave e preocupante: “Ganham zero [as] ideias que desrespeitem os direitos humanos. Ué? Não é prova de redação? Ou é controle do pensamento?”

Roger se referia à exigência de que o candidato elabore, na redação, uma proposta de intervenção para o problema abordado, “respeitando os direitos humanos”. Segundo o INEP, é necessário que o candidato “não rompa com valores como cidadania, liberdade, solidariedade e diversidade cultural”, sob pena de zerar na redação.

Ao impor esse requisito, porém, o próprio INEP desrespeita claramente os direitos humanos, já que as liberdades de pensamento, opinião e expressão, além de garantidas pela Constituição Federal, estão previstas na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Condiçãoar o acesso de um estudante ao ensino superior a que ele possua ou expresse determinada opinião sobre o que quer que seja configura, sem sombra de dúvida, uma forma acintosa de cerceamento àquelas liberdades.

Para piorar a situação, os candidatos e os corretores das provas não estão familiarizados com a legislação brasileira sobre direitos humanos – o que de resto não é exigido pelo INEP. Assim, o mais provável é que todos considerem como “direitos humanos” um punhado de clichês politicamente corretos consagrados na academia e nos meios de comunicação. É o que sugere aliás o INEP, ao falar vagamente em “cidadania, solidariedade e diversidade cultural”, expressões que remetem de forma inequívoca ao discurso da esquerda.

Este ano, mais de 7 milhões de estudantes tiveram de escrever uma redação sobre a violência contra a mulher na sociedade brasileira. Cuidava-se, é claro, de uma provocação ideológica, e é de supor-se que muitos candidatos tenham ficado temerosos de expressar seu pensamento.

E com razão. Basta pensar no possível desfecho das seguintes situações: o candidato A sustenta, em sua redação, que a proibição do aborto é uma forma de violência contra as mulheres; e apresenta como proposta de intervenção a descriminalização dessa prática. Já o candidato B relativiza o problema da violência contra as mulheres; identifica, entre suas causas, o comportamento das próprias mulheres; e propõe como solução a mudança desse comportamento.

Como serão corrigidas essas redações? Se a legislação brasileira fosse aplicada, o candidato A deveria receber zero, pois a Convenção Americana sobre Direitos Humanos estabelece que o direito à vida deve ser protegido pela lei “desde o momento da concepção”. Mas, se prevalecerem os clichês do politicamente correto, não só isso não vai acontecer, como quem pode acabar levando zero é o candidato B, embora sua proposta de intervenção não desrespeite a legislação relativa aos direitos humanos.

Ora, nenhum dos candidatos pode ser punido ou beneficiado por possuir ou expressar sua opinião. Ninguém pode ser obrigado a dizer o que não pensa para poder entrar numa universidade. O exemplo demonstra, em todo caso, que, além de ferir a liberdade de consciência e de crença dos candidatos, a exigência do INEP, na prática, transforma a prova de redação do Enem num imenso filtro ideológico de acesso ao ensino superior.

No fim das contas, Simone de Beauvoir era apenas o boi de piranha do Enem.

Aguardemos para ver se o Ministério Público Federal vai tomar alguma providência contra mais essa afronta à Constituição perpetrada pelo governo petista

<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/cultura/o-enem-e-um-manual-de-guerrilha-em-forma-de-quiz/>

**‘Há resistência de admitir a violência específica contra a mulher’, diz pesquisadora**

PAULO SALDAÑA – 26 Outubro 2015 | 22:42

As redes sociais fervilharam assim que o tema da redação do Enem foi revelado na tarde de domingo, 25. Os estudantes tiveram que escrever um texto sobre “a persistência da violência contra a mulher no Brasil”, o que causou uma enxurrada de elogios à pertinência do texto, mas também inspirou críticas ao que seria um “doutrinação”.

Para a antropóloga Michele Escoura, assessora da área de Educação para Jovens e Adultos (EJA) da Ação Educativa, a escolha do tema não deixa de ser um ato de militância. “Boa parte das reações contrárias, inclusive dos adolescente, é de desmerecimento da questão”, diz ela “Ainda existe muita resistência de admitir uma violência específica contra a mulher, uma violência específica de gênero”.

Pesquisadora das questões de gênero na USP e Unicamp, Michele pontua que essa não é uma pauta “de esquerda ou de direita”. “A reivindicação dos direitos das mulheres ultrapassa qualquer posicionamento político e econômico.” Leia abaixo a entrevista exclusiva ao **blog**:



Michele Escoura / REPRODUÇÃO

**O que achou do tema da redação?**

Eu fiquei muito feliz. No início do ano, a presença dos termos de gênero nos planos municipais e estaduais de Educação transformou o tema em uma grande polêmica e as menções foram retiradas. Menções a essa preocupação já existiam há muito tempo em orientações curriculares, sem que houvesse polêmica. Mesmo assim, nenhuma política havia sido colocada de maneira forte nesse sentido. As políticas nunca deram muita importância para isso. Mas como, hoje em dia quem de fato pauta a currículo é o Enem, é uma transformação. Por mais que haja as diretrizes curriculares, as escolas se pautam muito mais pelo Enem, os professores direcionam as aulas partindo dos pressupostos do que vai cair na prova.

**Após o tema ser conhecido, algumas pessoas acusaram o MEC de usar a prova para fazer militância ou doutrinação ideológica. Por que um tema como esse, de violência contra a mulher, causa toda essa polêmica?**

De alguma forma, falar sobre isso ainda é considerado uma militância mesmo. Porque boa parte das reações contrárias, inclusive dos adolescente, é de desmerecimento da questão. O que mais se ouve é que o “homem também morre”. Quando houve a aprovação da Lei Maria da Penha, falavam em tom de brincadeira que faltava uma “Lei João da Penha”. O problema é que existe uma hierarquia de gêneros muito naturalizada na sociedade. Ainda existe muita resistência de admitir uma violência específica contra a mulher, uma violência específica de gênero. Muitas pessoas ainda não entenderam a situação, não conseguiram desnaturalizar que existe uma desigualdade. Temos de reconhecer que há desigualdade.



### **Como entender isso?**

Um exercício simples para isso é olhar para um caso clássico de violência contra a mulher e inverter os papéis. O caso Eloá (*Cristina, jovem que foi morta pelo ex-namorado, Lindemberg Alves, em 2008*), por exemplo, em que uma menina de 18 anos termina o namoro, o rapaz a mantém em cárcere privado e depois assassina a menina. Agora pense em um jovem homem que termina o namoro e uma menina faz isso. A gente ouve notícias desse tipo? Não ouve, uma informação como essa causa estranhamento. Quando a gente inverte os papéis e isso provoca esse estranhamento é por que se trata de um caso típico de violência de gênero. Todos os dados que o Enem colocou como subsídio para que o candidato escrevesse a redação estão para comprovar que existe uma questão por trás. Falar sobre isso ainda requer algumas posturas políticas, que não necessariamente passa pela esquerda. Muitos debates feministas vêm de liberais dos Estados Unidos.

### **Por que se mistura a discussão de gênero com posicionamentos ideológicos, partidários, como se esse fosse um tema esquerda? Há uma confusão?**

Nos Estados Unidos, o movimento feminista sempre esteve acima de qualquer posição política e econômica. Você encontra discussões de liberais e socialistas sobre o mesmo tema. Já na França, o feminismo esteve sim mais associado ao socialismo. A própria Simone de Beauvoir era uma militante socialista. Mas, no contexto desta semana, com o Enem, a discussão acabou se confundindo com a instabilidade do governo federal por causa da institucionalidade que tem o Enem, exame realizado pelo Ministério da Educação. De alguma forma, acabou-se entrando na dança das polaridades da política brasileira. O que, no final das contas, é uma grande falsidade. A reivindicação dos direitos das mulheres ultrapassa qualquer posicionamento político e econômico.

### **Como isso tudo chega na escola?**

As escolas não estão separadas do que a sociedade pensa. O muro da escola é alto, mas não bloqueia tudo. A escola não é um espaço imparcial, acima da sociedade. Muito pelo contrário, são as mesmas pessoas da sociedade que circulam na escola. Se você não faz um tipo de ação de política pública para combater a desigualdade, é certo de que todos os estereótipos da sociedade vão estar na escola. Principalmente porque você tem uma questão séria na formação de professores. Eles saem da universidade sem discutir as questões de gênero e os reflexos desse tema. E quando não tem política pública intencional, é lógico que vai acabar se perpetuando dentro da escola as visões e estereótipos da sociedade.

### **Nesse sentido, a retirada das menções de igualdade nos planos dificulta o trabalho na escola?**

Pensando na conjuntura dos planos municipais e estaduais, em que se retirou as questões de gênero, o Estado brasileiro está se desresponsabilizando de fazer qualquer ação de igualdade de gênero dentro das escolas. Outra coisa é que os jovens alunos têm cada vez mais acesso a informações que não necessariamente estão na escola. E a partir do momento em que ele acessa algo na internet, ele leva para a escola. Apesar de os planos terem retirado a palavra gênero, cada vez mais os estudantes reivindicam esse debate na escola. Eles estão levando de maneira autônoma, estão levantando os debates, já há uma discussão da própria noção do que é violência. A gente recebe cada vez mais casos de assédio contra meninas, que é um tipo específico de violência contra a mulher. Antigamente, havia os casos de assédio e elas ficavam quietas, achavam que era culpa delas. Agora elas se posicionam. Em uma situação como essa, quem fica em posição de maior vulnerabilidade são, com certeza, são os professores. Os alunos trazem as denúncias contra as meninas, de assédio, mas como o Estado não oferece formação para enfrentar esse tema, os professores ficam reféns dessa situação. As ações ficam à mercê da disposição individual de professores e escolas. Algumas escolas vão procurar

que o precisa, outras vão colocar debaixo do tapete. O mínimo que o Estado deveria dar é formação, como um material específico. Quando se vetou o kit anti-homofobia (*material educativo cuja distribuição foi vetada pelo MEC em 2011 após pressão da bancada evangélica*), a maior perda foi para os professores, que ficaram sem acesso de informação. Dessa forma, é mais provável que as escolas particulares vão conseguir mais autonomia para incluir de maneira mais institucionalizada esse tema do que as públicas. Uma pena, porque mais uma vez você coloca as escolas particulares com condições melhores do que as públicas.

**O MEC e lideranças dentro pasta, como próprio ministro Aloizio Mercadante, reforçam a necessidade de trabalhar com gêneros, o papel laico da escola. Assim como a maioria esmagadora dos especialistas de educação. Mas neste ano, vários planos municipais e estaduais de Educação tiveram a retirada de menções ao combate à desigualdade de gênero. Um comitê do MEC também teve de voltar atrás de usar o termo gênero. Há uma derrota nesse sentido?**

Tenho a impressão de que existe grupos que têm misturado questões morais com política, religião com política. E são grupos muito diversos. Muitos grupos religiosos tentam normatizar a moral, por meio do poder legislativo, partindo do pressuposto da própria moral. É uma tentativa de universalizar suas próprias concepções, como a de família, por exemplo. Esses grupos têm ganhando força, mas, no limite, existe uma briga entre Legislativo e Executivo. O executivo tem ficado cada vez mais refém do Legislativo nessas questões, que acabaram se tornando moeda de troca pela governabilidade. É uma coisa que destoa dos fundamentos da democracia.

**E qual prejuízo para os alunos?**

Quando se pensa no fundamento da democracia, na educação como Direito fundamental do cidadão, é dever do Estado que os estudantes acessem a escola e se mantenham. E essa desigualdade de gênero também afasta os alunos da escola. Quando falamos de gênero, não falamos só de mulher, mas também falamos sobre os grupos LGBT e também dos meninos. A maior parte dos adolescentes que hoje saem da escola são de meninos negros, principalmente nas periferias das grandes cidades. Porque nesses lugares se estabelece a ideia de que a masculinidade tem a ver com insubordinação, e o menino assume para si uma identidade. Esse grupo de alunos são os que mais são expulsos. Precisamos entender que estamos falando deles também quando falamos de gênero. Estamos falando de muitos grupos. É importante que a gente continue de alguma forma a reivindicar as discussões, ainda que de maneira paralela ao Estado, uma vez que o Estado tem colocado de lado essa discussão.

**No caso do Enem, um estudante que não tenha uma reflexão pode ter tido dificuldade na prova. Os jovens acabam sendo as maiores vítimas também por outros aspectos?**

Os jovens têm a maior vulnerabilidade, a partir do momento em que você nega uma situação. Você negar que o estudante tenha acesso a esse tipo de conhecimento produzido internacionalmente, que é discussão teórica há mais de 30 anos, que está presente em todas as universidades renomadas no mundo, é negar que a escola seja o canal de divulgação do conhecimento científico. É o Estado brasileiro negando um dos papéis fundamentais, que está na Constituição, de divulgação dos conhecimentos independentemente das posições. As questões de gênero são reconhecidas pelas Nações Unidas, pelas academias. A esses estudantes isso tem sido negado. E a partir deste ano, a negação foi maior ainda.

**E como dialogar com os adultos?**

A grande dificuldade de conscientizar e educar a população adulta é que eles não estão mais institucionalizados, como é o caso dos jovens que estão na escola. Com os adultos a comunicação é mais dispersa. Às vezes, quem acaba fazendo esse papel de é a TV, as novelas. Quando houve uma

discussão do beijo gay na novela, teve uma boa parte da população que repensou seus próprios valores. Vira tema das conversas em casa.

<http://educacao.estadao.com.br/blogs/paulo-saldana/ha-resistencia-de-admitir-a-violencia-especifica-contra-a-mulher-diz-pesquisadora/>

## Meninas, bicicletai seios nus!

Por Reinaldo Azevedo 06/11/2015 02h00

Começo pedindo perdão aos decepcionados por eu não ceder esta coluna a uma mulher. Meu feminismo não deixa. Quando a **Folha** me contratou, entendi que não era em razão de eu ser dotado daquilo a que o ex-ministro do Supremo Ayres Britto, em veredito já célebre, chamou um "plus, um bônus, um regalo da natureza". À época, fiquei em dúvida se ele achava o troço um privilégio ou um apêndice irrelevante.

Até porque, fosse assim, eu teria, por implicação lógica, de enxergar a mulher como um ser "sem plus, sem bônus, sem regalo". E, bem, pedindo as devidas vênias, entendo que mulheres são mais do que homens sem "plus". Sem contar que constituem a minha melhor hipótese de regalo específico mesmo quando me interessam por suas ideias. Às vezes, só quero sexo mesmo. Devo me sentir mal por isso, pedir perdão, tomar banho de creolina?

Nunca me ocorreu que também minhas opiniões tivessem pênis, mas não descarto essa possibilidade por uma questão de rigor intelectual. Confesso, no entanto, que parece estranho procurar a vagina dos textos de Hannah Arendt, de Ayn Rand, de Safo de Lesbos –nesse caso, então, pra quê?

Na sexta à noite, eu estava num café. Passou uma marcha de feministas. Para que um poema de Vinicius fosse ali evocado, só faltava que "bicicletassem". Os seios estavam nus, na cara da sociedade, como luvas de boxe, prontos para o pugilato, em alguns casos ao menos.

Mas seios nus que precisam ser nus para que sejam seios a nu serão nus algum dia de sua própria necessidade de exposição? Na hora, fiquei meio triste. Pensei naquele par como penitentes, condenados a uma luta inglória contra uma servidão abstrata. E eu nunca os tinha visto por esse ângulo sem potência.

Eu lá com a minha caipirinha, num silencioso solilóquio: "Não é preferível fazermos algo bom do que fizemos de nós, libertando-nos de uma predição, a exercer o poder opressor e ressentido das vítimas?". Fosse Nietzsche ou Paulo Coelho, fui interrompido.

Um grupo delas na faixa dos 50, inteiramente vestido, acompanhado de um rapaz (definição de gênero), entra no bar. A mais exaltada manda brasa ao me ver: "Há pessoas que deveriam ser proibidas de entrar num bar". Explica-se: minha opinião contrária ao aborto é pública e conhecida. E aquela era uma marcha em favor do "útero livre" e contra o PL 5.609, de Eduardo Cunha.

Atribui-se ao texto o que nele não está, a saber: criar restrições às hipóteses de aborto que hoje estão livres de pena. É uma mentira. A exemplo do projeto da cura gay, que nunca existiu, também essa é uma bandeira erigida em nome da fé militante, que não vê mal nenhum em recorrer a uma falácia se for por uma "boa causa" –a "boa causa", entenda-se, é a excreção de fetos. As novas esquerdas ou as "feminázis" não inovam nesse particular. Nas suas táticas, há sempre a inspiração de um bigodudo ou de um bigodinho homicidas –machos, é preciso dizer.

A recente prova do Enem levou o tema do feminismo para a redação. Uma das questões citava Simone de Beauvoir como referência do movimento –ainda que ela tenha sido de um servilismo a Sartre às vezes constrangedor, até quando ia pra cama com outros homens. Estava lá: "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher".

A verdade profunda dessa sentença se revela assim: "Ninguém nasce homem, torna-se homem".

No mais, encerro: "Vós que leveis tantas raças/ Nos corpos firmes e crus:/ Meninas, soltai as alças/ Bicicletai seios nus!".

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/reinaldoazevedo/2015/11/1702845-meninas-bicicletai-seios-nus.shtml>

### Sobre o ENEM e a tal Ideologia de Gênero

CÁSSIA 25 out 2015

Desde que se começou a polêmica moralista sobre o ensino da “ideologia” de gênero nas escolas, não pude deixar de sentir vergonha alheia. Quem estuda a linguagem, o discurso e a educação, como eu, sabe que o currículo escolar, os conteúdos ensinados, os livros didáticos e as provas padronizadas – como o ENEM – por serem **discursos criados por pessoas** são **inevitavelmente** ideológicos. O que isso quer dizer? Quer dizer que as ciências sociais e humanas nos últimos anos chegaram à conclusão de que imparcialidade e neutralidade científica são as maiores **ingenuidades** já vividas pela humanidade.

João Wanderley Geraldi (2010) escreveu que o grande problema “no processo de transformação dos conhecimentos em conteúdos de ensino é que aqueles que são hipóteses formuladas para responder a perguntas, enquanto conteúdos de ensino são transmitidos como verdades”. Nunca consegui esquecer essa colocação do autor. Lembrei dos meus tempos de educação escolar primária e secundária – e algumas vezes, infelizmente, na faculdade – em que me foi ensinado as formas “certas” e as formas “erradas” de explicar as problemáticas do mundo.

A maior parte das pessoas que sabe ler, escrever e que está na universidade ou que tem uma profissão já passou pela escola. E como professora e há muito mais tempo, aluna, não pude deixar de notar que uma das maiores heranças que a educação escolar nos deixou foi o pensar dicotômico. E sabe o que é mais complicado nisso? É que achamos e somos levados a acreditar que a vida e a sociedade – de complexidades evidentes – podem ser explicadas dessa forma simplista.



Mafalda, personagem criada pelo argentino Quino.

Quem estuda a linguagem, o discurso e a escola sabe que há bem mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia. Por exemplo, o currículo escolar é um dos instrumentos que organizam os saberes considerados importantes de serem estudados pelos alunos em idade escolar e é o instrumento **Fundamental** no processo conservação dos conhecimentos historicamente acumulados, isto é, os **valores sociais dominantes**.

Contudo, o que são *valores sociais dominantes*? São os valores que por séculos foram tratados como neutros e imparciais. Valores sociais que englobavam e **ainda englobam** uma lógica masculina, branca, heterossexual, cisgênera e monogâmica. Para quem está dentro desse perfil, às vezes fica um pouco complicado de entender que o “o mundo é maior que o teu quarto”.

Entretanto, mulheres, negros e negras, homossexuais, bissexuais, transgêneros, poligâmicos etc, isto é, **pessoas que não estão dentro da norma** sabem perfeitamente do que estou falando. O reconhecimento desta limitação dos currículos fez com que as teorias pós-críticas curriculares afirmassem que as diferenças, subjetividades, poderes, discursos, culturas, gêneros, raças, sexualidades e etnias fossem incluídos nos currículos atuais, pois **de que vale uma educação que ensina a maioria que ela é estranha, errada e inferior?**

Como mulher, muito pouco me vi representada nos conteúdos que aprendi na escola. Nos livros didáticos, me lembro, sempre aparecia no papel de mãe, de filha ou de esposa. Sempre vinculada a profissões consideradas secundárias e/ou femininas, o que para muitos é a mesma coisa. A escola e os livros didáticos durante muito tempo me fizeram acreditar que eu jamais poderia ser a mulher que sou hoje em dia: uma pesquisadora, não daquelas que fica em laboratórios de jaleco branco, mas uma pesquisadora de ciências humanas e sociais, uma pesquisadora que estuda pessoas e comportamento social.

O currículo tradicional está se lixando para as diferenças e as vivências das minorias. A prova do ENEM 2015 foi o resultado de muita luta, muito grito e muito sofrimento. Estamos há tempos aos berros afirmando quantas pessoas são mortas, violentadas, estupradas e são excluídas diariamente no Brasil. De que adianta o ENEM discutir o escândalo da corrupção da FIFA ou o “movimento imigratório para o Brasil no século XXI”, se uma mulher a cada 11 minutos é estuprada no país? De que adianta, se o Brasil é um dos países mais transfóbicos do mundo? De que adianta não admitir o nosso racismo se é normal revistarmos o negro e não o branco? Ser contra a “ideologia” de gênero é ser a favor da desigualdade social, da violência, do silenciamento, do assassinato e da exclusão de pessoas.

<http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/10/25/sobre-o-enem-e-a-tal-ideologia-de-genero/>

**Dilma, a Dona Doida: a redação do Enem e um suposto país de molestadores e estupradores - Presidente magnifica os 55 relatos de abusos em redações do Enem, mas silencia sobre os mais de 53 mil zeros**

Por: **Reinaldo Azevedo** 13/01/2016 às 5:52

O Brasil está sendo tragado pela demagogia e pela incompetência.

Depois de bater um papinho com Aloizio Mercadante, ministro da Educação, a presidente Dilma Rousseff resolveu apelar ao Twitter para tecer comentários sobre a prova de redação do Enem, cujo tema foi “a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Importante? Sem dúvida! E fala aqui, além do indivíduo, o pai de duas filhas, o marido e o filho.

Depois de tecer alguns autoelogios, a governanta mandou ver: “Muitas redações preocuparam os avaliadores c/ depoimentos de pessoas que foram assediadas, estupradas ou testemunharam violência”.

Pois é... Muitas? Precisamente, houve 55 casos. Vamos fazer algumas contas. Inscreveram-se para fazer a prova 7,7 milhões de pessoas. Não achei o número de mulheres, que costumam ser maioria. Se forem 52%, estamos falando de 4 milhões de estudantes.

Matemática: se 10% tivessem relatado abusos, o que seria bárbaro, haveria 400 mil. Se 1% o tivesse feito, 40 mil. Se 0,1%, 4 mil. Se 0,01%, 400. Foram 55 — ou 0,0014%! Vamos pôr uma ordem de grandeza: 0,0014% do peso de uma pessoa de 80 quilos corresponde a 1,12 grama!!!

“Ah, estamos falando de pessoas!” Claro que sim! E é evidente que, sendo verdadeiros tais relatos, essas moças podem precisar de ajuda. O Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos tem como encontrá-las se quiser — embora essas coisas precisem ser feitas com muito cuidado.

Mas cabe a pergunta: estamos falando de “muitas redações”? O número é de tal sorte pequeno que, infelizmente, a realidade deve ser bem pior do que isso. Inaceitável é que a presidente se pronuncie nesses termos, como se estivéssemos a falar de um país de molestadores e estupradores. Isso não é feminismo, não! É mistificação.

O que disse, no entanto, a gestora Dilma Rousseff sobre os 53 mil candidatos que tiraram nota zero na redação? E olhem que alguma coisa aconteceu de 2014 para 2015. No exame anterior, houve 529.374 zeros. Não é preciso ser muito bidu para perceber que houve alguma mudança de critério na correção.

Dilma e todos nós temos o dever moral de nos compadecer com as 55 pessoas que fizeram relatos pessoais, de lamentar os eventuais abusos ocorridos e, cada um segundo a sua possibilidade, amparar os que sofrem. Mas a presidente e seu ministro se perdem na demagogia quando tratam a extrema exceção como se fosse uma regra e sintoma de uma patologia social.

Os 53 mil zeros neste ano — 0,7% do total de inscritos — dão conta da situação miserável da educação brasileira, a pedir a intervenção de uma política pública. E, nesse caso, Dilma, como se percebe, não tem o que dizer.

É mais fácil ficar exercitando feminismo retórico do que qualificar a educação, não é mesmo? Uma coisa se faz apenas com saliva; a outra requer competência.

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dilma-a-dona-doida-a-redacao-do-enem-e-um-suposto-pais-de-molestadores-e-estupradores/>

**Simone de Beauvoir e a imbecilidade sem limites de Feliciano e Gentili -  
A filósofa francesa realizou um estudo sério; se for pra criticar, ao menos façam comentários  
sérios e embasados, sem impedir ou rebaixar a reflexão**

por Djamila Ribeiro — publicado 03/11/2015 17h45

Na última semana assistimos a um grande show de horror no Brasil. Uma questão na prova do Enem que trazia uma frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir e o tema da redação que versava sobre a persistência da violência contra a mulher, causou falsa indignação e respostas tenebrosas por parte de alguns membros da *intelligentsia* (muita ironia, por favor) brasileira.

Marco Feliciano, em sua página de Facebook, desaprovou a questão. Disse se tratar de tentativa de doutrinação e completou: “A primeira pergunta apresentado na prova do Enem (*sic*) deste sábado versa sobre um assunto em que em todas as esferas legislativas de nosso país foi vencida e jogada no lixo, a teoria de gênero, algo que sutilmente tentaram nos inculcar de forma sorrateira e rechaçada pelos parlamentares eleitos democraticamente pela maioria da população e que todas as pesquisas apontam como maioria de fé Cristã e conservadora”, opinou. “Essa frase da Filósofa Simone de Beauvoir é apenas opinião pessoal da autora, e me parece que a inserção desse texto, uma escolha adrede, ardilosa e discrepante do que se tem decidido sobre o que se deve ensinar aos nossos jovens.”

O promotor de Justiça de Sorocaba, Jorge Alberto de Oliveira Marun, também sobre Beauvoir escreveu em sua página de Facebook: “Exame Nacional-Socialista da Doutrinação Sub-Marxista. Aprendam jovens: mulher não nasce mulher, nasce uma baranga francesa que não toma banho, não usa sutiã e não se depila. Só depois é pervertida pelo capitalismo opressor e se torna mulher que toma banho, usa sutiã e se depila”, escreveu.

A declaração fazia referência à célebre frase de Simone de Beauvoir, “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. O comentário ofensivo e desprovido de reflexão crítica rendeu uma nota de repúdio da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Para quem estuda a obra de Simone de Beauvoir como eu, foi uma alegria ver uma questão sobre sua obra numa prova de alcance nacional.

Beauvoir foi uma intelectual importante que, ao lançar *O Segundo Sexo* em 1949, colocou a mulher no centro do debate e rompeu com uma tradição filosófica que a mantinha invisível ou vista a partir do olhar do outro.

Quando lançou a obra, Beauvoir não se entendia como feminista ainda, nesse estudo em específico pensa a categoria de gênero por uma perspectiva existencialista e, como afirma Margaret Simons, uma das maiores especialistas em Beauvoir, posteriormente a obra adquire um caráter fundamentalmente político.

Estudar Simone de Beauvoir é de suma importância por conta de suas grandes contribuições filosóficas. Feliciano colocar a famosa frase de Beauvoir como “opinião dela” mostra seu total desconhecimento de como funciona um sistema filosófico. Maldita *doxa*, diriam os gregos.

Fora isso, houve uma tentativa de querer destruí-la como ser humano em vez de questionar científica e politicamente sua obra dentro das condições históricas a qual estava submetida.

Tanto Feliciano como Marun podem discordar do pensamento dela, mas que tenham competência crítico-argumentativa para fazê-lo em vez de destilarem machismo e burrice. Beauvoir realizou um estudo sério. Se for pra criticar, ao menos façam críticas sérias e embasadas. Não se pode impedir e nem rebaixar a reflexão crítica, por favor.

O que Beauvoir quis dizer com a frase “Não se nasce mulher, torna-se” não é de difícil entendimento. Explico: ao dizer que “não se nasce mulher, torna-se”, a filósofa francesa distingue entre a construção do “gênero” e o “sexo dado” e mostra que não seria possível atribuir às mulheres



certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados. Simples, não é? E faz todo sentido, o ser mulher se impõe; há uma imposição social de como as mulheres devem se comportar.

Diante das várias imbecilidades proferidas, Danilo Gentili, o imbecil mor ficou com inveja e não quis ficar de fora. Em seu programa *The Noite*, um de seus convidados fez piadas violentas escancarando o que há de pior no humor brasileiro.

Já escrevi sobre como o humor não está descolado dos valores da cultura, e o convidado descerebrado de Imbecili, Leo Lins, só comprovou isso ao dizer coisas do tipo: “Eu já li que a cada 12 segundos uma mulher sofre violência no Brasil, mas estou escrevendo a redação há 30 e não vi nenhuma apanhando”.

“Também é preciso ver quem fez a pesquisa... como saber se o sangue é de violência ou ciclo menstrual? Afinal, o sangue que sai de um corpo é o mesmo, não importa o buraco.”

Após esse show de desrespeito absurdo, uma fã de Imbecili criticou o fato de os “humoristas” debocharem de um tema tão sério e disse que não seria mais fã de Gentili. Ao que ele respondeu: “Mas vc jura por tudo que deixou mesmo de ser minha fã? Eu posso até depositar uma grana pra vc me enviar um contrato que nao é mais minha fa. É importante pra mim saber que nao tenho fã arrombada”.

O cúmulo da falta de respeito e de civilidade.

Gentili é o que há de pior na televisão brasileira. Debater temas como violência contra a mulher é importante para a sociedade, há inúmeras pesquisas sérias que comprovam o alto índice de mortes de mulheres por seus companheiros.

Logo debochar disso, além de mostrar que essas pessoas têm problema de caráter e revelar o que há de mais sujo e baixo, é uma forma de concordar com essa violência, de manter as coisas como estão. Gentili poderia fazer um favor à humanidade e permanecer calado até aprender a ser gente.

Apesar de toda a manifestação horrenda de Feliciano, Marun e Gentili, vejo algo positivo nisso tudo. É urgente que temas como esses sejam debatidos e ensinados, se estão incomodando é porque talvez estejamos no caminho da mudança.

Como disse Érico Veríssimo: “Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento”.

As três figuras aqui citadas querem permanecer erguendo as barreiras da ignorância, do desrespeito e machismo. Façamos moinhos de vento.

<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/simone-de-beauvoir-e-a-imbecilidade-sem-limites-de-feliciano-e-gentili-6444.html>